

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião

Sandra Helena Barroso

CONGO DO DIVINO ESPÍRITO SANTO DE PINHÕES/MG:
abertura de um Reinado por Mulheres

Belo Horizonte
2016

Sandra Helena Barroso

CONGO DO DIVINO ESPÍRITO SANTO DE PINHÕES/MG:
abertura de um Reinado por Mulheres

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Ciências da Religião.

Orientador: Prof. Dr. Adilson Schultz

Área de concentração: Religião e Cultura

Belo Horizonte
2016

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

B277c Barroso, Sandra Helena
Congo do Divino Espírito Santo de Pinhões/MG: abertura de um reinado por
mulheres / Sandra Helena Barroso. Belo Horizonte, 2016.
141 f. : il.

Orientador: Adilson Schultz
Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião.

1. Congadas - Pinhões (MG: Povoado). 2. Festas religiosas - Igreja Católica.
3. Poder (Teologia cristã). 4. Mobilidade social. 5. Ritos e cerimônias. I. Schultz,
Adilson. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-
Graduação em Ciências da Religião. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 398.33

Sandra Helena Barroso

CONGO DO DIVINO ESPÍRITO SANTO DE PINHÕES/MG:
abertura de um Reinado por Mulheres

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Ciências da Religião.

Prof. Dr. Adilson Schultz - PUC Minas (Orientador)

Prof. Dr. Antônio Geraldo Cantarela - PUC Minas (Banca examinadora)

Prof^a. Dr^a. Léa Freitas Perez– UFMG (Banca examinadora)

Belo Horizonte, 22 de junho de 2016.

*Dedico este trabalho a todos que,
de uma forma ou outra, ajudaram-
me a realizá-lo.*

AGRADECIMENTOS

A meu mestre espiritual, meu agradecimento.

À minha família:

Meu pai, você me ensinou a brincar com a vida.

Minha mãe, você sempre será meu exemplo de fé, humildade e sabedoria.

Minha irmã Marlene, você me ensinou a ter coragem e seguir em frente.

Meu irmão Carlos, você me ensinou a cantar a vida.

Minha irmã Marilene, você me ensinou a descobrir a criança que existe em nós.

Minha irmã Elizabeth, você me ensinou a enfrentar a vida.

Meu irmão Leônidas, consegue imaginar o orgulho que tenho de você? Além de irmão, é meu grande mestre, alguém de um grande coração, companheiro das Academias. Obrigada por me ajudar a percorrer essa jornada.

Minha irmã Maria (Juju), consegue imaginar a alegria em conviver com você? As dicas de como redigir melhor um texto, as madrugadas “perdidas” ouvindo meus relatos acadêmicos.

As trocas de mensagens on-line pelo WhatsApp. Obrigada por tudo!!!

Ao meu companheiro Geraldo Lara, durante todo o meu trajeto junto à Comunidade de Pinhões, desde 2008. Você meu companheiro... que bom ter você em minha vida! Obrigada!

Aos meus amigos:

Irmã Mariza, e todas as monjas por me acolherem no Convento de Macaúbas, onde, no silêncio das madrugadas, eu escrevia páginas de meu trabalho acadêmico...

As minhas amigas e amigos do Coral Imaculada Conceição de Macaúbas e ao pároco Raimundo por me acolherem.

À Maria do Carmo por ter me conduzido à Comunidade de Pinhões.

Aos meus colegas da Academia de Letras de Teófilo Otoni/MG, especialmente à professora Elisa Augusta de Andrade Farina e ao professor Wilson Colares da Costa, por confiarem em meus propósitos acadêmicos.

À Mariana Ferreira, colega da Academia de Letras de Teófilo Otoni, por me ajudar a organizar metodologicamente essa pesquisa.

Aos professores: Vânia Alves, José Alfredo Oliveira Debortoli, Walter Ernesto Ude Marques e Cristiane Miryam Drumond de Brito dos estudos do lazer da UFMG, pelo incentivo e pela ajuda durante o processo de aprendizagem, além das conversas inspiradoras.

Aos meus colegas de trabalho da Escola de Educação Física da UFMG pelo apoio, colaboração e incentivo.

Às minhas alunas Joana, Edna, Pamela, Aparecida, Luca, Jane, Conceição, Luana e todas as demais do grupo cultural Renascer de Pinhões, por acreditarem em meus propósitos.

À Universidade Federal de Minas Gerais, pelo apoio e incentivo à qualificação.

À Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais por oferecer condições para o exercício acadêmico. Agradecimento especial a Dênia, da secretaria de Pós-Graduação em Ciências da Religião, pelas valiosas contribuições e ao Felipe pelas resoluções de minhas dúvidas e minhas correrias de última hora. Agradecimento a todos os professores do Programa de Pós-Graduação, porque por meio das disciplinas ministradas me enriqueceram e me fizeram refletir o campo religioso brasileiro. E aos meus colegas do Curso de mestrado por compartilharem comigo nessa jornada.

Aos membros da banca, pela disponibilidade, pelas valiosas contribuições e por me fazerem refletir.

Ao meu orientador professor Adilson Schultz, pela orientação segura. Admiro sua competência e sua maneira alegre de lidar com as pessoas. Sempre me inspiro na visão sociológica, histórica e religiosa que você tem da área. Sinto-me privilegiada por ter trabalhado com você durante esse período. Obrigada sempre!

Ao professor Antônio Geraldo Cantarela, pelas orientações e dicas no desenrolar da pesquisa de campo. Admiro sua humildade, sabedoria e competência. Obrigada!

Às mulheres e aos homens do Congado de Pinhões por me permitir em dizer sobre vocês nesse campo de alteridade, nesse mundo de incertezas. Se não fosse por vocês, também, essa pesquisa não teria sido realizada. Obrigada por me acolherem e acreditarem em mim!

Enfim, se de uma forma ou outra deixei de citar alguém, peço desculpas, porque, com certeza, seriam inúmeras páginas a serem preenchidas, uma vez que essa pesquisa foi feita por “várias mãos”. Meus sinceros agradecimentos.

*“Sabedoria é o poder do discernimento,
compreensão mais profunda e criatividade.”*

Elisabeth Schüssler Fiorenza

RESUMO

Esta pesquisa partiu do enunciado de que as mulheres podem exercer funções na capitania, tais como tocar, cantar e dançar, além das funções que lhes foram atribuídas como rainhas, princesas e cozinheiras no Trono Coroado na instância do Reinado. Denomina-se Reinado a vivência dentro do Congado, e é considerado expressão religiosa católica, típica dos negros, em que grupos de pessoas cantam e dançam em louvor à Nossa Senhora do Rosário e aos seus santos de devoção. Este trabalho teve como foco de análise a Guarda de Congo do Divino Espírito Santo de Nossa Senhora do Rosário da comunidade de Pinhões, Minas Gerais, Brasil. Essa comunidade conta anualmente com a festa de Nossa Senhora do Rosário e a festa do Divino Espírito Santo. A Guarda de Honra dos Catopês, formada por homens, tradicional na comunidade, é responsável pela festa de Nossa Senhora do Rosário. A Guarda de Congo do Divino, fundada em 2013, formada por mulheres, é responsável pela festa do Divino Espírito Santo. Estamos diante da abertura de um Reinado. Nesse sentido, a pesquisa teve como pergunta mobilizadora: por quais razões as mulheres de Pinhões abriram seu Reinado? Assim, o objetivo primordial foi analisar essas razões. Para tanto, foi feita uma pesquisa de cunho etnográfico em que procurou-se entrevistar seis mulheres e um homem que exercem funções de destaque na Guarda. Os autores que alicerçaram essa pesquisa foram Pierre Bourdieu (1989, 1999, 2010), Ivone Gebara (1991, 2000a, 2000b), João Libânio (2000, 2004, 2011), Roberto da Matta (1986, 1990, 2013) e Arnold Van Gennep (2013). Esse referencial teórico permitiu refletir acerca da inclusão da mulher em espaços anteriormente reservados aos homens e demonstrou as razões pelas quais essas mulheres abriram seu Reinado. A dissertação está estruturada em cinco capítulos: Introdução, Abertura do Reinado do Congo do Divino de Pinhões, Elementos teóricos sobre a festa e o rito em Pinhões, Entre a fé e o poder as mulheres abrem um Reinado e as Considerações Finais. Pela pesquisa, foi possível concluir que a mulher pode exercer outras funções no Reinado, abrindo novos espaços para seu exercício.

Palavras-chave: Congado Feminino. Festas Religiosas. Poder. Mobilidade.

ABSTRACT

This research started from the statement that women can perform duties in the captaincy, like, playing, singing and dancing, in addition to the functions assigned to them as queens, princesses and cooks on the Crowned throne in instantiates the Reign. It is called Reinado, the experience within the Congado considered Catholic religious expression, typical of black people, where groups of people sing and dance in honor of Our Lady of the Rosary and their saints of devotion. This research had as focus of analysis the Congo Guard of the Holy Spirit of Our Lady of the Rosary of Pinhões' community, Minas Gerais, Brazil. This community has annually the feast of Our Lady of the Rosary and the feast of the Holy Spirit. The Honor Guard Catopês, formed by men, traditional community, is responsible for the feast of Our Lady of the Rosary. The Divine Congo Guard, founded in 2013, formed by women, is responsible for the Divine Holy Ghost feast. We are witnessing the opening of a reign. In this sense, the research mobilizing question was: for what reasons Pinhões' women opened their reign? The primary objective of the research was to analyze those reasons. For this, it was made an ethnographic research in which one sought to interview six women and a man engaging prominent roles in the Guard. The authors that supported this research were Pierre Bourdieu (1989, 1999, 2010), Ivone Gebara (1991, 2000a, 2000b), João Libânio (2000, 20004, 2011), Roberto da Matta (1986, 1990, 2013) and Arnold Van Gennep (2013). This theoretical framework allowed to reflect about the inclusion of women in areas previously reserved for men and showed the reasons why these women opened their reign. The dissertation is divided into five chapters: Introduction; Pinhões' Reinado Opening of Divine Congo; Theoretical elements of the party and the rite in Pinhões: Between faith and power women open up a Reign; Final considerations. The research make it possible to conclude that the woman may perform other tasks in Reinado, opening new spaces for exercise.

Keywords: Female Congado. Religious Festival. Power. Mobility.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Integrantes femininas do Congo do Divino, 2015	18
---	----

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - Mapa de Localização de Pinhões - Santa Luzia / MG.....	24
FIGURA 2 - Busca das Bandeiras	32
FIGURA 3 - Hasteamento dos Mastros	32
FIGURA 4 - Coroação da Rainha e do Rei Perpétuos.....	35
FIGURA 5 - Consagração das Capitãs	38
FIGURA 6 - Consagração da Bandeireira	40
FIGURA 7 - Consagração da Princesa e do Príncipe	42
FIGURA 8 - Consagração da Guarda	43
FIGURA 9 - Imperador e Imperatriz do Divino	46
FIGURA 10 - Cortejo do Divino Espírito Santo	48
FIGURA 11 - Agradecimento à mesa	49
FIGURA 12 - Momentos da Missa Campal	52

ENTREVISTAS

As entrevistas estão organizadas pela ordem sequencial em que as falas das entrevistadas e do entrevistado aparecem no texto. Elas estão numeradas do um ao sete e relacionadas às páginas em que se encontram. Em seguida, estão especificados o nome e a função de cada um dentro da Guarda. Para gerar estes dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas nas casas, na quadra e no centro catequético da Comunidade. Estas foram gravadas com gravador digital e posteriormente foram transcritas. Cabe ressaltar que as entrevistas são importantes, uma vez que, por meio delas é possível produzir textos e, também, apresentar a realidade social e religiosa sob a ótica do grupo entrevistado.

NÚMERO DAS ENTREVISTAS	PÁGINAS
ENTREVISTA 1.....	31
ENTREVISTA 2.....	37, 39, 54, 57, 63, 76, 86, 87, 88, 89, 92, 99, 101
ENTREVISTA 3.....	34, 39, 51, 58, 71, 84, 85, 90, 92, 99, 106
ENTREVISTA 4.....	41, 59, 64, 76, 84, 90, 92, 97, 103
ENTREVISTA 5.....	33, 34, 51, 68, 76, 84, 85, 87, 90, 92, 93, 95, 96, 97, 100
ENTREVISTA 6.....	38, 39, 102
ENTREVISTA 7.....	41, 93

ENTREVISTA	NOME	FUNÇÃO / GUARDA
1	Aparecida de Jesus Lima	Dançante e Cantante
2	Maria Rosalina Páscoa	Primeira Capitã
3	Aparecida dos Santos C. Evangelista	Segunda Capitã
4	Simone Maria Teles	Bandeireira
5	Joana D'Arc da Conceição Barbosa	Dançante e Cantante
6	Marlon Lima	Capitão Regente
7	Maria Luiza da Silva Gomes	Dançante e Cantante e Instrumentista Mirim

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	15
1.1 Rituais de abertura da dissertação.....	15
1.2 Rituais de exposição da dissertação	19
1.3 Rituais de encerramento da dissertação	21
2 ABERTURA DO REINADO DO CONGO DO DIVINO DE PINHÕES/MG	24
2.1 A História do Congado de Pinhões preliminar às mulheres de Pinhões	24
2.1.1 A Comunidade de Pinhões/MG	24
2.1.2 O Congado de Pinhões/MG.....	25
2.1.3 Os Catopês de Nossa Senhora do Rosário	29
2.2 Ritos de Abertura do Reinado Feminino	31
2.2.1 Abertura do Reinado.....	32
2.2.2 A Consagração da Guarda do Divino no dia de Pentecostes.....	33
2.3 A presença da Guarda feminina na festa do Divino	45
2.4 Ritos de Encerramento da festa do Divino	51
3 ELEMENTOS TEÓRICOS SOBRE A FESTA E O RITO EM PINHÕES/MG	56
3.1 O Reinado Feminino, como festa.....	56
3.1.1 Por uma teoria da festa.....	56
3.1.2 A importância da festa no Congado.....	60
3.1.3 (Re)ligare: aspectos da religião e da festa	64
3.2 O Reinado Feminino do Congo do Divino, como rito.	72
3.2.1 Mito: narrativa presente no Congado de Pinhões.....	73
3.2.2 Ritos: presença de suas dimensões no Congo do Divino.	73
3.2.3 Rito de passagem do Congo do Divino: de Trono Coroado à Capitania.....	75
4 ENTRE A FÉ E O PODER AS MULHERES ABREM UM REINADO	79
4.1 Congo do Divino: por uma questão de poder.....	79
4.2. O Congo do Divino: por uma questão de gênero	81
4.3 O Congo do Divino: por uma questão de fé	98
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
REFERÊNCIAS	109
APÊNDICE A - Roteiro das Entrevistas	114
APÊNDICE B - Redação	116

APÊNDICE C – Transcrição da entrevista de número 2.....	117
APÊNDICE D – Transcrição da entrevista de número 5.....	126
APÊNDICE E –Fotografias coloridas.....	131
APÊNDICE F – Imagem do povoado de Pinhões no município de Santa Luzia/MG .	134
APÊNDICE G – Pintura em tela, congado de mulheres de Pinhões, 2016.....	135
ANEXO A – Termo de Assentimento.....	136
ANEXO B – Termo de consentimento livre e esclarecido	138

1 INTRODUÇÃO

A presença da pesquisadora como parte integrante de seu objeto de estudo tem possibilidade de abertura ao outro ao interagir com a sociedade nesse campo de alteridade. Neste mundo de incertezas, do imprevisível, promover o diálogo com o outro pode ser um caminho. Assim, esse percurso faz parte do aprendizado que pode ser considerado um aspecto inseparável da prática social.

Diante do exposto, pesquisar sobre as mulheres do Congo do Divino de Nossa Senhora do Rosário é dizer um pouco da história de Minas Gerais. É descortinar valores históricos, sociais e religiosos de um Brasil afrodescendente e refletir sobre a realidade da Comunidade de Pinhões, na qual vivem pessoas festeiras que dançam e cantam a vida. São mulheres do Congado, por excelência filhas do Rosário.

Nesse sentido, DaMatta (2013) afirma que “Falar em vida social é falar em ritualização.” (DAMATTA, 2013, p.10). Desse modo, a introdução do estudo segue a estrutura dos rituais de uma festa em três momentos (partes): o primeiro momento é a *abertura*, em que se descreve o trajeto para se chegar até Pinhões e o percurso teórico metodológico. O segundo momento é a *exposição*, em que a pesquisa apresenta o tema, o objetivo e as hipóteses. Por conseguinte, o terceiro momento é o *encerramento* no qual se descreve os capítulos. Isso nos leva a fazer a seguinte consideração: já que antes de terminar uma festa já nos preparamos para outra, assim também é uma pesquisa, ela não se encerra em si mesmo.

1.1 Rituais de abertura da dissertação

No que diz respeito às ideias iniciais sobre a pesquisa, é interessante mencionar o que motivou a realizá-la. Sendo assim, tudo começou em 2008, quando encontrava-me em um restaurante nas proximidades da Comunidade de Pinhões e conheci uma cozinheira que dizia ser cozinheira do Congado. Naquele instante surgiu a curiosidade em conhecer o Congado que acontecia na festa de Nossa Senhora do Rosário. Congado... Já tinha ouvido falar, mas o que seria propriamente esse termo? Perguntei para a cozinheira se o Congado era uma festa, uma religião, uma diversão ou manifestações folclóricas e culturais. Lembro-me que ela disse: “Só mesmo indo na festa de Nossa Senhora do Rosário que você vai saber o que é!”. Após essa conversa, não saía de minha mente a ideia de ir à festa e ver do que se tratava o Congado.

Segui minha intuição e, no mês de maio, fui conhecer os preparativos que antecedem a festa de Nossa Senhora do Rosário de Pinhões, que se realizou em outubro de 2008.

Neste mesmo ano foram abertas vagas para o Curso de Pós-Graduação em Lazer, oferecido pela Escola de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais. Recordando-me da situação vivida na Comunidade de Pinhões, uma das ideias que tive foi a de construir um projeto que abordasse o tema do Congado. Assim, alguns questionamentos se mostraram relevantes: O que dizer sobre esse tema? De que forma essa questão poderia ser abordada?

Uma das justificativas para esse meu interesse é que, desde criança, eu sempre gostava de assistir às festas, sendo elas religiosas ou não. Minha mãe contava que na cidade de Teófilo Otoni/MG, onde nasci, existiam as pastorinhas que faziam parte do Ciclo de festas natalinas e eu ouvia suas histórias. Ao ouvir os relatos de minha mãe, as festas começaram a fazer parte do meu imaginário. Então, apesar de participar das festas religiosas, eu ainda não conhecia o Congado. Ainda que demonstrasse interesse, não tinha ideia de como começar a pesquisar um tema sobre o qual não tinha conhecimento.

Conversei novamente com a cozinheira do Congado, que me conduziu até a comunidade, apresentando-me à nora da rainha perpétua, conhecida como senhora Lilia. Essa senhora comentou que, para saber sobre o Congado, eu deveria procurar pela senhora Maria Geralda que, naquela época, era representante da Associação das Mulheres Quilombolas de Pinhões. De caderno e caneta nas mãos, olhar curioso e um pouco tímida, conversei com a senhora Maria Geralda¹ e ela narrou com detalhes a festa de Nossa Senhora do Rosário. Comentou que o Congado intitulado Catopês era responsável por abrilhantar a festa. Mais uma vez a curiosidade: quem eram os Catopês? Maria Geralda apontou para o fato de que, se fosse de meu interesse conhecer os Catopês, eu deveria, então, procurar o mestre responsável por essa Guarda, o senhor Guerino. A curiosidade “falava” mais alto e, então, fui até a casa do senhor Guerino para conversar com ele. Com receptividade disse que me informaria sobre o Congado dos Catopês. Assim, a partir de seu depoimento, arrisquei apresentar o projeto de pesquisa intitulado “A Festa de Nossa Senhora do Rosário de Pinhões”, o qual foi aceito pela coordenação do Curso de Lazer, da Escola de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais. Após minha aprovação, busquei leituras que me auxiliassem em minha

¹ Maria Geralda Gonzaga hoje é representante da Associação das Mulheres de Pinhões. Luta pela questão “quilombola” do lugarejo. É rainha perpétua do Reinado de Nossa Senhora do Rosário, do Congado dos Catopês. Foi convidada especial de um grupo de mestrandos e doutorandos dentro de uma disciplina intitulada: subjetividade e interdisciplinaridade do Curso de Pós-Graduação em Estudos do Lazer, da Universidade Federal de Minas Gerais. Apontou questões sobre a mulher no contexto do Congado.

pesquisa e tornei-me participante da festa do Rosário e de assuntos que envolviam a comunidade.

Em agosto de 2008, ingressei no Curso de Pós-Graduação em Lazer da Escola de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais. Nesse Curso, conheci a professora Vânia Noronha Alves e os professores José Alfredo Oliveira Debortoli e Walter Ernesto Ude, que me incentivaram a prosseguir com os estudos do Congado. Posteriormente, finalizei o curso de especialização em Lazer. Como a Comunidade passou a me conhecer a partir daquela pesquisa, fui convidada pela senhora Maria Geralda para coordenar o grupo cultural intitulado Renascer criado pelas mulheres de Pinhões. Aceitei o convite e, a partir deste momento acompanhei a trajetória dessas mulheres.

Em relação ao meu envolvimento com a Comunidade de Pinhões, ao olhar para o meu caderno de campo, pude perceber que ele era muito pequeno para tantas histórias e estórias de Pinhões. Acredito que nenhuma pesquisadora pode ser considerada completamente neutra (apesar de que neutralidade não quer dizer imparcialidade) em suas pesquisas. O estranhamento faz parte, mas acima de tudo, entre a pesquisadora e a/o pesquisada/o há um compromisso pelo qual cada “ethos” deve ser respeitado. Portanto, hoje, falo de “dentro” do Congado e percebo que se tornar congadeira não é converter-se a uma religião, mas saber respeitar a religião da/o outra/o. E poder compartilhar com aqueles que têm algo a nos dizer e o que nós também temos a lhes dizer.

Assim, acredito que o diálogo é possível entre o campo e a academia. Sinto-me às vezes como Guimarães Rosa – permitam-me fazer essa comparação – entre a vivência acadêmica e a do campo. Também está presente nas teorias clássicas, nas contemporâneas, nas epistemologias, nas hermenêuticas, nos paradoxos e a na simplicidade do campo, onde vidas transitam e nos mostram a realidade de nossa sociedade. É por esse viés, portanto, que se pode construir uma sociedade possível, apesar de sermos filhos e filhas de uma sociedade estruturalista e sermos moldados por ela.

Nesse contexto, para o desenvolvimento deste estudo, utilizou-se pesquisa de campo com o método etnográfico. Foram entrevistadas duas capitãs da Guarda, a bandeireira, duas mulheres (cantantes e dançantes do Congado), uma criança e o capitão regente. Essas pessoas foram entrevistadas em suas próprias casas e no Centro Catequético da Comunidade. Foi realizada uma entrevista coletiva com as mulheres de Pinhões, com o intuito de conhecer o que elas tinham a dizer sobre a festa e suas participações no Congado.

Quanto aos integrantes, o quadro 1 mostra a presença feminina no Congado. Esses dados são frutos da entrevista coletiva realizada com as mulheres que fazem parte do Congo

do Divino. Das trinta e cinco integrantes, vinte compareceram à entrevista, que foi realizada na quadra esportiva da Comunidade.

**Quadro 1 - Integrantes femininas do Congo do Divino, 2015
(Dançantes, Cantantes e Capitãs)**

Integrantes	Quantidade
Crianças/Adolescentes/ Jovens	7
Adultas	13
Total	20

Fonte: Dados da Pesquisa, 2015.

Um dos instrumentos metodológicos utilizados foi a aplicação de uma redação com o tema “ser mulher” (Apêndice B - página 115). Além disso, para a realização das entrevistas, foi elaborado um questionário semiestruturado, cujas respostas foram gravadas com a utilização de um gravador digital e depois transcritas (Apêndice A - Roteiro das Entrevistas, página 113; Apêndice C - página 116; Apêndice D - página 125). Também se utilizou uma gravação em DVD, que culminou em um documentário da festa e da consagração da Guarda de Congo do Divino. Estes eventos ocorreram em 08 de junho de 2014. As informações pertinentes para complementar esse estudo foram anotadas no caderno de campo.

Quanto à fundamentação teórica, esta pesquisa apoia-se em autores clássicos e contemporâneos apresentados de acordo com os subtemas de cada capítulo. O primeiro capítulo evidencia as fases do trajeto teórico metodológico da pesquisa. O segundo capítulo apresenta os ritos de abertura do Reinado do Congo do Divino, desde a história que o antecede assim como sua importância na festa. Destacam-se os autores: Durkheim (1996), DaMatta (1990), Van Gennep (2013), Alves (2008, 2009), Soares (2009) e Schultz (2014). O terceiro capítulo traz os elementos teóricos sobre festa e rito e a questão do (Re) ligare presente tanto na religião quanto na festa, baseando-se em Durkheim (1996), Duvignaud (1983), DaMatta (1986, 1990, 2013), Libânio (2011), Van Gennep (2013), Whitmont (1991), Schultz (2014) e Alves (2008). No quarto capítulo, com relação ao poder, gênero e fé na instância do Congado, tem-se como fundamentação da discussão os trabalhos de Bourdieu (1989, 1999, 2010), Gebara (1991, 2000a, 2000b) e Libânio (2004).

Ao delimitar o tema, que é o Congado do Divino Espírito Santo de Nossa Senhora do Rosário, faz sentido investigar se a criação de uma nova Irmandade rompeu com os Catopês. Para tanto, esta pesquisa fundamentou-se nos estudos feministas em Ivone Gebara (2000a),

uma vez que analisa se houve uma mobilidade² das mulheres de Pinhões e de que forma isso aconteceu. Também, apresentam-se reflexões sobre a fé, amparado por estudos do autor João Libânio (2000, 2004).

Diante do exposto, cabe mencionar que essa expressão religiosa revela um momento único, que com certeza, não se repetirá com a mesma proporção da que ocorreu naquela manhã de 08 de junho de 2014: a abertura de um Reinado por mulheres. É um marco da constituição religiosa, social e cultural da Comunidade de Pinhões/MG.

1.2 Rituais de exposição da dissertação

Esta etapa apresenta o Congado como uma das expressões religiosas presentes em Minas Gerais. Dos 853³ municípios mineiros, onde são comemoradas as festas dos santos católicos, 67 municípios comemoram a festa de Nossa Senhora do Rosário. Isto representa aproximadamente 8%, sem contar os municípios que não foram contabilizados, por não trazerem as datas em seus calendários festivos, e as demais comemorações em Belo Horizonte. Além disso, é interessante o fato de que Minas Gerais possui muitas festas de santos e santas padroeiros, tais como: Santo Antônio, São Pedro, São João, São Geraldo, Sant'Ana, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora da Piedade e diversos títulos que os santos e santas recebem de acordo com as localidades.

Nesse quadro, ressalta-se que Congado ou Congadas são expressões religiosas populares que se dão a grupos que dançam, tocam e cantam em louvor a Nossa Senhora do Rosário e seus santos de devoção. Qualquer guarda de Congo pode denominar-se Congado. Quanto ao Reinado, ele é a vivência dentro do Congado, pautado em fundamentos sobre os quais o grupo se organiza com seus reis, rainhas, capitãs e capitães. O seu objetivo é buscar viver bem e manter os seus fundamentos, mandamentos e sacramentos.

Devido à complexidade do Congado, procurar a sua origem torna-se uma tarefa difícil, e demarcá-la pode ocasionar divergências entre as/os pesquisadoras/es. O fato é que o Congado pode ser considerado expressão religiosa e, dessa forma, deve ser respeitado como as demais religiões, independentemente de suas origens. Torna-se viável, portanto, serem disponibilizados os conceitos que se tem do Congado e, a partir deles, traçar linhas que nos

² O conceito de mobilidade utilizado por Ivone Gebara (2000a) relacionado a gênero, não deve ser confundido com o conceito de mobilidade, mobilização social referente ao movimento de indivíduos pelas classes sociais.

³ Esses dados estatísticos foram retirados da obra Minas é uma festa, do autor Aírton Guimarães. Belo Horizonte: Rona Editora, 2011.

ajudarão a refletir sobre a importância dessa expressão religiosa. Não necessariamente buscar a origem do Congado, mas fatos que sustentem sua existência.

Em relação ao sistema religioso⁴ do Congado, os símbolos estão presentes onde os rituais, mitos, fé e devoção fazem parte do culto das/os Congadeiras/os. Assim, segundo Pereira (2005):

O Congado é um sistema religioso complexo no qual encontramos referências à ordem social e às expectativas de transcendência de seus integrantes. [...] E como sistema religioso, por sua vez não se impõe como uma estrutura definida através de parâmetros legais. O sistema congrega as disposições para a vivência do sagrado e não figura necessariamente como agente oficial de determinação dos padrões sociais. (PEREIRA, 2005, p. 450).

Para o autor, o Congado é um sistema que se difere dos parâmetros institucionais. Desse modo, não possui doutrinas vigentes e não precisa construir templos para o exercício de sua devoção. As/os Congadeiras/os nos limites da instituição católica se definem católicos e “Fora desses limites se autodefinem como filhos do rosário, pretinhos do rosário, marinheiros ou vassalos.” (PEREIRA, 2005, p.451).

Nesse sentido, esta pesquisa adota o conceito de Congado definido pelo autor Edimilson Pereira (2005) como “Sistema Religioso Complexo”. Dentro desse sistema religioso existem duas matrizes que se aproximam e por muitas vezes se divergem. Aproximam-se porque há uma mobilidade de elementos religiosos no interior do Congado e divergem porque, por muitas vezes, não são compreendidas dentro do universo católico. Mas uma matriz religiosa não necessariamente elimina a outra, “todas trabalham continuamente para fazer do Congado um sistema caleidoscópico dotado de coerência própria, que permite os devotos de serem cristãos (filhos de Nossa Senhora do Rosário) e não cristãos (filhos de zambi).” (PEREIRA, 2005, p.452).

Pensando nas/os devotas/os este trabalho apresenta a Guarda de Congo do Divino Espírito Santo mais especificamente nos rituais de consagração na festa do Divino Espírito Santo de 2014. Esta Guarda é formada por mulheres de diversas faixas etárias, que louvam Nossa Senhora do Rosário. O contexto é a comunidade quilombola⁵ de Pinhões, no município de Santa Luzia, Minas Gerais. Comunidade essa que, além de contar com a Guarda de Congo

⁴ Utilizar o termo “sistema religioso” é pertinente, porque como sistema, abarca diversos elementos simbólicos que também o caracteriza.

⁵ A comunidade de Pinhões ainda se encontra em processo de reconhecimento como quilombolas.

feminina, também conta com a Guarda masculina intitulada Catopês⁶ tradicional neste povoado.

No que diz respeito à atuação feminina, as mulheres de Pinhões deixaram posições secundárias da tradicional festa dos Catopês para ocuparem posições de maior destaque na festa do Divino Espírito Santo, ao criarem o Congado feminino. Em algumas Guardas de Congo, as mulheres ocupam funções de rainhas, princesas e cozinheiras. Com a mobilidade das mulheres de funções secundárias para as funções de maior destaque, surgiram conflitos e tensões. As mudanças ocorridas no contexto religioso de Pinhões com a criação de uma nova Irmandade nos fazem repensar se o Congo do Divino rompeu com os tradicionais Catopês.

Os Catopês, por sua vez, acompanharam este processo de mudança ao perceberem que o Congo feminino encontrou seu espaço ao criar algo novo frente a uma tradição patriarcal. No município de Santa Luzia, onde se comemora o Congado, existem outras Guardas de Congo em que mulheres participam, porém em funções diferenciadas. É nesse sentido que se coloca a questão fundamental desta pesquisa: *Por quais razões as mulheres de Pinhões decidiram criar uma nova Irmandade, uma vez que já existe uma tradição dos Catopês?*

A partir dessa questão primordial desdobram-se quatro questões secundárias, para orientar o trabalho de pesquisa, que consistem em: Quais são as funções que as mulheres exerciam na festa de Nossa Senhora do Rosário e as funções que exercem na festa do Divino Espírito Santo? Como se sentem vivendo em espaços institucionalizados como Igreja e família? Qual o valor da festa em suas vidas? Que mulheres são essas? A partir destes questionamentos é necessário pensar nas pistas e nas perspectivas que podem ser levantadas a partir da realização da pesquisa para o contexto religioso de Pinhões.

Diante disso, a hipótese formulada para a questão fundamental que orienta este trabalho é a de que as mulheres de Pinhões, que atuam hoje no Congo do Divino Espírito Santo, não tiveram apoio dos Catopês. Isso ocorreu quando sentiram a necessidade de participar do Congado masculino nas categorias de dançantes e cantantes. Essa afirmação decorre do contato da pesquisadora com as mulheres de Pinhões e, também, com os Catopês, que relatam terem dificuldades para abordar a participação das mulheres no Congado devido a um estatuto masculino, em virtude de uma tradição.

1.3 Rituais de encerramento da dissertação

⁶ Em alguns estudos sobre o Congado a palavra Catopês também segue a seguinte grafia: Catopé e Catupê.

Esta etapa se assemelha aos rituais de encerramento de uma festa. Na realidade não se trata de um término, mas de um processo cíclico. Assim, questiona-se: Como se dá esse processo? Partindo desse contexto, os capítulos funcionam como uma roda viva em que os autores dialogam com os sujeitos da pesquisa, e a pesquisadora dialoga com ambos. Esses três sujeitos, isto é, as/os autoras/es (acadêmicos), as entrevistadas/os (campo) e a pesquisadora (intérprete da teoria e da prática), contribuem para o aprendizado. Isso demonstra, então, a relevância do campo na articulação entre os autores e a pesquisadora. Todos os três são necessários, tendo em vista que o campo funciona como a ligação entre os autores/as e as/os pesquisadoras/es.

Diante do exposto, explicita-se como seguem os capítulos. O primeiro apresenta as etapas da pesquisa, comparando-as aos rituais de uma festa do Congado, ou seja, os rituais de abertura (trajetória), exposição (tema) e encerramento (capítulos) dessa dissertação. Por conseguinte, o segundo capítulo evidencia os ritos de abertura do Reinado do Congo do Divino de Pinhões, iniciando-se com a história do Congado anterior às mulheres. Posteriormente, descrevem-se os ritos de abertura desse Reinado, a consagração e coroação das/os integrantes da Guarda. Também, relata-se a presença do Congo do Divino na festa de pentecostes, assim como os ritos de encerramento da festa do Divino. Como embasamento teórico nessa seção, utilizou-se conceitos em Durkheim (1996), DaMatta (1990), Van Gennep (2013), Alves (2008, 2009), Soares (2009) e Schultz (2014). É possível ver, desse modo, as falas das/os entrevistadas/os entrecruzando-se com as teorias abordadas. Cabe destacar que esse capítulo é mais descritivo devido à importância que se dá aos detalhes dos rituais. Portanto, é mais ilustrativo e, através das fotos, é possível perceber cenas de uma história de vida religiosa de mulheres que se arriscaram e propuseram uma mudança da ordem das coisas. (BOURDIEU, 2010).

O terceiro capítulo apresenta os elementos teóricos sobre a festa e o rito em Pinhões, para a constituição do Reinado feminino. Constitui-se, então, de duas etapas: a primeira busca conceituar festa e sua importância e, em seguida, discorre sobre a questão do (Re) ligare presente tanto na festa como na religião. Por sua vez, a segunda etapa apresenta o Reinado feminino do Congo do Divino como rito. Para tanto, busca conceitos e teorias sobre os ritos e sua importância para o contexto do Congado. Posteriormente, analisa-se o Trono Coroado e a Capitania como ritos de passagem, considerados em suas dimensões ritualísticas que estão presentes no Congado. Ressalta-se que pensar a sociedade é “olhar” para suas formas ritualísticas e pensar o social não tem como desvincular seus ritos, seus mitos, seu imaginário. Para tanto, este estudo avalia propostas em Van Gennep (2013), Durkheim (1996), DaMatta

(1986, 2000, 2013), Callois (1988), Duvignaud (1983), Campbell (1997), Whitmont (1991) e sua aplicabilidade no objeto de estudo. Também apresenta conceitos que podem contribuir para a compreensão da realidade do Congado e como as falas dos/as entrevistados/as dialogam com os autores, entrecruzando-se, assim com as teorias abordadas.

Quanto à ênfase que se dá aos ritos de passagem, baseamo-nos na teoria proposta por Van Gennep (2013), principalmente ao se referir à margem (liminaridade). Sob esse viés, portanto, faz-se um estudo comparativo da proposta do autor com a realidade do campo estudado.

Por conseguinte, o quarto capítulo evidencia reflexão que procura articular as temáticas de poder, gênero e fé através de questões levantadas por Bourdieu (1989, 1999, 2010), Gebara (1991, 2000a, 2000b) e Libânio (2004, 2011), respectivamente. Busca-se, então, analisar se existe disputa de poder dentro do Congado e como isso ocorre. Na sequência, a reflexão é sobre o fato de ter havido mobilidade das mulheres para romper com o poder dentro do Congado, apoiando-se no conceito de gênero. E, por fim, analisa-se a questão da fé e se ela “move a vida” das/os congadeiras/os, tendo como respaldo o conceito de fé. É importante frisar que os conceitos que foram propostos por estas/es autoras/es entrecruzam-se com os relatos das/o congadeiras/o participantes/e da pesquisa, no intuito de avaliar por quais razões as mulheres abriram um novo reinado. Nesse quadro, esses apontamentos são baseados em uma preparação que procura responder as necessidades da realidade estudada.

Nas Considerações Finais há uma retomada dos Rituais de Encerramento, mais especificamente o subitem sobre o encerramento da festa do Divino, do capítulo dois, intitulado “Abertura do Reinado do Congo do Divino de Pinhões.” Cabe destacar que o encerramento de uma festa possibilita a abertura de outra, assim como o encerramento de uma pesquisa possibilita o início de outras. Considerando o poder simbólico como alicerce deste estudo, o poder mobilizar-se e o poder da fé, estes descortinaram uma questão social e religiosa. Assim, comprovaram-se as razões pelas quais que as mulheres abriram seu Reinado, o que responde à pergunta que norteou a pesquisa.

Como parte do trabalho, elaboraram-se os seguintes documentos complementares à pesquisa, quais sejam: roteiro das entrevistas (Apêndice A); redação das mulheres de Pinhões (Apêndice B); transcrição da entrevista de número 2 (Apêndice C); transcrição da entrevista de número 5 (Apêndice D); fotografias coloridas (Apêndice E); imagem do povoado de Pinhões, MG (Apêndice F); Pintura em tela (Apêndice G).

Passa-se, a seguir, às considerações acerca da abertura do Reinado do Congo do Divino de Pinhões/MG.

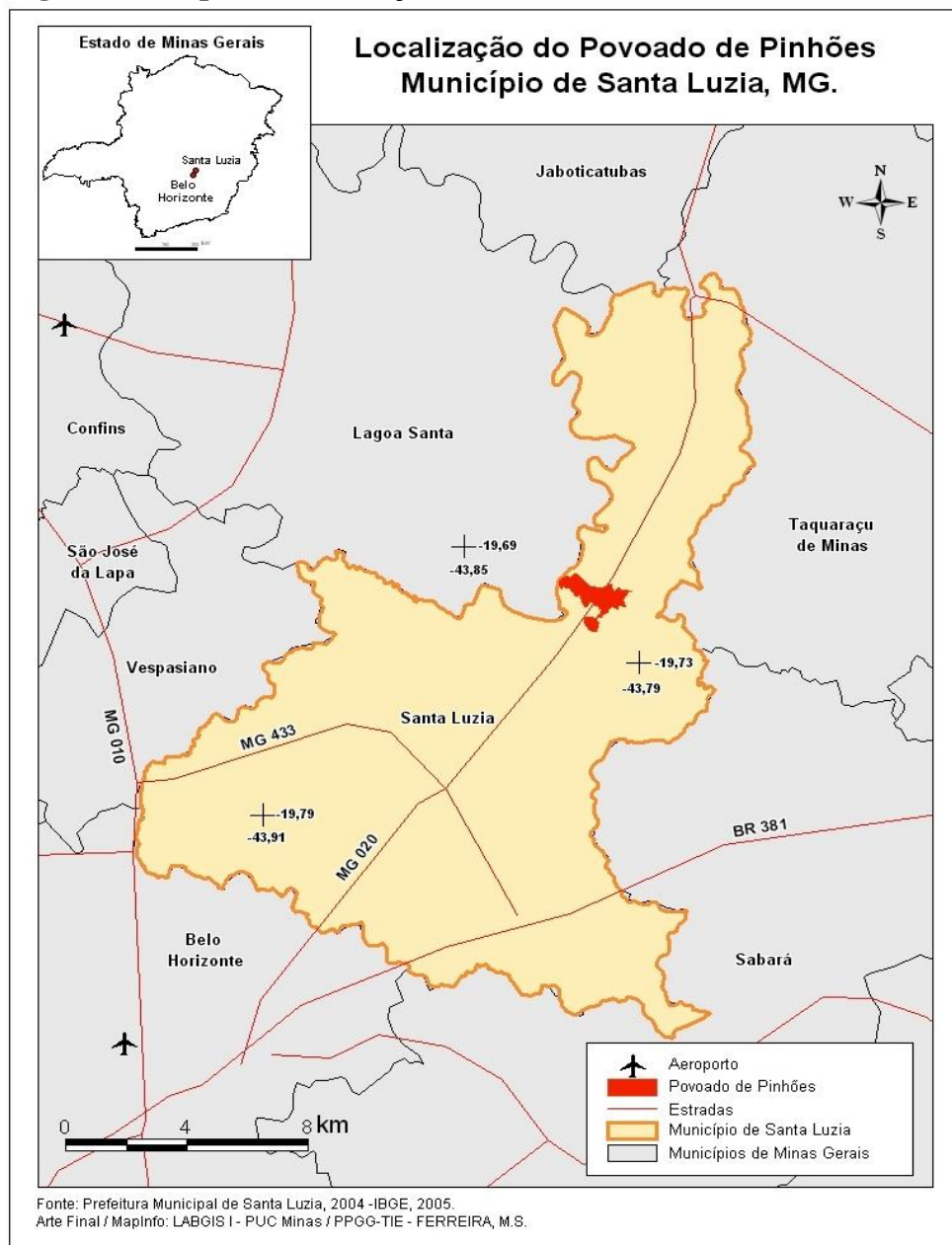
2 ABERTURA DO REINADO DO CONGO DO DIVINO DE PINHÕES/MG

2.1 A História do Congado de Pinhões preliminar às mulheres de Pinhões

2.1.1 A Comunidade de Pinhões/MG

Pinhões é um povoado que está localizado na área rural do município de Santa Luzia, região central de Minas Gerais e fica a 35 km da capital mineira, conforme pode ser visto na figura 1 a seguir:

Figura 1 - Mapa de Localização de Pinhões - Santa Luzia / MG



Fonte: Dados de Pesquisa, 2009.

Santa Luzia surgiu no século XVIII no início da ocupação colonial em Minas Gerais e a comunidade de Pinhões é o reflexo dessa história. O Rio das Velhas, um dos afluentes do Rio São Francisco, passa pelo lugarejo. O nome Pinhões foi dado pelos antigos moradores em decorrência de inúmeras árvores que davam o fruto denominado pinhão.

O lugarejo possui uma escola e um posto de saúde. Entre as ocupações de seus moradores, estão: trabalhadores rurais, de indústrias, diaristas, manicures, doceiras, lavadeiras, balaieiras, carpinteiros, pedreiros, artesãs. São pessoas devotas a Nossa Senhora do Rosário, padroeira do lugarejo. É hábito dos moradores fazerem orações reconhecidamente fervorosas ao sacerdote João de Santo Antônio, que ergueu a Capela de Nossa Senhora do Rosário de Pinhões. João de Santo Antônio é figura importante no local, uma vez que contribuiu para que a festa de Nossa Senhora do Rosário tivesse um começo e que permanecesse até os dias de hoje. A história do povoado de Pinhões e sua festa religiosa existem há mais de cem anos e a religião predominante é católica.

Em Pinhões existem duas festas religiosas, a festa de Nossa Senhora do Rosário e a festa do Divino Espírito Santo. Essas festividades são consideradas cíclicas e assim são caracterizadas: o Ciclo do Rosário ocorre de agosto a novembro e o Ciclo do Divino acontece em maio e junho (GUIMARÃES, 2011, p.17). Nessas solenidades, duas Guardas estão presentes: a Guarda de Honra, intitulada Catopês, formada por homens, e a Guarda de Congo do Divino Espírito Santo de Nossa Senhora do Rosário, formada por mulheres de diversas faixas etárias. Os Catopês se vestem de azul e branco e a Guarda de Congo do Divino se vestem de vermelho e branco, e sendo essas cores as matizes das vestes de seus santos de devoção.

Com o intuito de refletir sobre a presença da mulher no contexto do Congado, este capítulo apresenta o povoado de Pinhões. Procura discorrer sobre a história do Congado anterior a abertura do reinado pelas mulheres. E também “olhar” para a Guarda de Congo do Divino Espírito Santo nos rituais de sua abertura e sua presença na festa de pentecostes.

2.1.2 O Congado de Pinhões/MG

Sobre a origem do Congado de Pinhões, Mestre Guerino, congadeiro tradicional dessa comunidade, afirma que a dança Catopê originou-se dos escravos que habitavam o mosteiro de Macaúbas. Mestre Guerino afirma, ainda, que “Essa dança foi fundada é no mosteiro de Macaúbas na era dos escravos. Antes não era mosteiro, mas sim uma fazenda. Era uma dança

comum como Candombe⁷. E dos Candombe que nasceu o Catopê”. Sobre o Candombe, é importante salientar que é considerado o pai de todos os Reinados. Segundo Lucas (2002),

O Candombe é o “pai de todos os reinados aqui na terra”. Através do ritual do Candombe, os filhos de Nossa Senhora do Rosário, descendentes de escravos, homenageiam seus antepassados. Os tambores são elementos simbólicos de muita força, respeitados e reverenciados por todos. Estabelecem o elo entre o mundo dos vivos e a dimensão dos que partiram, tendo ainda servido como andor para Nossa Senhora no plano mítico. (LUCAS, 2002, p.210).

Para as/os congadeiras/os, o Candombe possui algo sacralizado. Gomes e Pereira citado por Lucas (2002) acreditam que os tambores do Candombe são sagrados e detentores dos mistérios. Também afirmam que há um elo entre os antepassados e seus descendentes. Lucas (2002) citado por Soares (2009) destaca como o Candombe é envolto por mistérios ao dizer que,

Na hierarquia entre os grupos, o Candombe é o detentor dos mistérios e do poder máximo, sendo considerado o pai de todos os reinados aqui na terra,⁸ não saindo às ruas. É envolto de mistérios e segredos e, segundo a lenda fundacional, foi ele quem tirou Nossa Senhora das águas e serviu de andor para a Santa. (LUCAS apud SOARES, 2009, p.11).

E, ainda, completa que,

No Candombe, os tambores ou “tambus” como são chamados pelos candombeiros, são três: Santana, Santaninha e Chama. São elementos simbólicos de muita força, considerados sagrados, respeitados e reverenciados por todos. (LUCAS apud SOARES, 2009, p.12).

Vê-se, então, que os estudos das/os autoras/es supracitados reafirmam os dizeres do mestre Guerino ao mencionar que em Pinhões existia o Candombe, dança ritmada com o toque de três tambores. Observa-se que existe hoje no quilombo do Mato do Tição em Jaboticatubas, cidade vizinha de Santa Luzia o ritual do Candombe e que ele compõe o imaginário das/os congadeiras/os conforme afirmado por Oliveira (2011),

Sendo, portanto, o detentor de maior poder no imaginário dos congadeiros, é o que dá sentido aos rituais da Congada. É através dele que os filhos de Nossa Senhora do Rosário fazem a conexão entre presente e passado e prestam reverência aos antepassados e aos santos que os protegem. Por meio dele, alimentam a memória coletiva e garantem os segredos e a magia aprendida com os antigos. (OLIVEIRA, 2011, p.01).

⁷ Candombe é uma antiga dança de escravos conforme explica a autora Cacciatore (1977), em seu dicionário de cultos afro-brasileiros e também menciona sobre o termo ⁷Kimbundo, que segundo a autora, é uma língua africana falada pelos escravos que vieram para o Brasil.

⁸ Em uma visita à Comunidade quilombola do Mato do Tição, em 15/03/2015 no município de Jaboticatubas, Minas Gerais, para conhecer o Candombe que é tradicional neste povoado, o candombeiro senhor Evandro informou que o Candombe não sai às ruas e não pode ser tocado durante a quaresma.

Com relação à presença de escravos em Pinhões a fala do mestre do Congado, ao dizer que a dança Catopê originou-se dos escravos que habitavam o mosteiro de Macaúbas, demonstra a presença deles nessa região. Em 30 de junho de 1880 os escravos que ocupavam a fazenda de Macaúbas foram libertados, conforme documento do bispo Dom Antônio Maria Corrêa de Sá e Benevides. (MELLO, 2014, p. 77). A trajetória da comunidade de Pinhões não se encontra em registros escritos em papel, mas nos registros da memória de cada um. Sendo assim, a tradição oral do lugarejo foi herdada de prováveis escravos que vieram da África, possivelmente do Congo ou da Angola, e viveram no casarão do mosteiro de Macaúbas. Mosteiro este que já foi educandário de moças. “Como Educandário Mineiro, preparou várias gerações de mulheres, e após o seu fechamento, a instituição passou a ser um Mosteiro, onde as monjas piedosas irradiam a fê cristã, vinculadas à Ordem da Imaculada Conceição.” (MELLO, 2014, p. 21). Hoje o denominado convento de Macaúbas, que completou 300 anos de história, foi dado como patrimônio histórico cultural do município de Santa Luzia e, portanto, a Comunidade de Pinhões também faz parte dessa história.

Sobre a evolução do Congado na comunidade, a senhora Maria Geralda, uma das entrevistadas por Barroso (2009), deu o seguinte depoimento:

O lugarejo chamado Pinhões surgiu das sesmarias (porção de terra recebida por alguém para que cuidasse dela, onde escravos realizavam o trabalho) das bicas. E com o passar do tempo, o Senhor Marcelino Rodriguez Diniz teve a iniciativa de pedir autorização ao Bispo de Mariana, para a construção de uma capela na localidade. No mesmo ano chegou ao lugarejo o Padre João de Santo Antônio da cidade de Cordisburgo, e coordenou a construção da capela, sugerindo como padroeira Nossa Senhora do Rosário, tendo em vista que atribuía a Virgem do Rosário um grande acontecimento que tivera em sua vida. (BARROSO, 2009, p. 32).

Ao analisar as considerações da senhora Maria Geralda, pode-se dizer que a comunidade de Pinhões surgiu das sesmarias, o que também foi evidenciado por Gonçalves:

Mas, desde o recebimento da Carta de Sesmaria, a terra já fora usada para produzir renda: as despesas eram relevantes e demandavam boas receitas! Parte da enorme extensão foi cultivada pelos escravos que possuíam, e a restante deu-se em arrendamento a senhores que desejavam se dedicar à pecuária ou à instalação de pequenos serviços: atividades corriqueiras que supririam necessidades advindas da mineração nas redondezas. (GONÇALVES, 2014, p. 49)

Além de trabalharem no cultivo da terra, os escravos ressignificaram a cultura do local. Dessa forma, enquanto trabalhavam, entoavam suas cantigas, e quem sabe não seriam seus lamentos africanos? Por meio de seus cânticos tiveram a ideia de criar um grupo de

Congado intitulado Catopês. Quem nos explica é o Sr. Waldir, mestre dos Catopês e cantador da segunda voz, como pode ser visto a seguir:

Ah...foi assim, mais ou menos: Os Catopês eram escravos do mosteiro. Aí o senhor Josino queria continuar com a dança, com a música. Passou para o mestre Rufino e tá aí até hoje. Eu lembro que na roça, colhendo milho, um cantava e outro respondia. E fomo para a rua cantá. Aqui é a voz que manda e tem que ser coisa séria. (BARROSO, 2009, p. 22).

Associada à relevante contribuição dos escravos o sacerdote João de Santo Antônio muito colaborou ao erguer a capela de Nossa Senhora do Rosário sendo um personagem importante na constituição e evolução da festa, que perdura até os dias de hoje.

Os escravos da comunidade de Pinhões podem ter vindo da Costa da África, em que “os negros da Costa dos Escravos de língua yorubá⁹⁹ foram chamados pela expressão francesa “nagô” (BERKENBROCK, 1998, p.176). Este autor afirma que a religião afro-brasileira nascida da religião dos Yorubá é conhecida hoje em Pernambuco sob o nome de Xangô e na Bahia sob o nome de Candomblé. Em Minas Gerais, na região da Serra do Cipó e arredores não se tem ainda dados históricos que relatam a existência dos nagôs originários da cultura yorubá, a não serem relatos sobre africanos que viveram na região de Macaúbas, em Pinhões. Provavelmente, eles também eram de origem dos povos bantos. Pode-se dizer que os escravos que habitaram o lugarejo de Pinhões são da África banta, região Centro Oriental e que, segundo Vilarino (2014),

[...] A África banto composta, entre outros, por Congo e por Angola, apesar de ter se convertido ao catolicismo no final do século XV, trouxe não só aspectos de um catolicismo africano iniciado naquele continente, como também diversos aspectos de suas religiosidades tradicionais, como devoção aos iníquos e aos mortos/ancestrais. (VILARINO, 2014, p.85).

Com relação aos antigos escravos de Pinhões, provavelmente vindos do Congo e da Angola, Maria Geralda, representante das mulheres quilombolas da comunidade, recorda a influência deles:

Embora a população ter herdado muitos costumes dos escravos como: doces, comidas, chás, músicas, danças, o idioma africano, por ser muito difícil, nós não entendemos muito, quando cantada pelos mestres a música; “Penquitinhos de Nossa Senhora do Rosário”. Exemplo; “E viva mati angolê, viva mati angola”, e os congadeiros respondem: “É do Rosário”. (BARROSO, 2009, p.27).

⁹⁹ Sobre a Língua e Cultura Yorubá, para melhores informações, acessar a página do Instituto de Arte e Cultura Yorubá.

2.1.3 Os Catopês de Nossa Senhora do Rosário

Quando a autora Alves (2011) diz que, “os africanos, apoderando-se de figuras, tomadas do catolicismo português, ou do caribenho e, também, dos índios.” (ALVES, 2011, p.95), deram nova forma a seu sistema, nos faz refletir sobre os Catopês de Pinhões, que trazem adornados em suas cabeças um capacete. Existem Guardas de Catopês que se apoderam das figuras de índios para compor suas vestimentas, inclusive utilizam em seus adornos alguns penachos semelhantes aos usados pelos aborígenes. O capacete utilizado pelos Catopês de Pinhões tem um espelho em sua parte central, que possui um significado particular, como explica o Mestre Guerino, da Guarda de Honra dos Catopês, em entrevista para Barroso (2009):

O espelho segundo o que já me foi passado, que é... O reflexo do espelho, ele, na crença, ele se evita o mal para si. Aquela pessoa que te olha e vê no espelho, ele tá vendo a si mesmo. “Então é uma crença que tem de evitar o mal”. (BARROSO, 2009, p.42).

O espelho como figura simbólica tem o poder de uma linguagem, e a própria palavra se traduz através de símbolos, em que cada um traz esse sigiloso significado. Sobre a crença de evitar o mal, neste caso específico, acredita-se ser o mal olhado, que vem das credences africanas reatualizadas pelos brasileiros. Além do capacete, os Catopês vestem-se de azul e branco. Segundo eles as cores representam as vestes de Nossa Senhora do Rosário e de Jesus Cristo. A roupa dos Catopês revela uma história, uma linguagem, uma tradição e é tão importante que o congadeiro não pode frequentar bares, mesmo no dia da festa, com a roupa do Congado. Isso é afirmado pelo senhor Sidney, entrevistado por Barroso (2009):

A roupa é importante sim, o azul representa o manto de Nossa Senhora. Temo que tá vestidos para ela. Vou te contá o que aconteceu com meu pai...que não tá com a gente mais...Diz meu pai, na época que as vaca tava bem magra que ele não participou do congado, pois não tinha calça branca e nem dinheiro prá comprá. No dia da festa tava com tanta vergonha de não tá com a roupa, que correu e se escondeu no mato até terminar todos os festejos...e ficou escondido por esses dias da festa. (BARROSO, 2009, p.43).

Sobre os Catopês de Pinhões, seus integrantes são homens de diversas faixas etárias, que abrilhantam a festa de Nossa Senhora do Rosário, comemoração realizada no mês de outubro, com seus cânticos e danças no ritmo das caixas e violas. Cada fita adornada nas violas representa a cor que lembra um santo. É um Congado exclusivamente masculino, e, para participar da Guarda, as crianças devem ter concluído a primeira comunhão e assumir

ficar na Irmandade, segundo seu estatuto, por sete anos. Devem comprometer-se a ir aos ensaios quando solicitadas, além de participar das festas e zelar pelos instrumentos musicais, coroas e bastões. Afinal, conforme esclarecem o senhor Guerino (Mestre dos Catopês) e o Rei Milton (Rei perpétuo do Congo do Divino) ao referirem-se ao bastão: “O bastão é símbolo de compromisso e responsabilidade. É o poder que o Rei tem em conduzir sua Guarda, é responsabilidade e compromisso também, durante o ano todo.” (BARROSO, 2009, p.41).

Diante disso, vê-se que existe uma aproximação da fala dos entrevistados com a afirmação de Alves (2008) sobre o bastão, que é “[...] símbolo da natureza, da força da natureza e da magia. É o pau, o caduceu, o cajado, a haste verticalizante, o emblema de Hermes, que conduz o congadeiro entre o mundo concreto (o cotidiano, a festa) para o mundo divino, ou seja, a transcendência.” (ALVES, 2008, p.182-183).

No que concerne à tradição dos Catopês de Pinhões, ela existe há mais de setenta anos e a festa do Rosário há mais de cem anos. Em 1906 foi celebrada a primeira missa e em 1909 o primeiro Reinado. A senhora Maria Geralda, entrevistada por Barroso (2009), ressalta as comemorações pelo grupo dos Catopês:

O grupo apresentava em algumas comemorações, mas não vestiam alegoricamente como hoje em dia, só em 1936, 30 anos após a primeira missa, o Congado evoluiu se organizou e designou ao cargo de mestre do Congado o Senhor Guilhermino Antônio e Juscelino Camilo da Conceição, como discípulos de Senhor Josino e do Senhor Emílio que ensinaram os jovens da época. Foi quando Reduzino Apolinário e Salvador Antônio entraram para o grupo, e após quatro anos como membros do grupo receberam também o cargo de mestre. (BARROSO, 2009, p.33).

Os Catopês dividem-se em duas alas onde dançam, cantam e festejam a vida. Fazem promessas, cumprem e pedem proteção à mãe do Rosário todos os anos ao se dirigirem à capela. Participam dos rituais e seguem o curso da vida, (re) significando uma África, que se traduz no corpo da/o congadeira/o. Vivem a fé e a tradição, como pode ser visto na afirmação de Alves (2009):

[...] vivendo a fé, a tradição, o mito por meio de cantos, danças e tudo o que envolve manifestação, homens e mulheres seguem o curso da vida, louvando não só as divindades católicas, mas também as nanãs das águas africanas, Zâmbi, o deus banto, os seus antepassados e toda a gnosis africana. “Desse, modo, atribuem sentidos e significados às suas próprias vidas”. (ALVES, 2009, p.26).

O catolicismo popular atrelado aos elementos de africanidade possibilita as/aos congadeiras/os de Pinhões que se expressem por meio de seus cantos, danças, promessas e festas. Em Pinhões, além da centenária festa do Rosário, existe atualmente a festa do Divino

Espírito Santo, que também fazia parte da tradição do lugar. Porém, por questões institucionais, ficou algum tempo esquecida e agora voltou a ser comemorada no dia de pentecostes. A Congadeira Aparecida de Jesus Lima comenta sobre a festa do Divino:

Olha. A festa do Divino durou muitos anos em Pinhões, aí com essas mudanças de padres, a festa acabou. Ficou anos e anos sem a festa. Aí chegou um padre e levantamos a festa do Divino. Fui Imperatriz do Divino e levantamos a festa. O Congo do Divino Espírito Santo, parece que deu mais chama sabe...para a festa do Divino. Os Congados de Nossa Senhora do Rosário animaram mais a participar. Eles estão presente (sic). Essa incentivação nossa, eles tiveram coragem, mais ânimos, sabe, tavam fraquinhos. (JESUS LIMA, 2015, Dançante e Cantante, Entrevista 1)¹⁰.

É possível dizer que as duas festas na comunidade são importantes e se revigoram. Nas festas, as pessoas se movimentam, reencontram e naquele espaço festivo novas relações sociais se tornam possíveis. Pinhões é lugar de gente humilde na fé e hábeis em seguir o curso da vida louvando “[...] as divindades católicas [...] e as [...] nanãs das águas africanas” (ALVES, 2008, p. 99). Nesse sentido, religião e festa tornam-se um meio pelo qual as congadeiras e congadeiros de Pinhões experimentam a vida.

2.2 Ritos de Abertura do Reinado Feminino

Os festeiros de Pinhões viveram uma grande expectativa, afinal, a festa do Divino de 2014 tinha mais um motivo para ser comemorada com a chegada de um novo Reinado. Sendo assim, os preparativos para o grande dia já estavam sendo feitos. As devotas do Divino e demais integrantes da Guarda de Congo do Divino saíram às ruas em busca das bandeiras (ver Figura 2) para o hasteamento dos mastros. Foi grande a movimentação das pessoas pelas ruas e pelas casas. Em relação à festa de Nossa Senhora do Rosário, há uma movimentação entre casa e rua e esses espaços se complementam segundo Soares (2009):

A festa de Nossa Senhora do Rosário é na verdade uma viagem entre casas e ruas. São rituais de ingresso, orações, cantorias, dentro e fora de casa, na chegada, na despedida e na saída. O que acontece durante os festejos é uma sequência de cerimônias que se unificam, por meio do rito, a casa e a rua. Assim podemos perceber que os ritos do Reinado possibilitam o deslocamento entre casas e lugares, que a festa simbolicamente reescreve e redefine. É uma festa de casa, mas também uma festa de rua. Na verdade, esses espaços não se opõem, mas se complementam. (SOARES, 2009, p.48).

A figura 2 evidencia as devotas do Divino e as integrantes da Guarda do Divino, assim como a busca das bandeiras:

¹⁰ Entrevista realizada pela autora com Aparecida Lima, 2015.

FIGURA 2 - Busca das Bandeiras

Fonte: Fotos da autora, 2014.

2.2.1 Abertura do Reinado

No dia 31 de maio de 2014 foi feito o hasteamento dos mastros, momento em que foram erguidas sete bandeiras, as quais correspondem às setes santas, a saber: Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora de Fátima, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Nossa Senhora das Graças, Nossa Senhora Aparecida e Nossa Senhora da Saúde. A figura 3 a seguir evidencia esse momento:

FIGURA 3 - Hasteamento dos Mastros

Fonte: Fotos da autora, 2014.

Segundo a congadeira Joana, “o levantamento da bandeira para as sete santas corresponde aos sete dons do Espírito Santo, que são: sabedoria, entendimento, piedade, conselho, fortaleza, ciência e temor a Deus. ” (BARBOSA, 2015, Dançante e Cantante, Entrevista 5)¹¹. A Guarda Feminina de Pinhões acredita que estes sete dons do Espírito Santo serão derramados sobre elas.

Diante do exposto, a seguinte afirmação de Durkheim nos auxiliou no entendimento desse ritual coletivo:

As crenças propriamente religiosas são sempre comuns a uma coletividade determinada, que declara aderir a elas e praticar os ritos que lhes são solidários. Tais crenças não são apenas admitidas, a título individual, por todos os membros dessa coletividade, mas são próprias do grupo e fazem sua unidade. Os indivíduos que compõem essa coletividade sentem-se ligados uns aos outros pelo simples fato de terem uma fé comum. (DURKHEIM, 1996, p.28)

Dessa forma, se o Congado feminino crê nos dons espirituais que recebem, estes fazem com que adquiram forças suficientemente necessárias para dar continuidade aos ritos da festa e ao cotidiano.

2.2.2 A Consagração da Guarda do Divino no dia de Pentecostes

Consagração ou batismo são dois termos que indicam iniciar ou introduzir a pessoa ou grupo de pessoas a uma nova vida social ou a uma nova expressão religiosa. O Congado, considerado uma expressão religiosa, ao participar de seus rituais de batismo, legitima o aval divino e assinala a sua presença. A religião marca esse momento, segundo afirmação de DaMatta (1986) a seguir:

A religião marca e ajuda fixar momentos importantes na vida de todos nós. Desse modo, nascimentos, batizados, crismas, comunhões, casamentos e funerais – todos os momentos que assinalam dramaticamente uma crise de vida e uma passagem na escala da existência social – são marcados pela religião, que legitima o aval divino ou sobrenatural uma passagem que se deseja necessária; algo que esteja inscrito, não apenas numa convenção inventada pelos homens, mas no próprio projeto. (DAMATTA, 1986, p. 114)

Essa passagem existencial e ritualística tem significado e é necessária no âmbito social. Um exemplo é o da passagem bíblica em que Jesus Cristo foi batizado por João Batista e passou também pelos processos ritualísticos. Atualmente no cristianismo, os rituais de consagração

¹¹ Entrevista realizada pela autora, 2015.

envolvem crianças e adultos e têm a função de admitir alguém nessa esfera religiosa. Sobre esse contexto, segundo Van Genep (2013):

Os ritos de admissão complicaram-se pouco a pouco e foram sistematizados na ordo Baptismi (começo do século XI) e no sacramentário de Gelásio. Graças a rápida difusão do cristianismo, chegou o momento em que só havia para batizar as crianças, mas o ritual conservou por muito tempo um grande número de aspectos que só convêm a um batismo de adultos. (VAN GENNEP, 2013, p.91)

As pessoas que se iniciam nas religiões afro-brasileiras, sejam elas umbanda, candomblé, ou outras, seguem todo o ritual para que se tornem membro daquele grupo, daquela religião. As mulheres e os homens que vivem a experiência do Congado seguem o catolicismo e precisam ser consagrados para pertencerem à nova expressão religiosa. Nesse sentido, as/os congadeiras/os vivem seus rituais e os ritos se encontram no mito de Nossa Senhora do Rosário, que podem ser considerados uma narrativa viva. Sobre essa experiência, a capitã Aparecida dos Santos C. Evangelista relata a sua consagração:

A consagração da Guarda foi um momento muito forte, foi muito maravilhoso sabe!? Eu...ali sentindo a presença do Espírito Santo, que é o ponto alto, é o Espírito Santo. Porque a gente tá louvando né, adorando o Espírito Santo de Deus. Então foi muito importante, foi um ponto muito forte a consagração. (EVANGELISTA, 2015, Segunda Capitã, Entrevista 3)¹².

Eliade citado por Alves (2008) comenta que a experiência religiosa distingue-se da experiência ordinária. Isto pode ser verificado na experiência relatada pela congadeira Joana no dia do batismo da Guarda:

A data da festa, dia 08 de Junho foi difícil para mim. Porque de manhã o telefone tocou e dizia que minha sogra tinha morrido. Aí eu pensei...aí eu fiquei na consagração e ali eu tive força no Divino Espírito Santo. Cantei o tempo todo pedindo forças ao Divino Espírito Santo. Foi a obra do Divino Espírito Santo que governa as nossas vidas. (BARBOSA, 2015, Dançante e Cantante, Entrevista 5).¹³

De acordo com Eliade citado por Alves (2008), “para o homem religioso a morte não põe um termo definitivo à vida: a morte não é mais do que outra modalidade da existência humana.” (ELIADE apud ALVES, 2008, p. 190). Assim, a congadeira Joana nos afirma que, por mais que tenha vivido a questão da morte em família, ainda assim buscou forças no Divino Espírito Santo para continuar a sua jornada. Nesse sentido, as congadeiras/os e seus entes queridos participam e participaram de suas experiências, tanto a ordinária quanto a religiosa.

¹² Entrevista realizada pela autora, 2015.

¹³ Entrevista realizada pela autora, 2015.

No que tange à coroação de reis e rainhas, pode-se dizer que já faz parte do repertório ritualístico das/os congadeiras/os e nos transporta para um mundo mítico. “Das terras africanas (de lá) às terras de Pinhões/MG (de cá).”¹⁴, o retrato de rainhas e reis coroados que um dia deixaram o seu reino (Congo) nos convida a refletir o quanto é digno de se ter as coroações dos reis e das rainhas de hoje. É a lembrança que se torna viva na atualidade. É um tempo que não se apaga e a “memória permite um redobramento dos instantes e um desdobramento do presente. Como imagem, é essa magia que permite que um fragmento vivido resuma e simbolize a totalidade do tempo reencontrado” (DURAND apud ALVES, 2014, p.108).

Ao olhar para a Rainha e o Rei Perpétuo do Divino de Pinhões sendo coroados, além de serem unidos por laços de família, pois são pai e filha, estavam ali assumindo um compromisso com a comunidade. Além desse acordo, “há sempre algo a mais (que faz diferença) na figura dos reis, o que lhes confere uma condição especial, e que os faz ser do nosso mundo e de outro, além” (GOMES, 2014, p.59). Esse momento pode ser observado na figura 4:

Figura 4 Coroação da Rainha e do Rei Perpétuos



Fonte: Fotos da autora, 2014.

Além disso, “Na estrutura das cerimônias do Reinado, Rainha e o Rei congo representam as nações africanas e presidem, na ordem do sagrado, os ritos e celebrações

¹⁴ Parafrazeando o autor Gomes (2014, p.59), em seu artigo intitulado “Das terras de lá às terras de cá: reis são reis”, o autor diz que “é a imagem dos reis e das rainhas coroados que mais fortemente nos marca”.

dramatizados. ” (MARTINS, 1997, p.32). Em Pinhões ainda não houve a escolha e a eleição do Rei e da Rainha congos, no entanto, foram eleitos o rei e a rainha perpétuos. Todas/os integrantes da Guarda de Congo do Divino que compõem o séquito passam pela cerimônia ritualística da coroação, prática iniciática sagrada. (ALVES, 2009).

A Guarda de Moçambique de Conceição de Itaguá no momento da coroação entoou o seguinte cântico:

Ó recebei Senhor Rei (Sá Rainha)

Ó recebei Senhor Rei (Sá Rainha)

Ó recebei Coroa e Rosário (Canto Tradicional de coroação de Reis).

Sobre os símbolos, merece destaque a coroa, que é considerada mais importante do Reinado. Para Jean Chevalier e Alain Cheerbrant citados por Alves (2008) “[...] a coroa também remete ao círculo, a perfeição da natureza celeste. Sua colocação no alto da cabeça confere ao coroado um dom vindo de cima. Ela assinala o caráter transcendente de uma realização qualquer bem-sucedida”. (CHEVALIER; CHEERBRANT apud ALVES, 2008, p.173). Desse modo, ainda conforme os referidos autores, o coroado une “[...] o que está abaixo dele e o que está acima, mas fixando limites que, em tudo que não é ele, separa o terrestre do celestial, o humano do divino. ”. Além disso, para Alves (2008), a coroa é promessa de imortalidade e deriva da mesma raiz etimológica de corno, além de ter os mesmos significados: elevação, poder, iluminação, luz.

A Rainha conga da Guarda de Moçambique adornava a rainha perpétua, a senhora Kelma, do Congo do Divino, em seguida o rei perpétuo, o senhor Milton. Momento de muita emoção para quem recebia a coroa e o rosário e para quem também assistia, afinal, a coroa de rainha perpetua pertencia à senhora Rosalina da Conceição¹⁵ mãe do novo rei perpétuo, senhor Milton e avó da nova rainha perpétua, senhora Kelma.

Assim, receber a coroa é compromisso e responsabilidade. A prática da coroação de reis e rainhas no Congado é tão importante entre as Irmandades, que o rei¹⁶ deve ser alguém que tenha compromisso e responsabilidade e que venha de uma hierarquia. É receber a coroa

¹⁵ Rosalina da Conceição foi rainha perpétua da Comunidade por longos anos, faleceu e deixou seu legado, dizia que: “A rainha deve plantar a semente onde passar e ali erguer um novo reinado”. Sou apaixonada pela festa do Rosário, as rua enfeitadas, o manto e a coroa na cabeça. Sempre fui chamada de rainha perpétua, rainha perpétua.

¹⁶ O Rei e a herança da coroa são importantes no Congado. “Eu fui escolhido para ser o Rei Congo, recebi a coroa do meu avô. Coroa não é adereço, é responsabilidade, é herança, compromisso, símbolo de unidade, união e oração”. Palavras proferidas pelo Rei Congo, em reunião com a Federação dos Congadeiros, no dia 08 de fevereiro de 2015, em Belo Horizonte, Minas Gerais.

do avô, do pai, que já foi rei, o que é confirmado por Alves (2008) já que, para a autora “Ainda hoje se tem preferência pelas pessoas negras para ocuparem o cargo de Rei e Rainha congo, eles devem ser iniciados no Reinado, ser conhecedores dos segredos e adotar postura de liderança, perante o grupo.” (ALVES, 2008, p.176-177).

Quanto ao ritual de consagração das capitãs, este se iniciou após a coroação da rainha e do rei perpétuos. Sobre esse momento, Durand citado por Alves (2008) evidencia que “a iniciação é mais que um batismo: é um comprometimento. É transmutação de um destino.” (DURAND apud ALVES, 2009, p.180).

Posteriormente, a primeira e a segunda capitã receberam a espada e o rosário. Embora a Guarda de Congo do Divino seja basicamente feminina, ainda assim, foi consagrada pelo mestre da Guarda de Moçambique. A espada e o rosário foram recebidos pelas mãos do Capitão do Congado. Torna-se visível, então, a não ruptura com o poder simbólico masculino. Pode-se dizer que “o fato de uma Guarda ser fundada por mulheres ainda não aponta para uma ruptura com a dominação masculina, pois o lugar simbólico de poder na manifestação ainda continuava nas mãos dos homens.” (SOARES, 2009, p.42).

Assim, vê-se que a afirmação da autora supracitada está corroborada o que ocorre na fundação da Guarda de Congo de Pinhões, uma vez que teve influência não somente de mulheres. Isso não impede que as mulheres não se submetam à “dominação masculina”. E, também, não impede que elas se mobilizem. A partir do momento em que assumiram a capitania, já se mobilizaram e, além de ser capitão, é saber os mistérios, os ensinamentos e as responsabilidades do Congado. (ALVES, 2009). Assim, é possível ver que esses saberes agora estão na responsabilidade das capitãs do Congo do Divino de Pinhões.

Sobre a função das Capitãs do Congado, a Capitã Maria Rosalina Páscoa faz o seguinte questionamento:

Qual que é a nossa função? É só pra ficar cantando? Beleza! Ou nós temos alguma autoridade com a Guarda? Nós podemos chegar perto de alguém que não tá legal e chamar a atenção e elas nos respeitarem? Se a nossa função é só ficar lá, só para cantar, ótimo! Não sair só para os outros ver que as roupas estão bonita e está dançando bem! Acho que está faltando fé! (PÁSCOA, 2015, Primeira Capitã, Entrevista 2)¹⁷.

E encontra a resposta quando o Capitão Marlon Lima explica:

O Capitão dentro da Guarda ele é o responsável por conduzir os ritos. Dentro da Guarda se tem vários níveis de Capitão. Por exemplo, o Capitão Mor que é o Capitão que guarda como se diz, os segredos da Guarda. É o Capitão que sabe todos

¹⁷ Entrevista realizada pela autora, 2015.

os ritos, que sabe todas as rezas, que sabe todos os cantos, que sabe a hora de entrar dentro da Igreja, que sabe na hora de sair. Como que faz para entrar, como que faz para sair e aí por diante. Então o Capitão Mor é aquele que guarda todos os ritos da Guarda. Aquele que carrega com ele tudo aquilo que a Guarda irá fazer. E os outros Capitães vão de acordo com o funcionamento da Guarda. O Capitão regente tem a função de reger a Guarda na rua, cantar, conduzir a Guarda, conduzir os ritos, orientar os dançantes. E os outros Capitães vão sendo para fazer as mesmas coisas e para ajudar no canto, revezar e ajudando. Capitão não é enfeite da Guarda, não é porque canta bonito não. O Capitão tem que ter um fundamento, um firmamento bem forte, uma fé rica para conduzir o pessoal da Guarda, porque a primeira pessoa que se vê na Guarda é o Capitão. Não sendo ele o mais importante, mas ele é o que tem mais destaque. (LIMA, 2015, Capitão Regente, Entrevista 6).¹⁸

Sobre as situações expostas acima, Martins (1997) afirma que:

Não basta ao capitão saber cantar e dançar. Ele deve saber rezar, comandar, conhecer os cantares adequados para cada situação, ao conduzir as coroas, puxar uma promessa, guiar uma Guarda, entrar na igreja, atravessar porteiros e encruzilhadas, cumprimentar as majestades, receber visitantes e muito mais. Cabe ao Capitão gerenciar seus comandos, dentro e fora das Guardas, passar os preceitos, performar os ritos, resolver as contendas, abrir os caminhos ou fechá-los, zelar pelos parâmetros, observar o cumprimento adequado dos rituais, ordenar, reger, ensinar, punir, vivenciar com beleza e harmonia o Rosário de Maria e a herança dos mais velhos (MARTINS, 1997, p.102).

As capitãs do Congo do Divino, como pode ser visto na figura 5, ao serem consagradas pelo capitão regente da Guarda, receberam cada uma delas uma espada e um terço. As/os capitãs/capitães são identificados pelos bastões ou espadas e quase sempre usam roupas com detalhe diferenciado (ALVES, 2009).

Figura 5 - Consagração das Capitãs



Fonte: Fotos da autora, 2014.

¹⁸ Entrevista realizada pela autora, 2015.

Sobre esse ambiente de festa e consagração, a Capitã Maria Rosalina comenta:

E o batismo...foi assim...uma coisa assim que eu...difícil até de explicar. Ali na hora que você tá cantando, às vezes a gente se sente, às vezes tremer, né?! Dependendo do que você tá cantando, você treme. Quê ...num sei...eu acho que eu levo o Congado muito a sério, num tou ali só para aparecer. Num quero aparecer pro povo, num quero chamar atenção do outro. Eu quando estou participando da festa do Divino, e tou com meu coração, com minha alma, com muito amor. (PÁSCOA, 2015, Primeira Capitã, Entrevista 2).¹⁹

Assim, ao ser consagrada a Capitã, conforme Alves (2009) esta firma um compromisso e se torna responsável por conduzir a Guarda, “certamente, a magia e os segredos no Congado se constituem em um campo fértil de discussões sobre a nossa sociedade, nos reportando a um período, em que ainda vivia o tempo da natureza e não havia cedido espaço para a religião e a ciência.”(ALVES,2009, p.188).

Os rituais do Congado são revestidos por *símbolos* que se traduzem em uma linguagem. Sobre o uso do termo símbolo, Schultz (2014) esclarece, que Sym-ballo: refere-se à união de duas coisas. Era costume que, ao se fazer um contrato na Grécia Antiga, se rompia em dois um objeto cerâmico, e cada pessoa contratante levava um pedaço consigo. Uma reclamação posterior se legitimava pela reconstrução (colocar junto=symbollo) da peça dividida, cujas metades deveriam coincidir). [...] símbolo é uma trans-significação, e remete a outro nível: Você *significa* um sol para mim. Ainda, o autor faz um alerta quanto ao uso desse termo. Esse não deve ser confundido com metáfora, alegoria, signos ou sinais. O Congado nos traz toda linguagem religiosa revestida por símbolos. O símbolo da/o capitã/o é o bastão ou a espada. É o anima (feminino) do Filho (animus, o masculino). Símbolo da força da natureza e da magia. (ALVES, 2009, p.182).

Sobre o significado da espada, a segunda Capitã explica que:

A espada significa ali uma arma para tá defendendo o Congo e a coroa de Nossa Senhora né...que a gente dança em devoção a Nossa Senhora do Rosário, né...já é uma tradição e ao Divino Espírito Santo. Significa ali que a gente está armado, para defender qualquer coisa que vim prá acontecer com a Guarda. Então a espada é uma defesa né! (EVANGELISTA, 2015, Segunda Capitã, Entrevista 3).²⁰

E completa o Capitão Marlon:

A espada para nós é como se nós estivéssemos em uma guerra. Nós o Congo, ele vai na frente abrindo caminho para Nossa Senhora passar. Nós somos os soldados de Nossa Senhora, os combatentes de Nossa Senhora. A gente vai na frente guerreando mesmo e abrindo caminho, livrando o caminho do mal, livrando Nossa Senhora de todos os males que pode passar. A espada tem esse significado, é uma batalha onde

¹⁹ Entrevista realizada pela autora, 2015.

²⁰ Entrevista realizada pela autora, 2015.

nós vamos levar Nossa Senhora, abrindo caminho para ela. E todo mal que houver em nossa vida, a gente vai abrindo esse mal e libertando esse mal para que Nossa Senhora possa passar. A espada é assim, para abrir o caminho, para livrar dos males e as nossas capitãs guarda os nossos firmamentos que estão naquela espada ali. A força que a gente tem dentro do Congado está naquela espada. É como se fosse o cajado que Moisés usou para abrir o caminho do mar, para nós a espada abre o caminho também para o povo passar. (LIMA, 2015, Capitão Regente, Entrevista 6)²¹.

Seguiu-se a consagração com os rituais de retirada dos cânticos por parte do mestre da Guarda de Moçambique, de Conceição de Itaguá, Brumadinho, Minas Gerais. A bandeira, como pode ser visto na figura 6, de posse da bandeira apresentou-a a todos os presentes. Nesse contexto, a bandeira abençoada torna-se bandeira-guia onde será levada a todos os cantos e em todas as casas por onde for o Congado.

Figura 6 - Consagração da Bandeira



Fonte: Fotos da autora, 2014.

Nesse dia, as pessoas que ali estavam, fizeram o ritual de beijar a bandeira, considerada santa por eles. Um cântico foi solfejado, qual seja:

Ó recebi bandeira
Ó recebi bandeira
Ó recebi bandeira santa

²¹ Entrevista realizada pela autora, 2015.

Nesse sentido, sobre a importância de ser bandeira, Simone Maria Teles faz o seguinte comentário:

Eu tenho a honra de ser bandeira. A bandeira! É muito gratificante tá ali na frente. Eu me sinto assim uma guerreira comandando um exército! Acho que nós mulheres que estamos ali desempenhamos nosso papel muito bem, tanto faz eu como bandeira, como as capitãs e com as outras que tão lá puxando né o nosso Congado. Então, eu acho que cada uma de nós ali temos a nossa parcela de responsabilidade. (TELES, 2015, Bandeira, Entrevista 4).²²

Depois que a bandeira foi consagrada, a capitã da Guarda de Congo do Divino, iniciou o cântico:

Bandeira santa, bandeira santa
Lá no céu, lá no mar
Ei Bandeira santa,
Abre essa porta prá felicidade entrá

Sobre as cerimônias de iniciação no mito da fé no Congado, Durand citado por Alves (2009) afirma que são como “liturgias, repetições do drama temporal e sagrado, do tempo dominado pelo ritmo da repetição. ” (DURAND apud ALVES, 2009, p.166). “Elas constituem as seivas que correm nas árvores, garantindo a vida, o alimento que nutre os Filhos do rosário.” (ALVES, 2009, p.166).

Os filhos e filhas do rosário são muitas/os e iniciar as crianças no mito da fé faz parte da preocupação das/os congadeiras/os. Sobre isso, Alves (2009) menciona que “uma atenção especial é dedicada às crianças que tornam sujeitos imprescindíveis nessa continuidade. Elas aprendem por imitação, primeira forma de educação, como já salientou Marcel Mauss (1974) em seu clássico. ” (ALVES, 2009, p. 170).

Desse modo, participar do Congado pode trazer para a criança algo que, de uma forma ou outra, pode modificar sua vida, é o que diz Maria Luiza da Silva Gomes, dançante, cantante e instrumentista mirim, ao comentar sobre mudanças em seu cotidiano, depois de ter se integrado no Congado: “Na escola tou negociando (sic) mais amigos e aqui em casa tou tendo mais paz. Porque antes meus irmãos batiam ni mim, mas agora eles parou. ” (GOMES, 2015, Dançante, Cantante e Instrumentista Mirim, Entrevista 7)²³. Nesse sentido, percebe-se que iniciar a criança no Congado pode trazer benefícios.

²² Entrevista realizada pela autora, 2015.

²³ Entrevista realizada pela autora, 2015.

Posteriormente, deu-se início à consagração da princesa e do príncipe, a qual contou com a presença do pároco. Eles receberam o cedro, como símbolo de responsabilidade e compromisso, e o rosário, conforme mostra a figura 7:

Figura 7 - Consagração da Princesa e do Príncipe



Fonte: Fotos da autora, 2014.

Assim, o mestre da Guarda de Moçambique empreendeu o cântico ora para a princesa, ora para o príncipe, no qual ele cantava em versos:

Ó recebei princesa (príncipe)

Ó recebei princesa (príncipe)

Ó recebei, o cedro santo.

São essas ações, portanto, que nos fazem refletir sobre a rotina das mulheres e dos homens que mesmo sendo filhas e filhos de uma sociedade estruturalista como a nossa, ainda assim buscam suas integridades. Essas ações estão envoltas em mistérios, nas quais os seres humanos se integram e “uma religião é um sistema solidário de crenças e práticas relativas a coisas sagradas.” (DURKHEIM, 1996, p.32).

Após a consagração da princesa e do príncipe, a Guarda foi abençoada e cada uma das integrantes recebeu um rosário.

Figura 8 - Consagração da Guarda



Fonte: Dados de Pesquisa, 2014.

Após a benção da Guarda, a primeira capitã, a senhora Maria Rosalina, entoou o cântico e toda Guarda respondeu:

*Bendito seja Deus por essa festa abençoada
Bendito seja Deus por essa festa abençoada
Bendito seja Deus por essa Guarda consagrada*

Para o encerramento da consagração, a Guarda dos Catopês entrou na capela para saudar a nova Guarda que tinha acabado de “nascer”, afinal os Catopês eram os padrinhos²⁴ da Guarda do Divino. Assim, o mestre Guerino iniciou o cântico:

*Oh Senhora do Rosário
Nossa companhia
O Divino Espírito Santo, é que é nossa guia*

²⁴ DaMatta (1986) em sua obra *O que faz o Brasil, Brasil* afirma que “essas formas de marcar entradas e saídas do universo religioso são em geral dramáticas, exigindo ritos especiais e trabalhos que operam como mediadores. Compara o batismo e o casamento em que marca e indica que a cerimônia é algo público, algo definitivamente social. Esses padrinhos são os mediadores onde marca a presença do social.

Outros cânticos foram recitados pelos Catopês de Pinhões, e o sacerdote concluiu com o seguinte dizer:

Aqui estão cheios de beleza e fé. Até aqui a mão dele (Deus) nos permitiu com o nascimento de uma Guarda de Congo. É fé, cultura, alegria, Igreja, Irmandade e fraternidade. Dia de pentecostes, nascimento da Guarda de Congo do Divino Espírito Santo. Está consagrada a Guarda do Divino. (Informação Verbal)²⁵.

Após as palavras do sacerdote, a capitã da Guarda de Congo do Divino proferiu o cântico:

Ó lá no céu tem uma Santa Maria

Ó lá no céu, tem uma Santa Maria

Ela vai descer do céu, para ser a nossa guia

Ela via descer do céu, para ser a nossa guia

Ao som das caixas, a Guarda de Congo, a bandeireira, as capitãs, a princesa e o príncipe, a rainha e o rei perpétuos, saíram da capela de frente para o altar e de costas para a porta de entrada do templo - um ritual que fazem por respeito ao local sagrado de adoração. Tocaram o sino e a Guarda de Congo do Divino permaneceu no adro da Igreja, aguardando as ordens para se dirigir à quadra da comunidade, onde serviriam o café.

Sobre a situação evidenciada, é interessante destacar o trecho de Alves (2009) ao dizer que:

Todos os rituais do Congado são constituídos como “configurações teatrais que dizem à comunidade aquilo que ela foi, é, e poderá ser, mediante um conjunto de atitudes, que devem ser analisadas pelos devotos” (PEREIRA E GOMES, 2002, p.63). Significam a representação viva, da cosmogonia, que orienta a vida individual e coletiva, daqueles que se transformam em atores-devotos e que “emprestam suas potencialidades a uma grande trama que se desdobra em vários atos”. (p.70). Tudo é vivido com muita concentração e fé, exigindo a cumplicidade entre todos. (ALVES, 2009, p.174).

Após serem liberadas pelas/os capitãs/ães regentes, as/os integrantes da Guarda de Congo do Divino e das outras Guardas dirigiram-se à quadra, para saborearem o café. Depois do café, a Guarda de Congo do Divino, assim como as outras Guardas, organizaram-se para dar início aos rituais de busca da Imperatriz e do Imperador, para, em seguida, acompanharem

²⁵ Palavras proferidas pelo sacerdote Vicente Menezes, em 08/06/2014.

o cortejo até a capela e instaurarem as solenidades da missa campal. Após se organizarem, concentraram-se no adro da Igreja.

2.3 A presença da Guarda feminina na festa do Divino

Segundo Soares (2009) “[...] atualmente é senso comum ouvir comentários que as tradições religiosas estão se perdendo em nossa sociedade e que precisamos resgatá-las.”[afirmando que], “[...] se apurarmos nosso olhar e nossos ouvidos não é isso que vamos perceber e que ainda são comuns as festas religiosas em nossas cidades.” (SOARES, 2009, p. 59). Nesse sentido quando olhamos e ouvimos a nossa sociedade por meio da festa religiosa do Congado, percebemos que ali existe um ritual coletivo que se atualiza. Não precisamos resgatá-las e sim percebê-las.

Sobre esses rituais da festa, existe uma dimensão coletiva que constituem as representações coletivas. Assim, para Durkheim (1996) as representações vão se tornando intensas quando os indivíduos se relacionam com os outros. E, nesse sentido, ao organizarem coletivamente suas festas, os grupos de Congado, por meio de suas representações ritualísticas, relacionam-se com os outros e nos mostram nossa sociedade.

Retornando à situação exposta, com relação à Guarda de Congo do Divino, após se reunirem, no adro da capela, as integrantes posicionaram-se em duas fileiras. A bandeireira e os caixeiros dispuseram-se na frente da Guarda e as capitãs colocaram-se entre as duas fileiras. Ao som das caixas, iniciou-se a trajetória para buscar o Imperador e a Imperatriz do Divino. Deu-se então a estreia da Guarda de Congo na festa do Divino. O Imperador e a Imperatriz do Divino garantem a realização da festa. São eles os festeiros responsáveis pela solenidade.

Sobre essa situação, cabe citar Alves (2009) ao dizer que:

São os Reis festeiros, chamados também de Reis de Ano, quem garantem a realização da festa. Eles, normalmente, “reinam” durante um ano e sua principal participação é na semana dos festejos. São os responsáveis pela produção da festa, principalmente da comida, que é servida a todas as Guardas visitantes e a quem mais chegar, além de contribuírem com a ornamentação de altares, andores, fogos, roupas (quase sempre luxuosas), contratação de banda de música. As roupas e coroas dos Reis Festeiros e do Trono Coroado²⁶ exibem brilho, reproduzem o luxo do Império. Por isso, se relacionam os festeiros com a ideia de posse, sendo ainda encontradas Guardas, principalmente no interior, nas quais estes são os brancos, “os donos do poder”. (ALVES, 2009, p.177).

²⁶ Segundo o Capitão Regente da Guarda de Congo do Divino de Pinhões, Marlon Lima, entende-se por Trono Coroado os Reis da Guarda: É o Rei Congo, a Rainha Congo, o Rei Perpétuo e a Rainha Perpétua, e outros Reis de acordo com a realidade da Comunidade.

Em seguida, o cortejo, composto pela Rainha e Rei Perpétuos, princesa e príncipe, acompanhou a Guarda de Congo do Divino até a casa da Imperatriz. Ao chegarem a sua residência, um cântico foi harmonizado, convidando-a a apreciar a Guarda e acompanhá-la, juntando-se ao séquito:

Sá Rainha chega na janela

Sá Rainha chega na janela

Venha ver sua Guarda

Como está tão bela

Com a busca da Imperatriz e do Imperador, que pode ser visto na figura 9 a seguir, iniciaram-se os festejos do Divino Espírito Santo.

Figura 9 - Imperador e Imperatriz do Divino



Fonte: Fotos da autora, 2014.

Em relação aos ritos, Durkheim (1989) citado por Soares (2009) menciona que:

[...] é por meio dos ritos que a sociedade toma consciência de si mesma. Por isso, ela precisa se reunir e concentrar, periodicamente, mantendo, assim, os sentimentos que possui de si mesma. É por intermédio desses momentos que a sociedade se faz e refaz, fornecendo ao ser humano meio para conceber outro mundo ideal, “porque foi ela que construiu esse mundo novo ao construir-se a si mesma, já que a exprime. (Soares, 2009, p. 32).

Vê-se, então, a consonância dessa afirmação com o evidenciado na Comunidade de Pinhões, já que a sociedade, ao se construir, acaba arquitetando um mundo novo, fazendo com que o

ser humano exprima aquilo que o faz ser um ser social. Um ser que tem necessidade de se reunir, se concentrar e experimentar o que é viver em sociedade.

Retornando à narrativa do rito, depois que a Guarda de Congo buscou a Imperatriz e o Imperador do Divino, o cortejo seguiu até à capela do Rosário. Cânticos foram recitados no ritmo das caixas e acompanhados com passos de dança. A Guarda, então organizada em duas fileiras, foi comandada pela primeira Capitã, que iniciou um cântico, de louvor à Nossa Senhora, mãe de Deus, e toda a Guarda respondia:

*Eu vim de longe, muito longe
Para ver a Mãe de Deus
Eu subi serra e descii serra
Para ver a Mãe de Deus
Nossa Senhora do Rosário
Para ver a Mãe de Deus
Para ver, para ver, para ver a Mãe de Deus*

*Ela será a nossa guia
Para ver a Mãe de Deus
Hoje e sempre todo dia
Para ver a Mãe de Deus
Eu vou cantar o seu louvor
Para ver a Mãe de Deus*

A Guarda de Congo proferiu novos cânticos até a chegada na capela para iniciar-se às solenidades da missa campal.

Sobre esse contexto, cabe mencionar que é importante para a pesquisadora inteirar-se com seu objeto de pesquisa, tendo em vista que pode apreender muitos fatos que, talvez fossem imperceptíveis se não tivesse essa vivência com a práxis. Assim, quando nos fazemos de objeto de nossas pesquisas, assumindo as funções que nos cabem, como dançante, instrumentista e cantante do Congado, percebe-se que é um meio de dar voz ao outro. Nesse sentido, passamos a compreender a nossa sociedade e, também, a perceber a presença das festividades mineiras, mais especificamente a festa do Divino e a festa de Nossa Senhora do Rosário. É preciso, então, não resgatá-las, mas percebê-las, porque em todo instante estão

sendo ressignificadas. E isso encontra respaldo em Durkheim (1996), uma vez que, para o autor, a afirmação de que as crenças propriamente religiosas são sempre comuns a uma coletividade determinada, que declara aderir a elas e praticar ritos que lhe são solidários. E o ritual do cortejo nos mostra valores de nossa tradição.

Em relação à estrutura do préstito do Divino, ele fica assim organizado: na frente seguem a rainha e o rei festeiros ou Imperatriz e Imperador do Divino; em seguida, a Bandeira do Divino, a princesa e o príncipe da Guarda de Congo do Divino, assim como, as capitãs, as demais integrantes da Guarda, também chamadas de marinheiras de Nossa Senhora do Rosário.

Cabe ressaltar que, para DaMatta (1990), esse é um ritual que se transforma diante de nossos olhos. É o instante que transforma o particular em universal; o individual no coletivo. É um jogo de transformação, em que a sociedade se revela como coletividade diferenciada; como grupo que se pode reconhecer como único e diferente dos outros. Agora, são todos filhos de Nossa Senhora do Rosário, iluminados pelo Espírito Santo. A figura 10, mostra o momento do cortejo do Divino Espírito Santo:

Figura 10 - Cortejo do Divino Espírito Santo



Fonte: Dados de Pesquisa, 2014.

É necessário mencionar que, nos rituais do Congado, a comida é um ingrediente indispensável. É importante a presença das cozinheiras do Congado por serem elas as responsáveis no preparo dos banquetes coletivos, o que assegura o sucesso da festa. Sobre isso, Soares (2009) afirma que:

[...] o banquete sempre foi marca registrada nas festas religiosas do Congado, presente desde as suas origens nas Irmandades do período colonial. Não é sem razão que São Benedito, um dos santos de devoção dos negros, é também quem garante a fartura da cozinha. (SOARES, 2009, p.67).

O que é confirmado por Alves (2009), pois a autora afirma que nas sedes, nas casas e nos terreiros do Congado, “o destaque fica para a cozinha, quase sempre equipada com fogão à lenha, enormes panelas, recipientes e demais utensílios, além da imagem de São Benedito, o santo cozinheiro, aquele que dá a proteção para que nada falte.” (ALVES, 2009, p. 220).

Na comunidade de Pinhões, o banquete é servido para todos. Inicialmente, as Guardas convidadas são as primeiras a degustarem, em seguida os moradores e visitantes presentes na festa. Em relação a esse momento, Alves (2008) explica que o alimento é abençoado e que a “Grande-Mãe²⁷” quer ver a família reunida, principalmente nos momentos das refeições. Por isso, vive-se o sacramento ao comungar e partilhar o alimento. As iguarias são consideradas sagradas e as refeições são feitas em conjunto e sempre antecedidas por cantos. No Congado, até o ato de comer se faz por meio de rituais. Após o ritual alimentar, antes de se retirar do refeitório, a Guarda de Congo do Divino despede-se de São Benedito e agradece a mesa farta, como pode ser visto na figura 11.

Figura 11 - Agradecimento à mesa



Fonte: Fotos da autora, 2014.

De acordo com o costume, a bandeira segue em frente, em seguida os caixeiros, a Guarda, o príncipe e a princesa, a rainha e o rei perpétuos. Todos fazem um desenho em

²⁷ “Grande mãe” é o termo utilizado pela autora ALVES (2008) para dizer Nossa Senhora do Rosário, presença mítica entre os congadeiros.

forma de espiral (caracol), onde dançam e cantam músicas de agradecimento, como a descrita abaixo, retirando-se do ambiente sagrado.

Já comeu já bebeu
Olha agora vamos embora
São Benedito que abençoa
Junto com Nossa Senhora
Já comeu, já bebeu

Sobre o ato de comer Roger Callois (1998), em sua obra *O homem e o Sagrado*, afirma que nas festas existem excesso e dispêndio, ou seja: excesso de comida e de bebida. O que se confirma com os dizeres da congadeira Maria Geralda²⁸ ao afirmar que “a festa de Pinhões tem uma comidaria e bebedeira”. Situação essa também exposta por Callois (1998, p. 99), pois, para o autor, esse excesso “é necessário ao sucesso das cerimônias celebradas, participa da sua virtude santa e contribui com elas para renovar a natureza ou a sociedade”.

Além disso, segundo Soares (2009, p. 68), nos rituais do Congado, a cozinha torna-se um espaço para além do consumo de alimentos. “É espaço de doação, de sacrifício e abandono. Tudo em nome da fé e da devoção inaugurada pelos antepassados, reatualizada no ritual sagrado, que irmanam aqueles que com eles se solidarizam”. Desse modo, pode-se dizer que o banquete no Congado é um ritual sagrado.

No dia festivo de consagração da Guarda de Congo do Divino, não houve a procissão por respeito ao falecimento de um membro da comunidade. Este é um momento que todos esperam, em que os andores são preparados com muita dedicação, são enfeitados com flores e fitas. Encontra-se em Alves (2009) a descrição da procissão que, geralmente, segue o mesmo costume em todos os Congados.

Um momento esperado por todos é a procissão. A Guarda anfitriã e os grupos convidados se organizam. Os andores preparados com muita dedicação e criatividade, pelos próprios devotos, são carregados por pessoas da comunidade. É comum encontrarmos os andores de Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia, São Benedito, além de Nossa Senhora Aparecida, São Cosme e São Damião, São Jorge, O Divino Espírito Santo, dentre outros. Por ser o agonístico uma das características da festa, a cada ano tudo deve ser feito para ficar ainda mais bonito que o anterior. O Congo “enfeita a rua” e o Moçambique “puxa” o trono coroado, que luta contra o vento para manter sua vela acesas, murmura orações do terço e canta. Misturam-se sons, cores e ritmos. Lembrando Mafessoli (op.cit.), é uma con-fusão animada, dançada e cantada, na qual cada grupo realiza seus gestos e ritmos privados, porém integrados em um movimento geral, que serpenteia o trajeto onde passa. Os sons se

²⁸ Entrevista realizada pela autora, 2009.

decompõe, mas no fundo é uma música só, no ritmo dos tambores.(ALVES, 2009, p.215).

Os tambores²⁹, assim como as caixas, são muito importantes no Congado, pois eles possuem um valor sagrado já que, segundo Lucas (2002, p.235), “emitem suas vozes”, construindo “palavras” que “chamam”, “respondem”, “falam” e “cantam” a fê e a história dos filhos do Rosário”. Além disso, conforme Alves (2009), os sons dos tambores envolvem todas as cenas, “chamam” os congadeiros para se misturar às suas batidas, os cantos e os nutre do fogo que provoca o corpo e o convida, impulsivamente, à dança.

2.4 Ritos de Encerramento da festa do Divino

*Capelinha de Nossa Senhora
A festa acabou
Capelinha de Nossa Senhora
A festa acabou*

(Canto tradicional do Congo)

A epígrafe escolhida remete ao encerramento da festa do Divino de Nossa Senhora do Rosário de Pinhões, pois, apesar de falar que “A festa acabou”, para uma/um congadeira/o a festa nunca tem um fim, é um eterno recomeço. Ou seja, termina uma festa, mas logo já se preparam para a outra. Nesse contexto, segundo a dançante e cantante Joana Barbosa,

A festa é muito importante. É o dia de pentecostes: é o dia que Jesus soprou sobre os apóstolos, então representa muita coisa pra gente. Foi muito bonita a festa.A corte ficou maravilhosa. Todos os anos a festa é muito bonita na nossa comunidade. Toda vida teve a corte com o Imperador e a Imperatriz. Antes tinha banda de música e agora nós temos a Guarda de Congo do Divino Espírito Santo de Nossa Senhora do Rosário!(BARBOSA, 2015, Dançante e Cantante, Entrevista 5)³⁰.

E, para a segunda Capitã:

A festa do Divino é muito importante. È tá vivendo essa fé mesmo no Espírito Santo de Deus, que é nossa força, é o nosso guia de cada momento de cada dia. Então assim pode manifestar isso cantando e dançando, se prostando totalmente ao Espírito Santo de corpo e alma melhor ainda. (EVANGELISTA, 2015, Segunda Capitã, Entrevista 3)³¹.

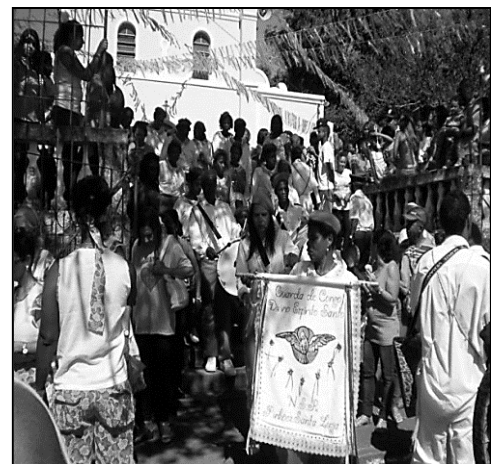
²⁹ Sobre a importância sagrada dos tambores, ver: PEREIRA, Edimilson de Almeida. Os tambores estão frios: herança cultural e sincretismo religioso no ritual do Candombe. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2005.

³⁰ Entrevista realizada pela autora, 2015.

³¹ Entrevista realizada pela autora, 2015.

As solenidades são geralmente realizadas no adro da Igreja, devido à falta de espaço em seu interior. Antes de iniciar a missa solene, o sacerdote apresentou a Guarda do Divino, (já consagrada) aos devotos presentes. Guardas de outras comunidades, membros eclesiásticos e grupos de várias localidades, participaram dos rituais memoráveis. Durante a celebração, percebe-se o quanto as pessoas sentem-se ligadas pela fé, isto é, como afirma Durkheim (1996), os indivíduos que compõem essa coletividade sentem-se ligados uns aos outros pelo simples fato de terem uma fé comum. Isso é confirmado por Alves (2008), pois, para a autora, a fé faz parte do culto dos congadeiros e seus ancestrais. A figura 12 a seguir explicita os momentos da Missa Campal:

Figura 12 - Momentos da Missa Campal



Fonte: Fotos da autora, 2014.

Quando uma festa termina, já se preparam para outra. Esse encerramento se dá com a descida do mastro e a retirada da bandeira. A descida dos mastros aconteceu alguns dias após

o término da festa devido ao luto em que a Comunidade vivia. Mesmo que Pinhões tenha passado por momentos difíceis, ao finalizar a festa, a alegria foi contagiante para aqueles que participavam dela e para aqueles que só assistiam, afinal, a festa dinamiza a vida e é sempre atual, como explica Perez (2002):

Um fenômeno vindo do fundo da tradição, e que em relação a contemporaneidade mais imediata, possa parecer alguma forma de arcadismo, de sobrevivência, de nostalgia ou até mesmo de atraso, é, no entanto, vivida, como revigoramento e, portanto, como uma espécie de renascimento, pleno de atualidade, de inovação, de ruptura. Para quem participa dela, a festa não tem idade, é sempre atual (PEREZ, 2002, p.53).

O Congo do Divino, ao som das caixas, entoavam cantigas que memoravam as/os marinheiras/os de Nossa Senhora do Rosário. As/os componentes da Guarda de Congo do Divino fizeram uma corrente. Enquanto desciam os mastros, cantavam:

Puxa a corrente no mar

Marinheiro

Puxa a corrente no mar

Marinheiro

Ô marinheiro, ô marinheiro

Eu vim pra brincar no terreiro

Destarte, a “efervescência” da festa foi cumprida, assim como todos os rituais e o Reinado foi fechado. Houve a descida dos mastros e a retirada da bandeira. Sobre esse momento, Alves (2008) afirma que:

A descida dos mastros é, mais uma vez, carregada de emoção. Quase sempre é acompanhada de uma chuva de fogos e palmas. É hora de finalizar a festa, agradecer por tudo ter ocorrido de forma tranquila, e de, principalmente, recolher os símbolos da fé. Nossa Senhora veio dos céus, pelas águas, e, para o céu deve retornar. Para lá, também, devem voltar os outros santos. Subir para descer de novo e novamente subir, num ciclo eterno que a cada ano se renova e que nos remete, inexoravelmente, aos ritos agrários de povos nos quais por certo, os congadeiros encontram suas origens. (ALVES, 2008, p.226).

A referida autora informa, também, que nos ritos agrários tudo passa por um ciclo e por certo, as/os congadeiras/os encontram suas origens. Em Pinhões, as/os congadeiras/os são descendentes dos escravos que trabalhavam na fazenda de Macaúbas. Quem nos confirma é o mestre Waldir, citado por Barroso (2009), quando menciona a origem dos Catopês de

Pinhões. “Eu me lembro que na roça, colhendo *milho*³², um cantava e outro respondia. E fomo para a rua cantá. Aqui é a voz que manda e tem que ser coisa séria.” (BARROSO, 2009).³³

Encontra-se em Alves (2008), autora que também participou do Congado na função de rainha a afirmação de que choro, alegria, emoção, tensão, doação, cumplicidade, exposição e gastos fazem parte do repertório da pesquisadora. Assim, por mais que tenhamos o distanciamento necessário que a pesquisa nos exige, nada nos impede de experimentar essa vivência religiosa festiva ao nos tornar objeto de nossa própria pesquisa. Afinal, integrar-se ao Congado, ora tocando as caixas, ora dançando e cantando nos faz refletir sobre a nossa sociedade. Nos faz perceber que “olhar de dentro” é uma oportunidade para revermos nossos conceitos sobre um grupo estudado e como ele nos vê junto deles. Sobre esse contexto, Alves (2008) com alegria compartilha com as colegas congadeiras e os colegas congadeiros que:

Se a morte não me matar,

Tamborim

Se a terra não me comer,

Tamborim

Ai, ai, ai tamborim,

Para o ano eu voltarei

Tamborim

Realmente, valeu a pena!

Com meu humilde cumprimento.

Salve Maria!

Por fim, o Reinado do Divino encerrou-se com a descida dos mastros. A tradição do encerramento sempre foi feita nas segundas-feiras pela Guarda masculina e realizado na praça onde os Catopês dançam a marimba³⁴. O Congo do Divino também encerrou a festa na segunda-feira, não em sua estreia em 2014, mas em 2015. Por ser ele recente, houve um questionamento e a Capitã Maria Rosalina o relata:

³² Em muitas narrativas míticas, o milho é um alimento de muita importância. Ele se associa à colheita de boa safra e como ingrediente, não deve faltar à mesa. Ciclo agrário presente em Pinhões

³³ Mestre Waldir, em entrevista concedida a autora em 2009, para a monografia de especialização sobre a festa de Nossa Senhora do Rosário de Pinhões.

³⁴ Para o termo Marimba ver: LOPES, Nei. Enciclopédia Brasileira de Diáspora Africana. São Paulo: Selo Negro, 2004. Marimba é espécie de xilofone da tradição africana das Américas. Dança negra do Uruguai.

Só uma pessoa comentou: “não entendi o porque terminar a festa na segunda-feira, porque esse Congado não é tradição! Esse Congado acabou de nascer”. Achou estranho o Congado seguindo a mesma tradição dos Catopês. Aí...vamos ver o ano que vem como vai ser. Se vai continuar terminado na segunda, porque teve uma repercursão muito grande. Na segunda parecia ter mais gente. Eu não imaginava que ia descer tanta gente para nos acompanhar. Eu achei que a repercursão ficou ótima. A Igreja ficou lotada as oito horas da noite!. (PÁSCOA, 2015, Primeira Capitã, Entrevista 2).³⁵

Quando há uma ruptura com um sistema, com uma tradição, no início pode haver questionamentos de pessoas da própria comunidade. Mas são esses questionamentos que suscitarão a mudança posteriormente. O fato de não ser o Congo do Divino Espírito Santo uma tradição não implica que não possa vir a ser um dia. Se o Catopê hoje é tradição, isso ocorreu porque, um dia, também tiveram um começo. Eles não nasceram tradição, eles se fizeram tradição. Assim, o primeiro passo para ser é fazer-se acontecer. Ou seja: “romper o silêncio”, como diz Gebara (2000b), é mobilizar-se. Para isso, não é preciso necessariamente ir contra as regras mas propor outras, para que se encontre novas soluções.

Diante do exposto, é importante ressaltar que qualquer teoria tem seus pontos menos assertivos e mais assertivos, em que alguns posicionamentos de autores se divergem e outros se encontram. Consideram-se, nesse estudo, os pontos mais positivos que venham acrescentar algo a alguém. Afinal, o Congo do Divino foi consagrado e, a partir deste momento, começou uma nova fase de vida individual e coletiva em Pinhões. É aconselhável saber que existe algo que estruturalmente domina o ser humano, mas, por outro lado, existe a possibilidade de mobilizar-se, e, para isso, precisa-se crer. Poder, mobilidade e fé são divergentes ao mesmo tempo em que se complementam. As mulheres de Pinhões passaram por todo o ritual entre risos, lágrimas e emoções. A mulher como um ser socialmente construído, fica à mercê da sociedade, entre o poder e a fé. Que poder é esse e que fé é essa? Será que as mulheres de Pinhões realmente se mobilizaram? Será que entre a fé e o poder conseguiram romper com a tradição simbólica patriarcalista dos Catopês ao abrirem um Reinado? Será que a festa proporciona uma abertura ao outro e faz aproximar as pessoas? E os rituais, porque são tão importantes?

Vejamos como as mulheres da Guarda de Congo do Divino Espírito Santo de Pinhões deixaram seu legado. Mas, primeiramente apresenta-se uma leitura sobre a teoria da festa e dos rituais.

³⁵ Entrevista realizada pela autora, 2015.

3 ELEMENTOS TEÓRICOS SOBRE A FESTA E O RITO EM PINHÕES/MG

3.1 O Reinado Feminino, como festa

3.1.1. *Por uma teoria da festa*

Pensar em religião e festa nos faz percorrer caminhos pelas teorias clássicas e contemporâneas de autores que, com suas práticas, nos convidam a repensar a questão da religião e da festa em nosso contexto. Antes de engendramos nas teorias clássicas e contemporâneas, iniciemos com uma questão etimológica: a palavra religião “religio- religião – vem de re+ligare que significa “religação do ser humano com Deus” (LACTÂNCIO apud LIBÂNIO 2011, p.89). E para o autor contemporâneo Duvignaud (1983), quando reflete sobre a questão da festa, remete-se também ao (re)ligare. Ou seja, entende-se, portanto, que a festa permite que uma pessoa se ligue às outras, assim como a religião permite que uma pessoa se ligue a Deus.

Dentro das teorias clássicas, no tocante à religião e festa, Emile Durkheim (1996) contribuiu para se pensar o “sagrado e o profano” e a questão da “efervescência coletiva” proporcionada pela festa. Em seu livro *As formas elementares da vida religiosa*, o autor analisa a sociedade tribal totêmica e ali aponta elos entre religião e festa, como pode ser visto no trecho a seguir:

É por isso que a ideia mesma de uma cerimônia religiosa de certa importância desperta naturalmente a ideia de festa. Inversamente, toda festa, mesmo que puramente leiga por suas origens, tem certos traços da cerimônia religiosa, pois sempre tem por efeito aproximar os indivíduos, por em movimento as massas e suscitar, assim, um estado de efervescência, às vezes de delírio, que não deixa de ter parentesco com o estado religioso. (DURKHEIM, 1996, p.417).

Nesse sentido, Durkheim acredita que as cerimônias religiosas trazem em si a ideia de festa e as festas trazem traços de cerimônias religiosas. Para o autor, quando o grupo se reunia para as festas em que ocorria exaltação, isso o levava a crer que a sociedade se dividia, tornando-se heterogênea: por um lado, o cotidiano visto como profano e, por outro lado, o sagrado. Sobre isso, Durkheim (1996) afirma que:

Se uma distinção puramente hierárquica é um critério ao mesmo tempo muito geral e muito impreciso, não nos resta outra coisa para definir o sagrado em relação ao profano, a não ser sua heterogeneidade suficiente para caracterizar semelhante classificação das coisas e distingui-la de qualquer outra é justamente o fato de ela ser muito particular: ela é absoluta. Não existe na história do pensamento humano outro exemplo de categorias de coisas tão profundamente diferenciadas, tão radicalmente opostas uma à outra. (DURKHEIM, 1996, p.22).

Vê-se que, para o autor, o sagrado e o profano são categorias diferentes e nas cerimônias essa questão era muito visível. Por esse viés, pode-se dizer que a religião emergiu devido a esses dois polos heterogêneos.

Assim, essas duas categorias, o sagrado e o profano, são verificáveis no Congado haja vista que as/os congadeiras/os transitam por essas vias. Mas torna-se difícil distinguir os limites de cada um. Independentemente se sagrado ou profano, tanto as cerimônias religiosas quanto as festas têm o objetivo de aproximar as pessoas. As cerimônias religiosas, como afirma Durkheim (1996), têm o efeito de aproximar os indivíduos: é o que pode ser verificado na fala da primeira Capitã Maria Rosalina do Congo do Divino de Pinhões:

É um meio de levar muita gente às vezes que não vai à igreja diariamente. Esse dia de festa é o dia que eles saem. Que eles vão as festas, principalmente essas pessoas mais velhas que não vão a missa todo final de semana, então acho que na festa todo mundo sai de casa. É bom rever as pessoas que há muito tempo não via. Pessoas que já morou e não moram mais e aí fica sabendo da festa e vem pra festa. (PÁSCOA, 2015, Primeira Capitã, Entrevista 2)³⁶.

Percebe-se que no dia da festa as pessoas saem de casa, vão à missa e se encontram. Isso se torna um ambiente favorável para que ali se estabeleça as relações sociais entre os indivíduos, onde alguns valores são descortinados e, com eles, novas propostas surgem. Nesse sentido, pode-se dizer que sair de casa para ir a uma festa é sair “à rua e como rua se entende o lugar do movimento, em contraste com a calma e a tranquilidade da casa, o lar, a morada.” (DAMATTA, 1986, p. 23). Portanto, sair para uma festa convida o indivíduo a relacionar-se socialmente, onde há um deslocamento de um espaço para outro, ou seja: da casa para a rua. Sobre isso, DaMatta (1986) afirma que:

Casa e rua são mais que locais físicos. São também espaços onde se pode julgar, classificar, medir, avaliar e decidir sobre ações, pessoas, relações e moralidades. Compensando-se mutuamente e sendo ambas complementadas pelo espaço do “outro mundo”, onde residem deuses e espíritos, casa e rua formam espaços básicos através das quais circulamos a nossa sociabilidade. (DAMATTA, 1986, p.33).

Assim, “olhar” para o Congado de Pinhões é verificar que ali é tecida uma rede de sociabilidade entre as pessoas, além de que, ao se aproximarem, há uma exaltação. Há uma movimentação de pessoas proporcionando também as suas pertenças onde ali novas subjetividades são construídas, onde os sujeitos se identificam. Nesse sentido, as festas tendem a se aproximar das cerimônias religiosas como afirma Durkheim. A ideia de festa traz em si um encontro, mas, por outro lado, no espaço festivo de encontro, pode-se também

³⁶ Entrevista realizada pela autora com a primeira capitã Maria Rosalina, 2015.

“medir, avaliar e decidir sobre ações”, como afirma DaMatta (2013). As festas possuem também a função de descortinar ou averiguar alguns elementos, como o fez Durkheim (1996) ao pesquisar o totemismo. Percebeu-se que naquele grupo existia um estado de exaltação coletiva, uma conexão do grupo social e também a contração das normas sociais. Nesse contexto, de acordo com o referido autor:

O homem é transportado fora de si, distraído de suas ocupações e preocupações ordinárias. Por isso, observam-se em ambos os casos as mesmas manifestações: gritos, cantos, música, movimentos violentos, danças, busca de estimulantes que elevem o nível vital. (DURKHEIM, 1996, p.415-416).

Quando a mulher e o homem, nas festas ou nas cerimônias religiosas, manifestam-se por meio destas “explosões” festivas, há uma transgressão que o ambiente festivo permite. Nesse sentido, o indivíduo pode sair de seu cotidiano, já que esse excesso nessas horas o é permitido. Visto dessa forma, nas festas, cantar e dançar eleva o nível vital, conforme afirma Durkheim (1996). No Congado percebe-se essa ascensão do nível vital quando seus integrantes se manifestam por meio de suas danças e cantos. Desse modo, para a segunda Capitã do Congo do Divino:

A festa do Divino é muito importante. É tá vivendo essa fé mesmo no Espírito Santo de Deus, que é nossa força, é o nosso guia de cada momento de cada dia. Então assim pode manifestar isso cantando e dançando, se prostrando totalmente ao Espírito Santo de corpo e alma. (EVANGELISTA, 2015, Segunda Capitã, Entrevista 3)³⁷

Assim, avaliando as palavras da Capitã, quando esta se manifesta através do canto e da dança de corpo e alma, isso nos remete a seguinte consideração feita por Durkheim (1996):

Assim que cumprimos nossos deveres rituais, retornamos à vida profana com mais coragem e ardor, não somente porque nos pusemos em contato com uma fonte superior de energia, mas também porque nossas forças se revigoraram ao viver, por alguns instantes, uma vida menos tensa, mais agradável e mais livre. Por isso, a religião tem um encanto que não é um de seus menores atrativos. (DURKHEIM, 1996, p.417).

Outro autor clássico que contribuiu para os estudos sobre festa foi Marcel Mauss (1974) citado por Alves (2008) para este autor:

A variação sazonal na vida dos esquimós, nos mostra como também a nossa, é feita de alternâncias em sua dinâmica. Ele descreve sobre a vida religiosa deste povo que possui características diferentes no verão e no inverno. O primeiro (verão) é caracterizado pelo tempo da dispersão, onde os vínculos sociais se afrouxam, as

³⁷ Entrevista realizada pela autora com a segunda Capitã Aparecida dos Santos C. Evangelista, 2015.

relações tornam-se mais raras, os indivíduos são menos numerosos e a vida psíquica se atenua. O inverno, por sua vez, é a estação em que a sociedade fica concentrada, possibilitando um estado crônico de efervescência e superatividade. Neste período os esquimós vivem uma espécie de festa contínua e coletiva, porque são atividades do grupo e porque é o grupo e suas alternâncias da vida cotidiana, entre o trabalho e as festas, que elas exprimem. (MAUSS apud ALVES, 2008, Um pouco de história da teoria da festa: as teorias clássicas, para.4).

Para Callois (1988), as festas não caminham somente pelo lado do riso, da alegria, mas também pelo que a opõe. As festas católicas incluídas no calendário cristão comemoradas na semana santa, que celebram a saga de Jesus Cristo em sua paixão, é um exemplo de festas que são consideradas tristes. Mas, tanto nas festas tristes quanto nas alegres, o que as definem são as cantorias, danças, bebidas, roupas de diversas cores, iguarias, ritmos e sons. Vê-se, portanto, que tanto Durkheim, quanto Mauss e Caillois comentam sobre a efervescência da festa. Sendo a festa alegre ou não, ela faz parte da vida das pessoas. Por muitas, vezes as/os congadeiras/os, ao vivenciarem a festa, atribuem os festejos à santa do Rosário. Isso pode ser verificado na fala da bandeireira Simone Teles ao dizer que:

A festa do rosário... Nossa... Acho que nós que moramos aqui na comunidade a gente não vê o outubro passar sem ter a festa dela. [de Nossa Senhora]. A festa dela é tudo prá nós aqui da comunidade. Então é a coisa mais linda vim prestigiar Nossa Senhora do Rosário. (TELES, 2015, Bandeireira, Entrevista 4)³⁸.

Isso é reforçado mais uma vez por Durkheim (1996) ao dizer que “Por isso, a religião tem um encanto que não é um de seus menores atrativos.” (DURKHEIM,1996, p. 417). Assim, a festa, quando inserida no contexto da religião, pode ser estudada como objeto da religião. Mas nem sempre a religião pode ser estudada como objeto da festa, porque nem toda festa é religiosa, mas isso não implica que a religião não traga elementos de caráter festivos.

Autores contemporâneos nos apresentam propostas referentes à teoria da festa. O francês Jean Duvignaud é um exemplo, já que afirma que festa é o (re)ligare, aquilo que liga algumas pessoas às outras. Duvignaud “é o principal expoente das teorias contemporâneas sobre festa” como afirma Alves (2008) a seguir:

O principal expoente das teorias contemporâneas sobre a festa é o francês Jean Duvignaud. Este autor dialoga com Mauss (troca-dom) e Bataille (dispêndio), mas, ao mesmo tempo, faz uma ruptura com estes autores e com as teorias clássicas, quando estas se colocam como tentativa de regeneração social ou afirmação da ordem vigente. Duvignaud, em toda sua obra (1983, 1986a, 1986b, 1997), radicaliza a teoria da festa. Para ele, a festa está no campo do imaginário, do possível, por isso ela abre as possibilidades para a experiência. Na teoria clássica a festa inverte a

³⁸ Entrevista realizada pela autora com Simone Teles, 2015.

ordem. Para Duvignaud, ela é uma ruptura com a ordem estabelecida e, por sua característica anômica, torna-se nociva a essa. (ALVES, 2008, As teorias contemporâneas sobre a festa, para. 6).

Duvignaud, segundo a autora, dialoga com autores como Mauss e Bataille, mas também rompe com as teorias clássicas. No livro intitulado *Festas e Civilizações* (1983), Duvignaud dá ênfase à festa e acredita que ela “abre as possibilidades para a experiência”. É na festa que ocorre a ruptura com a vida cotidiana e os “excessos” funcionam como “válvula de escape”, o que não acontece no cotidiano. Para o autor, a festa não pode ser tratada como algo funcional porque pode interferir no seu caráter subversivo. Assim, a festa, para Duvignaud, pode trazer inquietudes e transformações sociais. Portanto, segundo o autor, existe um caráter revolucionário nas festas, tendo em vista que uma vontade coletiva pode trazer a subversão dos códigos sociais.

Roberto DaMatta (1986) também aborda algumas características da festa:

Todas as festas – ocasiões extraordinárias – recriam e resgatam o tempo, o espaço e as relações sociais. Nelas, aquilo que passa despercebido, ou nem mesmo é visto como algo maravilhoso ou digno de reflexão, estudo e desprezo no cotidiano, é ressaltado e realçado, alcançando um plano distinto. (DAMATTA, 1986, p.83).

Para o autor, as festas, ao serem comemoradas, acabam recriando e resgatando as relações sociais, alcançando um plano distinto. O autor faz uma distinção entre as festas da ordem e as festas que promovem a desordem. Considera o carnaval como uma festa que requer do ser humano seu corpo, alma e energia naquele momento festivo da “desordem”. Já as festas da ordem, como os ritos cívicos e religiosos, apresentam propostas diferentes. Ainda, segundo o referido autor:

As festas da ordem, ou seja, as formalidades sociais em que celebram as relações sociais tal como elas operam no mundo diário, as diferenças são mantidas. Aqui, ao contrário do carnaval, o que está celebrando é a própria ordem social, com suas diferenças e gradações, seus poderes e hierarquias. (DAMATTA, 1986, p.84).

Para ele, as festas religiosas definidas como festas da ordem acabam por se promoverem e se manterem dentro da estrutura social. Ou seja, promovem-se, mantêm-se e reproduzem-se. Como diz Bourdieu (1989), ao se referir aos sistemas simbólicos:

Os símbolos são os instrumentos por excelência da “integração social”: enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação (cf. a análise durkheimiana da festa), eles tornam possível o *consensus* acerca do sentido do mundo social que contribuiu fundamentalmente para a reprodução da ordem social: a integração “lógica” é a condição da integração “moral”. (BOURDIEU, 1989, p.10).

3.1.2 A importância da festa no Congado

O Congado, considerado uma expressão religiosa festiva muito difundida em Minas Gerais, envolve realizações de novenas, procissões, cortejos, coroação de reis e rainhas, cumprimento de promessas, leilões, rifas, cantos, danças, levantamento de mastros e bandeiras, banquetes coletivos, salva de foguetes, barraquinhas. Tudo isso é feito anualmente em homenagens à Nossa Senhora do Rosário. É um grande Reinado que inclui alguns rituais, e o ingresso neste campo religioso descortina valores que se mesclam entre sons, cores e sabores, que faz parte do universo das/os congadeiras/os. As festas são inúmeras, algumas de caráter religioso, outras não, mas cada uma delas possui suas especialidades.

O Brasil é um país festeiro e, Minas Gerais, com suas festividades faz parte dessa nação. As festas em Minas Gerais são inúmeras, inclusive de caráter religioso. Esse estado, na época da colonização, da “febre do ouro”, organizava-se em Irmandades e, a partir delas, as festas começavam a surtir maiores efeitos. Isso é evidenciado por Guimarães (2011) ao mencionar que:

A sociedade colonial mineira se organizou em Irmandades, ou Ordens Terceiras, para resolver os problemas sociais, jurídicos, de saúde de cada classe social. Nessa época a sociedade se dividia em brancos ricos, brancos pobres, negros e mulatos. E cada uma dessas classes pertencia a uma Irmandade ou a Ordem Terceira. Sabe-se que, na região das minas de ouro, a Coroa Portuguesa proibiu a entrada de Ordens Religiosas de primeira e segunda, estas representadas por padres e freiras. A proibição de entrada das Ordens Religiosas trouxe ao mineiro maior liberdade de ação para construção de seus templos religiosos e organizar os eventos em homenagens aos seus santos de devoção. (GUIMARÃES, 2011, p.4).

Ainda, Guimarães (2011) afirma que:

O desenvolvimento dos festejos religiosos mineiros apresenta um diferencial por causa dessa liberdade de ação, porque não se tinham métodos e regras determinados pelas Ordens Religiosas de padres e freiras como aconteceu no litoral – Salvador, Rio de Janeiro, Recife, São Paulo – em que elas ditavam o modelo de organização de festas. Na região de Minas era autorizada a presença de padres seculares controlados pela administração da Coroa Portuguesa, as quais seguiam regras e normas de um missal romano para organizar os festejos: a novena, ladainhas, missa, a procissão, o *Te Deum*³⁹, a Benção do Santíssimo, etc. (GUIMARÃES, 2011, p.14-15).

Se os mineiros tiveram a liberdade de organizarem em Irmandades e com a presença “autorizada” pela Coroa Portuguesa dos religiosos, eis uma considerável razão por Minas Gerais hoje ser considerada uma região de grandes festas. A obra intitulada *Minas é uma festa*, do autor Airton Guimarães, apresenta as várias festas presentes nos 853 municípios de Minas Gerais, classificados de A a Z, e, dentro deles, suas festas específicas. Essas festas

³⁹ Te Deum. A Ti, ó Deus (louvamos). Hino sacro atribuído a Santo Ambrósio ou Santo Agostinho, que, se inicia por *Te Deum laudamus*. Porque todos cantam, criou-se analogicamente a forma popular com o sentido de berros, gritaria. Pr.: “Te Déum”. Destaco aqui a obra de LUIZ (2002) sobre expressões latinas.

foram divididas pelo autor em festas cíclicas: “Ciclo Natalino (novembro a 06 de janeiro), Ciclo carnavalesco (janeiro e fevereiro), Ciclo da Quaresma (março e abril), Ciclo do Divino (maio e junho), Ciclo Junino (junho e julho) e Ciclo do Rosário (15 de agosto a novembro).” (GUIMARÃES 2011, p.17). Nesse sentido, o Ciclo do Divino e o Ciclo do Rosário são festas que merecem serem pesquisadas, uma vez que fazem parte do contexto religioso do Congado e dos festejos da comunidade de Pinhões/MG.

Sobre o Ciclo do Divino, Guimarães (2011) explica que:

Este ciclo começa no Domingo de Páscoa e dura 40 dias, até o Pentecostes, quando se comemora a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos. A festa do Divino Espírito Santo foi introduzida em Minas Gerais pelos representantes da Coroa Portuguesa; afinal, o Divino Espírito Santo era protetor da Coroa. Por isso as Câmaras Municipais eram responsáveis pela organização e manutenção dos festejos em homenagem ao Divino Espírito Santo. [...] Há vários festeiros do Divino que convidam Guardas de Congado para acompanhar o Cortejo do Império... (GUIMARÃES, 2011, p.23-24).

É interessante olhar com proeminência para o Congado, quando a Guarda acompanha o cortejo do Império. É notório que uma festa sem a dança e o canto proporcionados pelo Congado fica incompleta. O Congado, ao abrir o cortejo, representa a aparição de Nossa Senhora aos negros, além de retratar a história do Império, da Coroa Portuguesa em solo mineiro. Guimarães (2011) também fala sobre o Ciclo do Rosário:

Começa em 15 de agosto, indo até novembro; a Igreja comemora em 7 de outubro o dia de Nossa Senhora do Rosário. A festa de N. Senhora do Rosário vem desde o século XVIII, e era organizada e financiada pela Irmandade de Nossa Senhora dos Homens Pretos. Nessa época, nas principais cidades históricas, durante os festejos, além das danças, das comidas e do Cortejo do Reinado, a Irmandade financiava coral e orquestra para cantar a novena, a missa principal, a Benção do Santíssimo e o *Te Deum*. (GUIMARÃES, 2011, p.26).

Na comunidade de Pinhões estão presentes o ciclo do Rosário e o ciclo do Divino. O Reinado de Nossa Senhora do Rosário é o que mais reúne pessoas. Recentemente, a festa do Divino⁴⁰ também tem reunido muitas pessoas. Sobre as festas do Divino, alguns pesquisadores/as fizeram suas abordagens em Açores (Portugal), no Brasil (Rio de Janeiro) e em outras localidades. Nas festas religiosas de Pinhões, inclusive a festa do Divino, a comunidade tem sempre buscado recursos para festejá-las da melhor forma possível. As festas reúnem pessoas

⁴⁰ “É vasta a literatura produzida sobre as festas do Divino Espírito Santo. Estudiosos de folclore (Cascardo, 1962; Moraes Filho, 1999; Van Gennepe, 1947, 1949), 2 historiadores (Abreu, 1999; Melo e Souza, 1994), antropólogos (Brandão, 1978; Leal, 1994; 2001; Salvador, 1981; 1987) têm produzido uma extensa bibliografia sobre a ocorrência dessas festas na Europa, no Arquipélago dos Açores, na Ilha da Madeira, no Brasil, nos Estados Unidos e no Canadá”. Ver: GONÇALVES & CONTINS. Entre o Divino e os homens: a arte nas festas do Divino Espírito Santo. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 14, n. 29, p. 67-94, jan./jun. 2008.

e cada uma tem seu sentido, no entanto, não devem ser vistas pelo senso comum. Sobre isso, Perez (apud ALVES, 2008) menciona que:

Chama-nos a atenção para a necessidade de ampliar o olhar do senso comum sobre a festa em alguns aspectos. O primeiro diz respeito à diferença entre festa e divertimento. É inegável que este último corresponde à função expressiva, recreativa e estética da festa. Porém, como já nos alertou Callois, nem todas as festas são alegres, existem também as tristes. Talvez o velório seja o seu maior exemplo. É comum no interior do nosso país ouvirmos a expressão: “vamos beber o morto”, referindo-se ao encontro, a cachacinha escondida para quebrar o frio do cemitério e também o da morte. Outro aspecto é o de considerar toda festa um ritual. É evidente que, no sentido de sua organização, a festa tem um ritual, uma estética e etiqueta, mas ela não se restringe a eles. Do mesmo modo, a festa é uma reunião exuberante, um espetáculo, mas não se esgota nisso, ao contrário, é mais do que tudo isso. (PEREZ apud ALVES, 2008).

Para a autora, a festa não se limita ao divertimento, nem a um ritual ou a um espetáculo. Ela é mais do que isso por que cada festa é única e cada uma possui seus objetivos e suas funções. Isto é, muitas festas trazem em si um ritual, mas, segundo a autora, não se limitam a ele. Afinal, toda festa tem sua aplicabilidade e elas são inúmeras. Na comunidade de Pinhões/MG, a festa de Nossa Senhora do Rosário é tradição e a festa do Divino Espírito Santo, que já foi tradição, hoje revigorou-se e reatualizou-se com a criação do Congo do Divino. Nesse contexto, segundo Alves (2008),

Festa é tradição sim, mas no sentido de que é aquilo que o grupo faz e que passa de geração em geração, perpetuado no calendário, numa periodicidade cíclica. Todo ano os coletivos fazem festa, mas ela não é a mesma sempre: cada festa é uma festa, ela se repete, mas muda sempre. Tradição não é imutabilidade, pelo contrário, é mudança, é o que se vive na periodicidade, tem uma estrutura (forma) básica fundamental, mas o conteúdo pode variar. A festa nunca morre nem se descaracteriza, ela se atualiza. (Perez, notas de aula, 2006). Nessa criação de uma outra tradição, o que importa é o movimento de transmissão que quase sempre se dá pela oralidade. Contar as histórias é lembrar da ancestralidade, dos mais velhos, de outro tempo. A festa é o que permite a suspensão do tempo, o esquecimento. (ALVES, 2008).

A primeira Capitã Maria Rosalina do Congo do Divino Espírito Santo lembra-se da festa do Divino que existia na comunidade e atribui à Guarda de Congo do Divino o sucesso dela, como pode ser visto em sua fala abaixo:

A festa do Divino prá mim sempre foi uma festa linda, mas com a criação da Guarda ficou mais bonita ainda. [...] Igual aqui na comunidade a gente tem a festa de Nossa Senhora do Rosário, mas tínhamos também o do Divino. Tinha antes há muitos anos atrás. Assim: Era uma festa grande como a de Nossa Senhora do Rosário. Mas, aí chegou ...vai mudando os padres, eles vão acabando. E falaram que não podia ter duas festas grandes na mesma comunidade. Como aqui a padroeira é Nossa Senhora do Rosário, então cada comunidade tem que ter somente uma festa grande. E já tínhamos a de Nossa Senhora do Rosário. Ai esse padre saiu, voltou outro e

tomaram a levantar a festa. As duas festas na comunidade acho muito bom, é movimento. (PÁSCOA, 2015, Primeira Capitã, Entrevista 2)⁴¹.

E a bandeireira Simone Teles ressalta a importância da festa do Divino para ela e para a comunidade e acredita que a festa do Divino pode se revigorar e chegar a ser o que um dia foi:

A festa do Divino antigamente tinha né...depois veio um padre e ele cortô. E agora graças a Deus pôde voltar ela de novo e pertencer ao Congo. Porém é diferente da do Rosário. É cada uma na sua diferenciação, uma da outra. A do rosário é...né...tem essa coisa dela que ninguém tira. A do Divino pra mim tem que resgatar mais ainda porque apesar do Congo que agora faz parte da festa do Divino, mas ela precisa ser mais... ela não vai chegar tanto ao ponto como a do Rosário, mas que caminha até um ponto a mais. Eu torço para que isso aconteça. (TELES, 2015, Bandeireira, Entrevista 4).⁴²

Pode-se dizer, ainda, que muitos problemas de ordem institucional podem ser verificados por meio das festas. O “não poder ter duas festas de grande repercussão na mesma comunidade” fez com que a retomassem. Talvez alguma estrutura social exerceu o poder sobre a comunidade, como a Igreja, por exemplo. Lembremos que cada festa tem seu valor, seus sentidos, suas finalidades. Por esse viés há de se refletir que a festa do Divino não morreu, apenas voltou a revigorar a se atualizar, afinal “A festa nunca morre nem se descaracteriza, ela se atualiza. ”. (PEREZ apud ALVES, 2008, As teorias contemporâneas sobre a festa, para. 5). Perez citada por Alves (2008) comenta que;

[...] a morte da festa está presente nas teorias clássicas, uma vez que a relacionam com a tradição, tratada como algo do passado, congelado no tempo, para os quais o que existe hoje é mera sobrevivência, um simulacro esvaziado da sua verdadeira essência. O carnaval é o principal exemplo. É comum as pessoas dizerem que o carnaval mudou, que o de antigamente era melhor do que de hoje e que ele já não existe mais. O senso comum, numa visão saudosista, assim avalia todas as festas, fazendo com que o passado seja sempre romantizado e o presente caótico. Mas o passado um dia foi presente...” (PEREZ apud ALVES, 2008, As teorias contemporâneas sobre a festa, para.4).

A festa, segundo a autora, não deve ser tratada como algo arcaico, coisa do passado que tenta sobreviver. Pelo contrário, ela deve ser tratada como algo que sempre se reatualiza. Perez, assim como Duvignaud (1983), vê a festa como algo que produz “elos”, ou seja, ela é o “(re)ligare”(ALVES, 2008).

3.1.3 (Re)ligare: aspectos da religião e da festa

⁴¹ Entrevista realizada pela autora com a Capitã Maria Rosalina, 2015.

⁴² Entrevista realizada pela autora com Simone Maria Teles, 2015.

O (re)ligare também se encontra na instância religiosa. E a *religião* também produz “elos”. Ela descortina a essência da humanidade neste amplo campo religioso atual. E nesse trânsito religioso “a explosão religiosa manifesta-se, entre nós, por uma multiplicação exuberante de novas denominações religiosas.” (LIBÂNIO, 2011, p.24). Nessa “con(fusão)” das vias religiosas, Libânio (2011) cita Antoniazzi que considera que “a grande tendência das últimas décadas ou da modernidade, no campo religioso, é a diversificação e a fragmentação.” (ANTONIAZZI apud LIBÂNIO, 2011, p. 25). Assim, por um lado, o campo religioso tornou-se farto, por outro se fragmentou.

Nesse sentido, diversidade e fragmentação acabam por fragilizar o ser humano e, ao se tornar vulnerável, sai em busca de caminhos que o “revigore” através do que ele entende por religião. É no seio dela que as suas crenças se manifestam visivelmente por símbolos e ritos. Diante disso, o seguinte questionamento surge: o que se entende por religião, então? Segundo Durkheim (1996), “A religião é um todo formado em partes; é um sistema mais ou menos complexo de mitos, de dogmas, de ritos, de cerimônias. Ora, um todo não pode ser definido senão em *relação* às partes que o formam.” (DURKHEIM, 1996, p.18).

Além disso, na obra *Eu creio, nós cremos: tratado da fé*, do padre João Libânio (2000), o autor nos esclarece que o sentido do “eu creio” manifesta-se no “universo da experiência religiosa” e o sentido de “nós cremos” repousa na “vivência confessional e comunitária na Igreja”. E nessa “experiência religiosa” e “vivência comunitária”, a comunidade de Pinhões descortina valores, mitos e crenças imbuídas em suas tradições religiosas sejam elas centenárias sejam elas recentes.

Desse modo, falar de religião é também dizer do povo mineiro, que vive sua “*religiosidade*” conforme suas crenças e dentro delas suas especificidades. “*Religião*” e “*religiosidade*” são, portanto, duas palavras que se relacionam e estão presentes na vida as pessoas. São duas vertentes que se complementam e assim são explicadas por Libânio (2011):

No espaço social estão as religiões com seus ritos, mitos, doutrinas, mistérios, celebrações, reuniões, comunidades, tradições. Elas existem porque pessoas concretas, em comunidade e socialmente, as praticam. Respondem aos desejos, anseios, expectativas, esperanças, angústias das pessoas. Relacionam-se com a religiosidade como resposta à pergunta. A religiosidade é a pergunta. A religião é a resposta. (LIBÂNIO, 2011, p.100).

Para o autor, as religiões existem porque as pessoas as fazem acontecer através de suas práticas religiosas com seus mitos, ritos, símbolos e tradições. Na tradição religiosa do Congado, as/os congadeiras/os, por meio do mito de Nossa Senhora do Rosário, mediante

seus rituais, celebrações e reuniões no espaço geográfico e social da comunidade de Pinhões, praticam suas religiosidades. E a religião que praticam é a resposta de suas religiosidades. Ainda, para Libânio (2011):

As respostas inadequadas tendem a desaparecer. As religiões, que já não respondem aos desejos da religiosidade das pessoas, estão fadadas ao silêncio da morte. A religiosidade é uma dimensão antropológica, estrutural do ser humano. Portanto de sempre. E por isso sempre haverá religiões como propostas a ela. A religiosidade das pessoas, embora estrutural, assume o colorido conjuntural das épocas e dos lugares. A cultura dominante aguça-se ou anistia-a. Há sempre mais florescentes para as religiões que outros, para uma religião em especial que para outra. As religiões monistas e panteístas parecem condizer melhor com o momento atual ao tipo de religiosidade que a cultura pós-moderna tem despertado. (LIBÂNIO, 2011, p.100-101).

Na concepção do autor, se a religião é a resposta da religiosidade das pessoas e se essa não mais atende aos seus desejos, elas tendem a se silenciar. Mas silenciar-se não necessariamente indica morrer. O ser humano necessita dessa sua religiosidade que é parte de sua dimensão antropológica e estrutural. Religião e religiosidade se complementam, acredita o autor, que também problematiza as teorias da secularização. Isso pode ser verificado na afirmação a seguir:

A relação entre religião e religiosidade permite falar de duas fases complementares. A religião responde à religiosidade, a religiosidade pede e provoca religiões. Mas não há garantia de que as religiões concretas se harmonizem com a religiosidade de determinado momento cultural. As religiões nascem e morrem. A religiosidade estrutural permanece, modificando-se conjunturalmente. Até então não se conseguiu provar que a religiosidade fosse puramente conjuntural e pudesse desaparecer totalmente, como certas teorias de secularização pensaram. Os fatos tem desmentido a hipótese. (LIBÂNIO, 2011, p.101).

As religiões são como as festas, sempre existirão. Podem “morrer”, mas renascem revestidas de outro nome. Quanto à religiosidade estrutural, ela ainda permanece. As pessoas, mesmo dominadas por eventos do mundo atual, possuem esperanças, desejos e anseios. Isso faz parte da vida, afinal, como afirma Libânio (2011), a religiosidade é uma dimensão antropológica humana. O ser humano é um *homo religiosus* (religiosidade) que vive socialmente essa dimensão (religião) e responde a uma interpelação do Deus revelador (fé). Além disso, a religião “revela o aspecto essencial da humanidade”. (DURKHEIM, 1996, p. 6).

Em relação ao ser humano, Libânio (2011) afirma que é um ser religioso e vive socialmente essa dimensão. Vive em sociedade e traz em si uma herança cultural. Portanto, religião, cultura e sociedade são três aspectos que fazem parte da realidade humana e se complementam. São partes para se formar um todo, como assim define Durkheim (1996).

Ainda sobre a religião, há uma tese: a de que influencia a vida das pessoas, dirigindo-as e dominando-as. E, para Libânio (2011) “a religião carrega o peso da instituição, a religiosidade a leveza da experiência e a fé a interpelação da Palavra revelada.” (LIBÂNIO, 2011, p. 111). Focamos no peso ou na responsabilidade da religião como instituição. Se no mundo o fator relacional existe simultaneamente, vale dizer que há, então, uma relação entre religião e sociedade, assim como há uma relação entre religião e festa. Diante disso, como se pode avaliar a relação dialética que se dá entre o ser humano e a sociedade para a construção de uma realidade social? Se a sociedade é considerada um empreendimento, nesse sentido o mundo assim se constitui. Ele não sobrevive sem o fator social e a religião faz parte desse empreendimento. Peter Berger (1985), em sua obra *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião* chama-nos atenção para o aspecto da sociedade humana como um empreendimento:

Toda sociedade humana é um empreendimento de construção do mundo. A religião ocupa um lugar destacado nesse empreendimento. [...] a sociedade é um fenômeno dialético por ser um produto humano, que no entanto retroage continuamente sobre seu produtor. A sociedade é um produto do homem. Não tem outro ser exceto aquele que lhe é conferido pela atividade de consciência humanas. Não pode haver realidade social sem o homem. Pode-se também afirmar que o homem é produto da sociedade. [...] a sociedade existia antes que o indivíduo nascesse, e continuará a existir após a sua morte. (BERGER, 1985, p.15).

Berger (1985) afirma também que a sociedade é um produto do homem. Dessa forma, o ser humano é um ser social e age de acordo com o que lhe é imposto pela sociedade. Se o indivíduo produz a sociedade por um lado, por outro ela o produz nessa relação dialética. Assim, a religião é marcada pelas estruturas sociais e “[...] sofre os limites que o contexto social impõe a seus agentes. Reflete dentro de si os conflitos da sociedade.” (LIBÂNIO, 2011, p.112).

Por esse viés pode-se dizer que o Congado está inserido no catolicismo popular. Dentro dele existem tensões e conflitos que são reflexos da sociedade. Sendo assim, as estruturas que marcam a sociedade também marcam o Congado. Sociedade essa moldada pelo patriarcalismo, no qual limites são impostos e existem divisões hierárquicas. Nesse contexto, de acordo com Libânio (2011):

A sociedade traça linhas divisórias do normal, do obrigatório, do permitido, do proibido, do desejável, do plausível, do significativo, do urgente, do presumível, do relevante, do secundário que não necessariamente significam um sim ou não, mas certamente um mais ou menos. A religião entra no jogo dessas linhas, ora se deslocando mais numa direção ora noutra, nunca prescindindo totalmente delas. (LIBÂNIO, 2011, p.112).

Portanto, a sociedade age sobre a religião e essa age sobre o ser humano e dita suas regras. Quando as mulheres da comunidade de Pinhões quiseram participar do Congado, na categoria de dançantes e cantantes, foram proibidas, pois “Eles falam que mulheres não podem participar. Toda vida falavam que mulher não pode entrar, não pode participar.” (BARBOSA, 2015, Dançante Cantante, Entrevista 5).⁴³

A sociedade proibiu e a religião tende a confirmar tal proibição. Que existe uma proibição é um fato, mas isso não impede que haja uma mobilidade social e a festa nesse sentido colabora para que, no contexto festivo, ações e atitudes aconteçam. Pode haver, então, uma mobilidade social na perspectiva da festa no contexto religioso do Congado.

Merece destaque, também, o fato de a dança, o canto e os instrumentos musicais fazerem parte do Congado da comunidade de Pinhões. Por meio da festa de Nossa Senhora do Rosário, em que a tradição dos Catopês é muito forte, observa-se o que ocorre nos “bastidores⁴⁴”. Questiona-se, portanto: Que estrutura é essa que age sobre os festeiros? Afinal, a festa é uma explosão de vida e por meio dela há uma inovação. Há até mesmo uma ruptura, como afirma Perez (2002):

Um “fenômeno vindo do fundo da tradição”, e que em relação à contemporaneidade mais imediata, possa parecer alguma forma de arcaísmo, de sobrevivência, de nostalgia, ou até mesmo de atraso, é, no entanto, vivida, por aqueles que dela participam, como explosão de vida, como revigoramento e, portanto, como uma espécie de renascimento, pleno de atualidade, de inovação, de ruptura. Para quem participa dela, a festa não tem idade, é sempre atual. (PEREZ, 2002, p.53).

Mesmo sendo a festa um evento tradicional e que para os dias atuais pareça arcaico, não é vivida assim pelos seus integrantes, pois sempre renasce e se atualiza. A estrutura social e a religião são instituições mantenedoras da ordem, mas quando há uma ruptura com essas instituições por meio da festa, pode haver modificações no âmbito social e religioso. Essas se tornam possíveis quando as pessoas acreditam em seus propósitos e colaboram para que ocorram tais transformações. Assim, transgredir uma ordem não significa necessariamente causar uma desordem. Sobre isso, Alves (2008) afirma que:

A des-ordem que a festa inaugura é produzida pela transgressão das normas vigentes, o que não significa ausência de ordem. Pelo contrário a festa tem toda uma etiqueta própria que deve ser seguida. Instaura um mundo novo, o do sagrado, que é marcado por uma temporalidade especial. Traz perturbações para a ordem estabelecida. Como disse Duvignaud “deixa sementes que perturbam a sonolência da vida comum” (apud Perez, 2004), por isso, as tentativas de dominação e

⁴³ Entrevista realizada pela autora com a Congadeira Joana Barbosa, 2015.

⁴⁴ “Bastidores”, termo utilizado pela autora Dalva Soares (2009) em sua dissertação de mestrado intitulada: Salve Maria(s): mulheres na tradição do congado em Belo Horizonte, MG. (2009).

domesticação da festa. (ALVES, 2008, As teorias contemporâneas sobre a festa, para.12).

Vê-se, também, que a festa religiosa traz em si algumas normas que devem ser seguidas pontualmente, e se as pessoas apresentam opiniões contrárias é como se transgredissem uma ordem pré-estabelecida. Nesse sentido, tal atitude ocasiona desconforto e, conseqüentemente, conflitos e tensões. Desse modo, o Congado está envolto dessas contendas. A festa revela, assim, uma sociedade de conflitos, de tensões, de hierarquia, de valores, das dominações, dos excessos, dos desperdícios, dos vícios, das virtudes, dos risos, das tristezas, das divisões sociais, das mazelas da vida, da divisão entre os gêneros, das funções diferenciadas. Ou seja, a festa descortina um jogo de poder e suas regras. Sobre isso, para DaMatta (1986):

Todas as festas – ou ocasiões extraordinárias – recriam e resgatam o tempo, o espaço das relações sociais. Nelas, aquilo que passa despercebido, ou nem mesmo é visto como algo maravilhoso ou digno de reflexão, estudo ou desprezo no cotidiano, é ressaltado e realçado, alcançando um plano distinto. Assim é na festa que tomamos consciência de coisas gratificantes e dolorosas. (DAMATTA, 1986, p.83):

A afirmação de DaMatta (1986) a respeito de nos conscientizarmos sobre as coisas gratificantes e dolorosas que a festa proporciona nos faz refletir sobre a festa religiosa do Congado, na qual se percebe uma estrutura patriarcal e que exclui as mulheres de determinadas funções. Em nome de uma tradição, inclui-se a mulher em suas festas, mas também a exclui ao lhe atribuir funções diferenciadas. Nesse contexto, o Congado dos Catopês convida as mulheres a participarem de suas festas. O convite, por um lado, representa a inclusão das mulheres, mas, por outro, não as permite dançar e cantar no seu Congado. Assim, é possível tomarmos consciência de coisas “dolorosas” na instância do Congado.

DaMatta (1986) aponta, ainda, “[...] inúmeras situações em que a festa promove a descoberta do talento, da beleza, da classe social, do preconceito e da alegria. ” (DAMATTA, 1986, p. 83). Olhando o Congado de Pinhões, pela promoção de talentos, ali se encontram mulheres que sabem dançar, tocar e cantar e que não tiveram espaços para desenvolverem suas habilidades. Esse “espaço religioso demarca uma área onde é possível encontrar o rico e o pobre, o poderoso e o fraco, o sadio e o aleijado, o homem e a mulher, o adulto e a criança, o santo e o pecador, o crente e o fervoroso e o frequentador esporádico e distante. ” (DAMATTA, 1986, p.85).

A festa proporciona o encontro, onde é possível ouvir o outro, o que é, também, ouvir a nossa sociedade. Ali se expressam pela voz, pelas danças e pelo corpo. Não se canta e nem se dança cegamente sem uma razão. Dançar, portanto, tem um sentido. A congadeira Joana relata o que sente quando dança no Congado:

Nossa, sinto nas nuvens. Muita emoção. Não tem explicação. É um sonho realizado. O corpo quer dançar, quer pular. Sai uma música e cada música melhor que a outra. Lá em casa com meu neto a gente canta as músicas. Eu virei outra pessoa. [...] eu tenho certeza que todo mundo que participa da Guarda de Congo se sente muito importante. (BARBOSA, 2015, Dançante Cantante, Entrevista 5)⁴⁵

Se o corpo de uma congadeira “pede” a dança, não se deve reprimi-lo. Isso é afirmado por DaMatta (1986) ao dizer que “a leitura da sociedade facultada pelos ritos da ordem, é uma leitura onde o corpo deve ser contido ou mesmo neutralizado.” (DAMATTA, 1986, p. 86). Se lermos a sociedade pelos “ritos da ordem”, como explicita o autor, onde o corpo da/do congadeira/o é contido, podemos cair no erro de não olhar a sociedade do jeito que ela realmente é, mas da forma pela qual é retratada. Dessa maneira compete a nós tornar visível o que as leis sociais e religiosas não nos deixam ver.

A afirmação de Durkheim (1996) sobre a dualidade entre sagrado e profano presente na religião permite um diálogo com o autor DaMatta (1986), uma vez que relaciona estes pontos como fatores de diferenciação e de divisão por meio das contenções físicas e sociais:

O poder do sagrado, conforme dizia o sociólogo francês Emile Durkheim, é um poder que permite distinguir o mundo diário, com suas rotinas automáticas e que tendem a uma inércia e uma indiferenciação cada vez maiores, esse sistema de coisas que eram chamadas “profanas”, das coisas e do universo de Deus e do Alto. Para separar um dos outros, nada melhor que os sinais de contenção física e social. (DAMATTA, 1996, p. 86).

Gebara (1991) afirma que existe outra forma de poder, além do poder da dominação de um ser sobre o outro. Há o poder de existir, o poder de se revelar, o poder sentir-se bem na sociedade. As atitudes expressas pelas mulheres que formaram o Congado trazem “[...] certo número de sinais exteriores, facilmente perceptíveis, que permitem reconhecer os fenômenos religiosos onde quer que eles se encontrem.” (DURKHEIM, 1996, p.4).

Ao analisar esses sinais presentes no contexto religioso do Congado, nota-se que ali existem formas de poder, além dos já citados. Buscar novas formas de existir é mobilizar-se e revelar-se. Nesse sentido, pode haver, então, uma mobilidade social na perspectiva da festa no contexto religioso do Congado. Mobilizar é um passo para modificar a sociedade e isso

⁴⁵ Entrevista realizada pela autora com Joana D’Arc, 2015.

depende de esforços, perseverança, ato coletivo e acima de tudo atitude. Desse modo, quando as mulheres de Pinhões se reuniram com o Capitão Regente, tinham um mesmo propósito, isto é, o de criar algo novo. A segunda Capitã relata esse fato ocorrido no ano de 2013:

A gente... algumas pessoas aqui tinha muita vontade de participar como eu. E ele (Capitão Regente) chegou aqui na comunidade. Por um acaso o padre comentou que ele tinha vontade de criar uma guarda, que ele tentou fazer lá em Brumadinho. Ele não conseguiu fundar a Guarda. E ele chegou aqui, ficou sabendo das mulheres aqui que tinham vontade de participar. Aí juntou o útil ao agradável. (EVANGELISTA, 2015, Segunda Capitã, Entrevista 3).⁴⁶

Além da abertura, fizeram remanescer uma nova festa: a festa do Divino Espírito Santo. Um ano antes de criar a nova Irmandade, as mulheres, no dia da festa de pentecostes, mostraram que podiam mudar. E foi pela festa que se revelaram e que se ligaram umas às outras.

Quanto à subversão proporcionada pela festa, Perez (2002) citada por Alves (2008) afirma que por meio dela o ser humano sai da rotina e experimenta a vida, sem seguir códigos e estruturas impostas pela sociedade. A festa para o autor não foi feita para durar, ela é efêmera e, além disso:

[...] é revolução, porque coloca o homem face a face com um mundo sem estrutura e sem código, com instâncias de subversão. Ela se aproxima das atividades inúteis. A festa não serve para nada. Não implica nenhuma outra finalidade, a não ser ela mesma. É efêmera. Não foi feita para durar, senão vira rotina, cotidiano. Essa vivência do nada é a finalidade sem a qual não haveria experiência humana verdadeira. A festa é um momento fugaz que sai da rotina, da vida cotidiana, mas que nos remete ao que nós somos: à matéria, ao imaginário, ao lúdico e à experimentação (PEREZ apud ALVES, 2008, As teorias contemporâneas sobre a festa, para.10).

A festa ‘É antes de mais nada um ato coletivo extra-ordinário, extra-temporal e extra-lógico. Por essas três características podemos dizer que ela é transgressora e instauradora de uma nova forma de sociação, dado pelo “estar juntos” [...]’. (ALVES, 2008, As teorias contemporâneas sobre a festa, para.11). A festa é, assim, um ato coletivo, que dura naquele instante, naquelas horas e quando volta a ser comemorada, torna-se diferente. Ela proporciona ao ser humano a engendrar-se na vida social. Nela são experimentados os conflitos e tensões, a liberdade de expressão religiosa e a exaltação de sentidos e emoções. Promove a reunião de grupos de pessoas no mesmo espaço e favorece a tomada de decisões em conjunto, ela “[...] é o único estímulo à mudança ou à renovação do questionamento nas sociedades.” (DUVIGNAUD, 1983, p.231). A festa coloca o ser humano face a face com o mundo e a

⁴⁶ Entrevista realizada pela autora com a segunda Capitã Aparecida dos Santos C. Evangelista, 2013.

religião com o transcendente. A festividade, se profana ou sagrada, revela as necessidades e os anseios humanos, como pode ser visto na afirmação a seguir:

Pouco importa se é sagrada ou profana, o que vale é que ela é espaço de reunião das diferenças, de figurações sociais, de assembléia coletiva e de socialidade. É elemento de re-ligação. Num agrupamento festivo, os participantes se sentem mais próximos uns dos outros, alguma coisa é dividida, é uma experiência estética, momento de grande coesão do grupo. O povo na rua, a rua em festa: folia, orgia, fantasia, sedução, violência, transgressões de toda ordem, combinam com um clima de afetividade, familiaridade, encontro, de estar junto, coletivamente. A festa estando no campo da não ordem, do possível, é criadora da própria humanidade do homem, é o ato mesmo de produção da vida. (ALVES, 2008, As teorias contemporâneas para.13).

Tanto as religiões como a festa trazem em si essa [re] ligação, portanto, ambas, de acordo com o contexto em que se inserem, contribuem para as mudanças. O Congado, enquanto religião, ao ser comemorado por meio de suas festas leva as pessoas para a rua, para a Igreja. Transgredindo ou não a ordem, não deixa de ser um momento de encontro, onde vidas estão sendo produzidas, onde existe um elo, ou seja, o [re] ligare. Nesse quadro, Durkheim (1996) menciona que:

Não pode haver sociedade que não tenha a necessidade de manter e revigorar, a intervalos regulares, os sentimentos coletivos e as ideias coletivas que fazem sua unidade e sua personalidade. Ora, essa restauração moral só pode ser obtida por meio de reuniões, de assembleias, de congregações, em que os indivíduos, aproximando-se uns dos outros, reafirmam em comum seus sentimentos comuns. (DURKHEIM, 1996, p. 472).

A sociedade precisa, então, manter-se e revigorar-se, tornar-se viva. É por meio de reuniões, de assembleias ou de congregações que as pessoas se aproximam. Nesse sentido, o ser humano não se aproxima do outro gratuitamente, há sempre uma razão, existe algo a revelar e compartilhar. Portanto, quando as mulheres de Pinhões estão reunidas, elas se abrem para o mundo por meio de suas ações e atitudes. Mostram-nos que as ideias coletivas podem modificar a sociedade e, conseqüentemente, a religião. Dessa forma, a festa torna-se um convite à mobilidade social e pode ser considerada um [re] ligare. Fundar uma nova Guarda foi o objetivo das mulheres de Pinhões, mas, para pertencer à Irmandade do Divino Espírito Santo de Nossa Senhora do Rosário, seus integrantes precisam participar de seus rituais.

Diante disso, o pensamento proposto por Van Gennep dialoga com as análises observadas no reinado. O mito como narrativa no Congado de Pinhões e o rito do Congo do Divino são demonstrados à luz dos autores Campbell (1997) e Van Gennep (2013).

3.2 O Reinado Feminino do Congo do Divino, como rito

3.2.1 Mito: narrativa presente no Congado de Pinhões

Campbell citado por Alves (2008) afirma que “ o ritual é a forma, pela qual o indivíduo participa de um mito, compartilha dele, entrega-se a ele, sendo que o mito é um sonho coletivo projetado da visão pessoal-coletiva de um vidente...”. [Também afirma que]“o ritual é uma encenação de um mito. ” (ALVES,2008, p. 200). Desse modo, se o mito para Campbell é um sonho coletivo, e se o ritual o encena, vale dizer que no Congado de Pinhões todo o processo ritualístico encena o mito da aparição de Nossa Senhora do Rosário para os negros. E quando os integrantes do Congado participam do ritual, passam por uma experiência de uma vida mitológica, nesse sentido, aprendem a viver a sua espiritualidade. E o mito não deve ser compreendido como sendo uma história que não é verdadeira. Assim, segundo Schultz (2014):

Mito não é sinônimo de história falsa. Os mitos não submetem aos critérios de razão analítica. Os mitos são narrativas que resolvem ou recolhem em ideias nossos dilemas humanos. O mito é um sistema dinâmico de símbolos, arquétipos e esquemas que já se compõe a narrativa. (SCHULTZ, 2014).⁴⁷

Para o referido autor, o mito compreende símbolos, arquétipos e esquemas e esses três elementos em si já compõem a narrativa. Afirma, também, que toda a linguagem religiosa é simbólica. Nesse sentido, pode-se mencionar o mito como sistema dinâmico de símbolos, que nasce quando o ser humano necessita de explicações plausíveis para se mostrar como um ser religioso, cultural e social. É uma história que possui verdades que se manifestam pelas narrativas. Nestas narrativas estão os conflitos, as alegrias, as tristezas, as indecisões e decisões, o imprevisível, os risos e as lágrimas, as tensões e os dilemas inerentes ao homem e a mulher.

3.2.2 Ritos: presença de suas dimensões no Congo do Divino.

A sociologia de Durkheim contribuiu para se estudar os fenômenos sociais. Sendo o fato social desconhecido pelos antropólogos vitorianos, eles terminavam por reduzi-lo ao biológico, ao psicológico e ao geográfico. Desse modo, reduzir os fatos a esses três patamares seria eliminar o fator social como uma fonte para o estudo do ser humano. E, apesar desses três elementos serem relevantes, eles precisam ter valor social. Por essa razão, a sociologia em

⁴⁷ Aula proferida pelo Prof. Dr. Adilson Schultz, Belo Horizonte, 2014.

Durkheim abre o leque para que o biológico, o psicológico e o geográfico tornem-se significativos.

O referido autor escreveu sobre a religião, a magia, a oposição entre o sagrado e o profano, o cotidiano e a efervescência da festa que são verificáveis em sua obra *As formas elementares da vida religiosa*.

Reconhecida a importância de Durkheim, o olhar de Van Gennep vem de encontro com a necessidade de analisar o rito em sua própria autonomia. Para este autor, os rituais devem ser vistos a partir deles mesmos. Eles fazem sentido quando traduzem uma coletividade por todas as sociedades, ou, conforme Rodolpho (2004, p. 139), quando “a coletividade consegue – ou tenta – trazer os diversos acontecimentos diários que envolvem os indivíduos para dentro de uma esfera de controle e ordem, esfera esta coletiva, social”. Sobre isso, DaMatta (2013) também evidencia que:

A grande descoberta de Van Gennep é que os ritos, como o teatro, têm fases invariantes, que mudam de acordo com o tipo de transição que o grupo pretende realizar. Se o rito é um funeral, a tendência das seqüências formais será na direção de marcar ou simbolizar *separações*. Mas se o sujeito está mudando de grupo (ou de clã, família ou aldeia) pelo casamento, então as seqüências tenderiam a dramatizar a *agregação* dele no novo grupo. Finalmente, se as pessoas ou grupos passam por períodos marginais (gravidez, noivado, iniciação, etc.), a seqüência ritual investe nas *marginas* ou na *liminaridade* do objeto em estado de ritualização. (DAMATTA, 2013, p.16-17).

Vê-se, então, que DaMatta (2013) nos chama a atenção para três fases defendidas na obra *Os ritos de passagem* do autor Arnold Van Gennep. As três fases que são consideradas por este autor como constituições básicas dos rituais são: separações, agregações e margens ou liminaridade, isto é, como o próprio diz, “[...] série típica dos ritos de passagem.” (GENNEP, 2013, p.156).

Van Gennep (2013) define, ainda, os ritos de passagem como fases mutáveis, onde se enquadram o lugar, o estado, a idade e a posição social. Considerado o precursor dos estudos sobre os rituais, ele influenciou muitos pesquisadores, inclusive o antropólogo Victor Turner (1920-1983). Conforme Rodolpho (2004, p. 143), Van Gennep é “Referência nas análises sobre os rituais”. Turner, por sua vez, “concebe os eventos conflituos enquanto ‘drama social’ e os rituais, aqui, servem basicamente para resolver conflitos, diminuir rivalidades”.

Ainda em relação aos ritos de passagem, ou de “transição”, Van Gennep segundo Turner (1967) os caracteriza da seguinte maneira:

Van Gennep mostrou que todos os ritos de passagem ou de “transição” caracterizam-se por três fases: separação, margem (ou “limem”, significando

“limiar” em latim) e agregação. A primeira fase (de separação) abrange o comportamento simbólico que significa o afastamento do indivíduo ou de um grupo, quer de um ponto fixo anterior na estrutura social, quer de um conjunto de condições culturais (um “estado”), ou ainda de ambos. Durante o período “limiar” intermédio, as características do sujeito ritual (o “transitante”) são ambíguas; passa através de um domínio cultural que tem poucos, ou quase nenhum, dos atributos do passado ou o estado do futuro. Na terceira fase (regregação ou reincorporação), consoma-se a passagem. O sujeito ritual seja ele individual ou coletivo, permanece num estado relativamente estável mais uma vez, e em virtude disto tem direitos e obrigações perante os outros de tipo claramente definido e “estrutural”, esperando-se que comporte de acordo com normas costumeiras e padrões éticos, que vinculam os incumbidos de uma posição social, num sistema de tais posições. (VAN GENNEP apud TURNER, 1967, p.116-117).

De acordo com Rodolpho (2004), Van Gennep chama a atenção para a visão geral do ritual e a importância de se analisarem todas as fases, o antes e o depois, já que todas são relativas umas às outras. (VAN GENNEP apud RODOLPHO 2004, p. 143). Assim, analisar os rituais em todas as fases torna-se um convite a descortinar valores sociais imbuídos nos rituais do Congado. Em relação à descrição e à análise cuidadosa no trabalho etnográfico, Van Gennep (2013) ressalta que, em suas diversas fases, isso permite um ângulo de visão melhor do fato:

Seria preciso que um etnógrafo pudesse assistir a uma sucessão desta espécie, imediata, de um certo número de cerimônias aqui estudadas e descrevesse com maior cuidado diversas fases delas. Ter-se-ia então, a melhor prova, e direta, de que a presente sistematização não é uma pura construção lógica, mas corresponde ao mesmo tempo aos fatos, às tendências subjacentes e às necessidades sociais. (VAN GENNEP, 2013, p.159)

Diante disso, percebe-se que as fases ritualísticas do Congo do Divino de Pinhões não podem se engendrar apenas por via de construção lógica. Elas devem, também, ser analisadas como necessidades sociais ou fonte de transformações sociais.

3.2.3 Rito de passagem do Congo do Divino: de Trono Coroado à Capitania

O Congado possui uma considerável estrutura que nos convida a reflexões no tocante a sua dimensão ritualística. As/os congadeiras/os se unem e formam a Irmandade e dentro dela existem duas vertentes: o trono coroado e a capitania, que se diferenciam e se complementam, conforme explica Soares (2009):

No Congado existem duas dimensões ritualísticas distintas e complementares: o “Trono coroado” e a “Capitania”. O Trono Coroado representa o Reino de Nossa Senhora e é composto pelos Reis de Congo, Reis Perpétuos, Rei de São Benedito e Rainha de Santa Efigênia, e os Reis Festeiros. A Capitania é composta por aqueles que cantam, tocam e dançam. Os Capitães são os que comandam os grupos. (SOARES, 2009, p.10)

Analisando o Congo do Divino Espírito Santo, na perspectiva proposta por Van Gennep (2013), nota-se que as mulheres com o propósito de fundar uma nova Irmandade afastaram-se dos Catopês e da estrutura patriarcal em que se encontravam. O comportamento simbólico ocorreu tendo em vista que a dominação patriarcalista dos Catopês é considerada simbólica. Elas deixaram funções que exerciam no Trono coroado e, nesse sentido, cumpriram a primeira fase do rito de passagem. Este momento pode ser compreendido na fala da dançante e cantante Joana do Congo do Divino:

Todo mundo tem um incentivo só: de fazê bonito prá Nossa Senhora do Rosário! Então cada um... a gente quer mudar de farda né, fica estudando as cores da farda, a gente nunca quer fazer o azul prá não competir com eles, prá não atrapalhar eles, porque eles é o branco e o azul. Então a gente ficou com o vermelho e o branco para não atrapalhar. [...] mas nós falamos: o Catopê não aceita mulher, então nós vamos criar o Congo. (BARBOSA, 2015, Dançante Cantante, Entrevista 5)⁴⁸

A segunda fase do rito de passagem, definida por Van Gennep (2013) como limiar ou período intermediário, quando observada em relação ao objeto de pesquisa, traz em si características ambíguas. Por um lado, as mulheres estavam ligadas aos Catopês na festa do Reinado de Nossa Senhora do Rosário, atributos do passado. Por outro lado, estão ligadas ao “estado futuro”, ao terem fundado uma nova Irmandade e, conseqüentemente, por retomarem a festa do Divino Espírito Santo. Para a capitã Maria Rosalina existia uma pequena ligação com os Catopês, e hoje, assim como no futuro, haverá com sua nova função na Guarda:

[...] era só acompanhante, simpatizante. Hoje minha função é Capitã. Mudou ...porque minha vida é bem movimentada agora. [...] a gente sabe respeitar. Quando a gente participa junto, nós sabemos respeitá-los. Mudou alguma coisa...porque a festa do Divino né, ficou mais bonita com o Congado. (PÁSCOA, 2015, Primeira Capitã, Entrevista 2).⁴⁹

Na terceira fase denominada de “agregação” ou “incorporação”, consuma-se a passagem. As mulheres de Pinhões, como “sujeito ritual” por meio da coletividade, continuam estáveis mais uma vez. Perante a nova Irmandade que fundaram, possuem direitos e obrigações. Além disso, as novas atividades pertencem a uma estrutura que passou a ser a Irmandade do Divino Espírito Santo. Nessa fase, assumiram novas funções dentro da Capitania. Nesse sentido, espera-se que no interior dessa nova Irmandade comportem-se e sigam as normas, as regras e os padrões éticos dentro de uma posição social. A bandeireira Simone Teles confirma essa passagem ao dizer que:

⁴⁸ Entrevista realizada pela autora, 2015.

⁴⁹ Entrevista realizada pela autora, 2015.

Nossa, muda muito...êh! eu tenho um prazer de levantar no dia da festa e saber que né...que eu tenho aquela função importante naquele dia. Eu me sinto bem. Então a gente tá lá, e que começa, que a gente abre o nosso Reinado. Nossa! É só pra quem tá vivendo aquilo para poder contar o quanto é importante ocê tá ali naquele momento. A cada passo, a cada coisa que você tem que fazer ali né, guiando aquele Congo. Eu acho muito importante. (TELES, 2015, Bandeira, Entrevista 4)⁵⁰

Assim, as três fases propostas por Van Gennep (2013) foram verificadas ao analisar o Congo do Divino: a separação, a margem e a agregação.

Cabe ressaltar que essas fases seriam imperceptíveis sem a leitura do trabalho desse autor, o que atesta a sua importância para essa pesquisa. Menciono isso porque, um dos problemas enfrentados é o fato de que tantos os autores clássicos, quantos os contemporâneos, não nos fornecem métodos que se apliquem a todos os casos estudados sobre a sociedade. Ou seja, os conceitos e as teorias podem ser aplicados ou não em nossas pesquisas.

Os ritos de passagem transformam a individualidade em complementaridade, estabelecem relações de sociabilidade e descortinam valores religiosos. Vê-se, através de Da Matta (2013), a lição que Van Gennep nos passa em relação a isso:

Viver socialmente é passar, passar a ritualizar. Num universo como o nosso, constituído de seres frágeis e mortais, esses entes que automatizam ritualizando e, fazendo sempre do paradoxo sua única direção, vivem num jogo constante entre o individualizar-se e o agregar-se; enfim, num universo de homens, a realidade mais viva é a do conflito ordenado e a permanência se realiza, contraditoriamente, como revelou Van Gennep, na passagem. (DAMATTA, 2013, p.20).

No tocante às cerimônias, que podem ser consideradas passagens em nossas vidas, Van Gennep (2013) elucida que elas se configuram em ritos. Conforme o autor, as cerimônias são diversas, sendo elas: a do nascimento, a da infância, a da puberdade social, a do noivado, a do casamento, a da gravidez, a da paternidade, a de iniciação nas sociedades religiosas e a dos funerais. De todas essas, o Congo do Divino de Pinhões está incluído nas cerimônias de iniciação na sociedade religiosa, mais especificamente na do catolicismo popular.

Devido ao que foi exposto, ressalta-se que as mulheres de Pinhões ao serem iniciadas no Congado, anunciaram a gênese de um novo ritual, e com ele a chegada do poder, “[...] que é uma manifestação da energia natural, a força criativa do jogo do mundo, que molda e dissolve as formas. É o próprio processo da vida, em que o eu humano experimenta sua natureza, sua vitalidade e sua motivação.” (WHITMONT, 1991, p. 269).

Essas mulheres experimentam a vida e abrem um Reinado que, segundo Alves (2008):

⁵⁰ Entrevista realizada pela autora, 2015.

A abertura do Reinado pode variar; algumas Guardas o fazem no dia de Nossa Senhora da Conceição, quando o ano ainda não terminou, outras no dia de Nossa Senhora da Luz, mas a grande maioria o faz logo após a quaresma. As Guardas quase sempre realizam suas festas em três dias, mas essa periodicidade, também, pode ter variações, dependendo do grupo. (ALVES, 2008, p.202)

Sobre a abertura do Reinado em Pinhões, esse se fez depois da quaresma, em que a Guarda feminina no dia 08 de junho de 2014, deu entrada na capela de Nossa Senhora do Rosário. Esse foi um dos momentos mais esperados por essas mulheres. Assim, faz-se pertinente a afirmação de Alves (2008), pois, para a autora, “o melhor da festa é esperar por ela”.

Nesse contexto, a festa pode ser considerada uma lente e por meio dela pode-se ler a sociedade, e nesse seguimento, há de se dizer que novos valores são descobertos. Depara-se com o poder, reflete-se sobre a questão de gênero e questiona-se a fé. Nessa tríade de poder, gênero e fé é que se encontram as mulheres de Pinhões. Mulheres que lutam, sofrem preconceitos, afirmam ter fé e assim movimentam-se. Isto é, entre a fé e o poder, as mulheres de Pinhões abriram seu Reinado.

4 ENTRE A FÉ E O PODER AS MULHERES ABREM UM REINADO

4.1 Congo do Divino: por uma questão de poder

A questão do poder está presente em diversos campos, como na política, na economia, na sociologia e na religião. É perceptível que o poder exerce seu domínio e faz vítimas tornando-as fragilizadas, e, dependendo de como é interpretado, pode ter outros significados.

Nesse quadro, o campo religioso pode ser considerado um espaço onde o poder se faz presente. Muitos autores, de acordo com o contexto e a situação social em que viviam, abordaram o poder. Alguns exemplos da aplicação do exercício do poder são: as divisões sociais, as divisões de classe, os dominantes e dominados.

Além disso, o poder que é exercido por alguém e recebido por outro contribui para sua legitimação. Os traços de poder, então, mostram-se existentes quando a religião é praticada e ao sê-la mantem-se a ordem social. Sendo assim, para manter a ordem social, o poder torna-se presente na existência da relação entre os que dominam e os que são do minados, como pode ser visto a seguir:

Num estado do campo que se vê o poder por toda parte, como em outros tempos não se queria reconhecê-lo nas situações em que ele entrava pelos olhos dentro, não é inútil lembrar que – sem nunca fazer dele, numa outra maneira de o dissolver, uma espécie de “círculo cujo centro está em toda parte e em parte alguma” – é necessário descobri-lo onde ele é mais completamente ignorado, portanto reconhecido: o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe são sujeitos ou mesmo que o exercem. (BOURDIEU, 1989, p.7-8)

O autor explicita, no trecho anterior, que o poder está em toda parte e afirma que é preciso reconhecer esse poder simbólico que age sobre os indivíduos.

Bourdieu (2010) ao estudar a sociedade Cabilas do Norte da África, percebeu uma organização social e familiar em que as pessoas viviam à margem. Aqui cabe, talvez, uma aplicação da teoria social defendida por Etienne C. Wenger (2003), que foi publicada juntamente com Jean Lave. Dentro da perspectiva conceitual proposta pelos referidos autores, a aprendizagem como um fator de participação social torna-se um processo de participação ativa nas práticas de comunidades sociais e na construção de identidades destas comunidades. O ser humano aprende através de sua prática social. Assim, segundo Lave e Wenger (2003):

A aprendizagem vista como um crescimento na participação em comunidades de prática interessa na pessoa como um todo, interagindo no mundo. Conceber a

aprendizagem em termos de participação se concentra nas maneiras em que há um desenvolvimento renovando sempre uma série de relações; isto é, consiste em um ponto de vista relacional das pessoas e suas ações no mundo, uma teoria típica da prática social. (LA VE; WENGER, 2003, p.23, tradução nossa).⁵¹

Se na teoria social aborda-se a aprendizagem como pertença, como procura de identidade, como procura de sentido, isso implica no interesse da pessoa enquanto ser em sua totalidade atuando no mundo de forma relacional. O indivíduo relaciona-se com o mundo através de suas ações e busca, por meio delas, novas subjetividades. Ao reconstruí-las, já está interagindo e relacionando-se com o mundo em sua complexidade. Portanto, nessas sociedades marginalizadas, o relacionar-se com o mundo já é um aprendizado na prática.

Ainda, segundo Bourdieu (1992) citado por Soares e Lopes (2008) os sistemas simbólicos como instrumentos de conhecimento e de comunicação só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados. O autor afirma, também, que os agentes específicos, sejam eles ser humano ou instituições, são estruturados e estruturantes no processo de naturalização da dominação. Isto é, os agentes, ao mesmo tempo em que têm poder de moldar a sociedade, são moldados por ela, uma vez que se trata de uma relação dialética entre a conjuntura e a estrutura do campo. Então, essa violência simbólica é algo que já vem inscrita nos corpos.

Já na concepção de Gebara (1991), o poder é algo que envolve a situação do empoderamento das mulheres, especificamente as mulheres pobres dentro da religião católica. A autora parte de sua realidade como mulher para tentar compreender a vida das mulheres que foram colocadas à margem. Assim:

O poder é mais que uma relação de forças entre os diferentes grupos humanos, embora seja esta a forma mais comum de sua manifestação. Nós somos também “poder”, isto é, poder de existir, de estar na vida, de ser parte do poder na terra. Aquilo que somos não pode ser perdido, alienado sem o risco da escravização e de perda qualitativa de nossa humanidade. Por isso o poder excludente, o poder da força imposta sobre milhares de vidas aliena, oprime, escraviza e deve, por consequência, ser combatido como se combatem as diferentes doenças que prejudicam nosso corpo. (GEBARA, 1991, p.16)

Vê-se, então, que a autora considera o poder além das relações de força, ou seja, é o poder de existir e quando o poder adquire uma força que aliena o indivíduo, ele se torna excludente, faz suas vítimas e por essa razão deve ser combatido. E nesse meio de exclusão

⁵¹ El aprendizaje visto como un incremento en la participación en comunidades de práctica, se interesa en la persona como totalidad, actuando en el mundo. Concebir el aprendizaje en términos de participación centra la atención sobre las maneras en las cuales hay un desarrollo, renovando continuamente una serie de relaciones; esto es, claro está, consistente con un punto de vista relacional, de las personas, sus acciones, y el mundo, típico de una teoría de la práctica social.

“[...] as mulheres foram e ainda são vítimas de uma forma autoritária e excludente de viver o poder.” (GEBARA, 1991, p.11). Ainda sobre esse contexto, para Bourdieu (2010) “[...] E as próprias mulheres aplicam a toda a realidade e, particularmente, às relações de poder em que se veem envolvidas esquemas de pensamento que são produto da incorporação dessas relações de poder que se expressam nas oposições fundantes da ordem simbólica”. (BOURDIEU, 2010, p. 45).

Diante do exposto, percebe-se que os vários seguimentos do poder instalam-se na instância religiosa do Congado, onde homens e mulheres relacionam-se e reproduzem uma forma de poder.

4.2. O Congo do Divino: por uma questão de gênero

No Congado de Pinhões existem duas Guardas: a Guarda de honra dos Catopês e a Guarda feminina do Divino Espírito Santo. A primeira é basicamente composta por homens e a segunda por mulheres. Os Catopês são tradicionais na comunidade, são homens de diversas faixas etárias que dançam e cantam o seu Congado. Segundo a tradição deles, mulheres não podem participar como dançantes ou cantantes, nem assumir capitania ou chefiar a guarda. Elas podem participar do trono coroado, representando princesas e rainhas, além de serem cozinheiras dentro da Irmandade.

Tendo em vista o que foi exposto anteriormente, a questão de gênero dentro do Congado é considerada muito forte e, conseqüentemente, a questão do poder está presente. Pela perspectiva do estudo sobre gênero, percebe-se que a manifestação do Congado em Pinhões segue uma tradição patriarcal e androcêntrica, em que existe uma divisão e definições de funções dentro da Irmandade. Dessa forma, existe um patriarcado que foi herdado pelos Catopês e reproduzido pelo grupo. Fiorenza citada por Scherzberg, (1997) faz uma distinção entre androcentrismo, patriarcado e sexismo:

O androcentrismo ou o dualismo androcêntrico é uma construção linguística e mental do mundo ou da ideologia que legitima o patriarcado”: “o sexismo é um dos pilares ou caminhos de opressão patriarcal, igualmente racismo, dominação de classes, militarismo e imperialismo”. O patriarcado é “um sistema político-cultural-social de submissões e dominações graduadas”. Por este viés pode-se dizer que o sexismo torna-se o patriarcado melhor sustentado onde a ordem masculina se torna operante. (Fiorenza apud Scherzberg, 1997, p.86-87).

Como afirma Bourdieu (2010), a ordem masculina já vem inscrita nas coisas, assim como nos corpos de maneiras diferentes. Isso é verificável quando se depara com as rotinas da divisão

do trabalho, assim como nos rituais, sejam eles coletivos ou privados. Dessa forma, muitas mulheres são excluídas de alguns espaços que a figura masculina é privilegiada. Portanto:

Como estamos incluídos, como homem e mulher, no próprio objeto que nos esforçamos por apreender, incorporamos, sob a forma de esquemas inconscientes de percepção e apreciação, as estruturas históricas da ordem masculina, arriscamo-nos, pois, recorrer para pensar a dominação masculina, a modos de pensamento que são, eles próprios, produtos da dominação. (BOURDIEU, 2010, p.13)

Até para refletir sobre a dominação masculina, estamos produzindo pensamentos que são produtos de dominação. Sobre isso, Bourdieu (2010) esclarece que o gênero parece estar na ordem das coisas e:

As divisões constitutivas da ordem social e, mais precisamente, as relações sociais de dominação e de exploração que estão instituídas entre gêneros se inscrevem, assim, progressivamente em duas classes de habitus diferentes, sob a forma de hexis corporais opostos e complementares e de princípios de visão e de divisão, que levam classificar todas as coisas do mundo e todas práticas segundo distinções redutíveis à oposição entre o masculino e o feminino. (BOURDIEU 2010, p. 41).

Assim, para o autor há uma oposição entre o que é feminino e o que é masculino. Essas divisões constitutivas encontram-se na esfera social que resultam essas diferenças. Mauss e Durkheim citados por Perez (2009) evidenciam que a função classificadora é “[...] o procedimento que consiste em classificar os seres, os acontecimentos, os fatos do mundo em gêneros e espécies e, assim, subordiná-los uns aos outros, deste modo determinando suas relações recíprocas em termos de inclusão e de exclusão.” (MAUSS E DURKHEIM apud PEREZ, 2009, p. 4). Dessa reflexão entende-se que a oposição entre o feminino e o masculino acaba por trazer em si uma força patriarcal em que a dominação masculina age sobre a submissão feminina. Nesse sentido, exclui as mulheres de uma nova forma de pensar o mundo e relacionar-se com ele. Em relação a isso, Perez (2009) menciona que:

Os sistemas de classificação (leia-se as culturas) são sistemas de pensamento baseados em noções hierarquizadas (representações coletivas dizemos nós antropólogos) que são expressão dos “estados de alma coletivos”. Como diz Mauss (1981), na origem [se origem existe bem entendido] está a vontade (leia-se desejo) de ligar (leia-se produzir relação).” (PEREZ, 2009, p. 5)

Apesar de as mulheres de Pinhões sempre seguirem o tradicional Catopês, elas tinham um objetivo maior de também cantar e dançar o seu Congado. E isso não era permitido, já que somente aos homens cabia exercer tais funções. Assim, impossibilitadas de assumirem a capitania, as mulheres decidiram abrir um novo reinado. Elas tiveram a vontade de se ligar ao mundo, porém de outra forma e não daquela que lhe foi imposta pelo sistema classificatório hierárquico. Partindo deste pressuposto, pode-se considerar que no Congado há uma disputa

de poder entre gêneros no que se refere a conquistas de lugar na sociedade. Em relação a isso, Gonçalves e Contins (2008) afirmam que:

Nas atividades realizadas em todos os momentos da festa, é possível distinguir um domínio masculino e um domínio feminino, cada um deles simbolicamente demarcado. As categorias “homem” e “mulher” nesse contexto festivo não expressam apenas relações de gênero, no sentido moderno desse termo. Trata-se, na verdade, a exemplo das noções de escassez e fartura, de categorias totais, pressupondo dimensões morais e cósmicas. As atividades femininas na preparação, organização e realização das festas do Divino são essencialmente complementares às atividades dos homens. Enquanto estes últimos desenvolvem suas atividades no espaço entre a família, a irmandade e o mundo exterior, fazendo contatos com círculos sociais e políticos mais amplos, especialmente quando buscam arrecadar fundos para as festas, as atividades das mulheres se desenvolvem predominantemente do espaço da família e da irmandade. (GONÇALVES; CONTINS, 2008, p. 89)

Percebe-se, então, que no Congado existem funções simbólicas diferenciadas, nas quais os homens desempenham a função voltada para o campo político e social e as mulheres ficam excluídas desse campo. Para Bourdieu (2010), “excluídas do universo das coisas sérias, dos assuntos políticos, e mais especificamente dos econômicos, as mulheres ficaram durante muito tempo, confinadas ao universo doméstico e às atividades associadas à reprodução biológica e social da descendência.” (BOURDIEU, 2010, p. 116). Observa-se, desse modo, que a dominação masculina está em muitos lugares e não deixa de ser uma realidade vivida na instância do Congado. Portanto, é possível afirmar que as mulheres de Pinhões sempre estiveram nas festas religiosas da comunidade, porém exercendo funções secundárias⁵², no universo doméstico. Como afirma Bourdieu (2010) o que aumenta a eficácia das palavras é a ordem dos gêneros que a fundamenta. Se existe uma disputa entre gêneros no Congado de Pinhões, pode ser porque esse povo recebeu uma ordem pré-estabelecida e socialmente construída. Uma dominação masculina simbolicamente herdada, conforme evidencia-se no trecho abaixo:

A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo lugar de assembleia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres. (BOURDIEU, 2010, p.18).

⁵² Cabe ressaltar que qualquer função no Congado é importante e o termo secundário não é utilizado para diminuir outras funções no Congado. Secundário significa neste momento, segundo plano, enquanto aos homens ficam o primeiro plano. Secundárias é um termo específico melhor utilizado para dizer das funções diferenciadas que existem dentro do Congado. Ao homem fica a função principal especificamente ao exercerem a capitania e à mulher ficam as funções específicas dentro do tronco corado, as funções secundárias.

As mulheres eram responsáveis pelo lar ajudando a mantê-lo organizado. Por meio da fala da segunda Capitã, confirma-se a proposta de Bourdieu (2010):

Eu participava de tudo assim ajudando no que podia né!? Primeiro arrumando a roupa de meu marido que faz parte do Catopé, né, enfeitando capacete né, depois que tive as menina, arrumando as meninas para participar da corte né. Fazia parte da acolhida, ajudando a enfeitar a igreja, andor, participava assim... na missa... com coral cantando. (EVANGELISTA, 2015, Segunda Capitã, Entrevista 3)⁵³

Isto também pode ser verificado na fala da dançante e cantante Joana (Entrevista 5)⁵⁴ quando afirma que “Eu não tinha função no Congado do Rosário, só na festa. Eu era ministra da eucaristia e ajudava a montar o palco pra celebração da missa, da festa. ”

Além disso, cabe mencionar que, para Soares (2009)

São poucas as referências às mulheres. Na maioria das vezes, elas são mencionadas pelos trabalhos desenvolvidos nos bastidores, na preparação dos banquetes e dos enfeites da festa. É fato que é a mulher que coordena essas atividades, mas é fato também que ela ocupa outros espaços na manifestação, para além da cozinha. (SOARES, 2009, p. 40).

A socióloga Dalva Maria Soares (2009) em sua dissertação de mestrado intitulada *Salve Maria (s): mulheres na tradição do Congado em Belo Horizonte, MG* aborda a participação das mulheres no Congado do bairro Aparecida em Belo Horizonte. Nesse trabalho é interessante a seguinte reflexão apresentada pela autora: Que lugar a história do acesso das mulheres no Congado ocupa? Na tentativa de encontrar respostas, encontra-se em Bourdieu (1995) a explicação de que o mundo social atribui objetivamente uma condição diminuída às mulheres. Ainda, para Soares (2009), isso pode desqualificar a participação da mulher na manifestação. “Por isso existem oprimidos dupla e triplamente, p. ex., mulheres negras pobres. ” (SCHERZBERG, 1997, p.87).

Nesse contexto, o fato de a mulher seguir uma tradição é como se os homens autorizassem a participação dela no Congado. Em relação a isso, tem-se o seguinte depoimento da bandeireira Simone:

Ah! Bom...olha,, quantos anos tem os Catopês. Eu acho assim...num é que eles num gostariam que envolvesse mulheres. Mas acho que eles achariam estranho. Eu não digo até pela geração de alguns novos que tem agora, mas os mais velhos... acho que eles...Como meu pai eu tenho a impressão que ele acha assim né: ah! “não é coisa prá mulher”. Como eles respeitam a nossa guarda agora, igual a meu pai até incentiva a gente agora na nossa, mas não para tá nos Catopês deles. (TELES, 2015, Bandeireira, Entrevista 4)⁵⁵

⁵³ Entrevista realizada pela autora, 2015.

⁵⁴ Entrevista realizada pela autora, 2015.

⁵⁵ Entrevista realizada pela autora, 2015.

A fala de Simone nos faz refletir acerca da afirmação de Soares (2009) a qual atesta que, “O fato de uma guarda ser fundada por mulheres ainda não aponta para uma ruptura com a dominação masculina, pois o lugar simbólico de poder na condução da manifestação ainda continuava nas mãos dos homens.” (SOARES, 2009, p.42). Nesse sentido, na realidade de Pinhões, os Catopês ocupam o lugar simbólico da condução da manifestação.

A Capitã Maria Rosalina atribui a não aceitação das mulheres no Congado por parte dos Catopês, pois, segundo ela: “Eu acho que são os antigos né, eles continuam com a mesma opinião das pessoas antigas, que não aceitavam que mulher participasse do Congado junto com eles”. Percebe-se, então, que a tradição patriarcal impede a participação das mulheres no Congado. Elas imperceptivelmente seguem o que lhe foi imposto, conforme pode ser visto no comentário da congadeira Joana: “o mestre falava que não podia entrar mulheres no Congado... eu acho que é a tradição porque antigamente a mulher ficava de fora de muita coisa... aí eles seguem essa tradição” (BARBOSA, 2015, Dançante Cantante, Entrevista 5)⁵⁶.

A segunda Capitã ressalta, a seguir, a influência da tradição dos Catopês:

Eu acho que é mais tradição mesmo né. Cada grupo, cada entidade tem a sua tradição. Já essa é a tradição deles, desde quando começou. E também isso aí ainda vem de antigamente das exclusões das mulheres, não só no Catopê, em várias coisas que até hoje existe. Então às vezes tem um pouco de machismo né, mas isso é de muito antes que já tinha...já melhorou bastante. Mais assim...eu acho mais que é pela tradição, não é exclusão. (EVANGELISTA, 2015, Segunda Capitã, Entrevista 3)⁵⁷

A fala da Capitã ao mencionar a exclusão das mulheres alerta para a separação entre o homem e a mulher. Nesse sentido, isso aponta para uma questão levantada por Bourdieu (1995) quando menciona a oposição entre o que é masculino e o que é o feminino na prática de dominação masculina. E que, segundo Soares e Lopes (2011) ao citar Bourdieu,

Essa divisão está inscrita na objetividade das estruturas sociais e na subjetividade das estruturas mentais. A dominação masculina é uma instituição tão assegurada que não precisa ser justificada, pois está expressa nas práticas e nos discursos. Nesse sentido, “escolhas” historicamente instituídas, fundadas na lei e no costume, aparecem de tal forma naturalizadas que não há espaço nem para o questionamento. (BOURDIEU, apud SOARES; LOPES, 2011, p. 6).

A dominação masculina em Bourdieu (2010) é resultado da violência simbólica. Uma violência suave, insensível, que se exerce, essencialmente, pelas vias da comunicação. Esse poder simbólico é invisível, o qual só pode ser exercido apenas com a cumplicidade daqueles que não querem saber que a ele estão sujeitos ou que o exerce. Conforme Soares e Lopes

⁵⁶ Entrevista realizada pela autora, 2015.

⁵⁷ Entrevista realizada pela autora, 2015.

(2008) Bourdieu corrobora na reflexão dessas decorrências quando se empenha sobre “[...] as relações entre os sexos, colocando a necessidade de questionamentos sobre mecanismos históricos responsáveis pela eternização das estruturas de divisão sexual e seus princípios correspondentes. ” (SOARES; LOPES, 2008, p. 5). A dominação masculina é um aporte revelador da origem da desigualdade entre os sexos. Nesse sentido, “o que parece eterno nada mais é que o produto de um trabalho de eternização desempenhado por instituições como família, igreja, escola.” (SOARES; LOPES, 2008, p. 5).

Bourdieu (2010) aponta para o fato de que devesse fazer uma reinserção na história da relação entre os sexos, arrancando-a da visão naturalista e essencialista, o que acaba por retirar das mulheres o papel de agentes históricos. As instituições trazem em si a violência simbólica e a “[...] dominação masculina encontra, assim, reunidas todas as condições de seu pleno exercício. ” (BOURDIEU, 2010, p.45).

Mediante o exposto, avaliando a situação do Congado de Pinhões, considera-se que, por um lado, o poder se faz presente sob o símbolo do Catopê. Por outro, as mulheres conseguiram criar uma nova Irmandade. Mas a relação entre os Catopês e o Congo do Divino ainda se encontra fragilizada, uma vez que o poder se dividiu. Por outro lado, as mulheres conseguiram criar uma Guarda e conseqüentemente abriram o Reinado de Nossa Senhora do Rosário na Festa do Divino. Isso pode ser atestado na fala da Capitã Maria Rosalina ao mencionar que:

Acho que tem um pouquinho de resistência. Tem um pouquinho de resistência assim, para unir os dois. Resistência por parte do Catopê. Acho que tem eles tem um pouquinho assim de...acho que a gente vai chegar ainda de participar junto mais em apresentações. Mas por enquanto eu acho que eles ainda tão meio com o pé atrás...[...] no princípio eles falaram que não queria misturar com a gente. (PÁSCOA, 2015, Priemira Capitã, Entrevista 2).⁵⁸

Há no Congado uma disputa de poder entre gêneros, em que a história tradicional dos Catopês acabou por reproduzir essa dominação masculina resultante da violência simbólica. E as mulheres, por sua vez, criaram um espaço onde elas exercem suas funções além das que lhe foram impostas. Dessa forma, conforme Gebara (2000), nós somos também poder, isto é, poder de existir, de estar na vida, de ser parte do poder na terra.

No que diz respeito ao termo gênero, ele é utilizado como categoria de análise que evidencia que o masculino e feminino são construções sociais e históricas (GOELLNER, 2004). Assim, essa categoria se encaixa na análise do Congo do Divino.

⁵⁸ Entrevista realizada pela autora, 2015.

É possível dizer que as questões levantadas por Bourdieu (2010, 1989), Gebara (1991), Perez (2009) e Soares (2009) entrecruzam-se com os dizeres das entrevistadas, o que nos levam a crer que o Congado de Pinhões pode ser considerado um espaço de disputa de poder entre gêneros, “principalmente no que se refere à capitania dos grupos, lugar, por excelência, de poder.” (SOARES; LOPES, 2008, p.3).

No campo religioso, as relações de poder desenvolvem lutas e tensões e, segundo Soares e Lopes (2011):

Atualmente, pela capital e pelo interior do estado, constata-se a presença de mulheres em funções que, até algum tempo atrás, eram exclusivamente dos homens. Hoje é possível encontrar mulheres caixeiros, dançantes e até capitãs comandando os grupos. No entanto, essa transição da mulher dos bastidores da festa para outros postos de maior visibilidade não aconteceu sem conflitos. (SOARES; LOPES, 2011, p. 3).

A Capitã Maria Rosalina confirma os dizeres de Soares ao contar que um dos problemas que o Congo do Divino teve que enfrentar para se firmar como Irmandade foi especificamente devido ao fato de ter sido criado por mulheres:

Eu acho que o pessoal nunca imaginou que ia ter um congado feminino aqui. Nunca! Acho que ninguém nunca imaginou! Tanto que quando falou que ia criar esse congado, ninguém pôs fé né!? Pouca gente que pôs fé que ia ter o Congado”. (PÁSCOA, 2015, Primeira Capitã, Entrevista 2).⁵⁹

Tal ideia é reforçada pela dançante e cantante Joana:

Pertencer ao Congado Guarda de Congo Divino Espírito Santo e Nossa Senhora do Rosário é lutar e vencer a todos e tudo. Desde a primeira reunião para formação da Guarda estamos sempre enfrentando preconceitos e comentários maldosos de muitas pessoas até mesmo parentes falando que Congado é coisa de macumba, que passamos vergonha e que somos corajosas em servir de palhaças para os outros. (Entrevista 5)⁶⁰

Percebe-se, pela fala das entrevistadas, que quando algo de novo é reinterpretado ou reatualizado em um campo tradicionalmente marcado pelo poder simbólico masculino, existem pequenas tensões e resistências. Os Catopês são a tradição do povoado e quando a própria comunidade depara-se com algo diferente, polêmicas surgem, o que ocasiona o desconforto e a não aceitação do que está sendo proposto. Bourdieu citado por Soares e Lopes (2008), afirma que:

⁵⁹ Entrevista realizada pela autora, 2015.

⁶⁰ Entrevista realizada pela autora, 2015.

A dinâmica social se dá no interior de campos que possuem lógicas próprias. O que vai delimitar o campo, são os valores e as formas de capital que lhe dão sustentação. A dinâmica social que acontece no interior de cada campo é regida por lutas que os agentes procuram manter ou alterar as relações de força, e a distribuição das formas de capital específicos. É também no campo, que acontece a estruturação ou objetivação do habitus, disposições socialmente constituídas que orientam as ações dos agentes. Bourdieu afirma que, os agentes específicos, seja ele ser humano ou instituição, são estruturados e estruturantes no processo de naturalização da dominação. Isto é, os agentes, ao mesmo tempo que têm o poder de moldar a sociedade, são por ela moldados, uma vez que trata-se de uma relação dialética entre a conjuntura e a estrutura do campo. (BOURDIEU apud SOARES; LOPES, 2008, p.3).

Dentro desse contexto, é interessante mencionar que a Capitã Maria Rosalina suscitou o seguinte questionamento: “Nós temos alguma autoridade com a Guarda?”. A partir da fala da Capitã é possível, então, refletir acerca da formação da capitania da Irmandade do Divino. Segundo Soares e Lopes (2008), as relações deste ambiente traduzem-se como um lugar de poder, um campo de forças e um campo de lutas, e, portanto, há no interior da Guarda uma tensão devido à prévia incorporação dos domínios masculinos, quando a própria mulher não aceita ser comandada por outra. Essa tensão que existe na capitania comandada por uma mulher é revelada na fala da capitã Maria Rosalina:

Que tem acontecido umas coisinhas no meio da nossa Guarda...Porque tem algumas pessoas infelizmente no Congado, que eu acho, num tá aceitando muito bem a gente. Eles acham assim, tem que dever respeito só a ele, ao Marlon (Capitão regente). Então isso eu vou até sentar com ele para conversar, vou saber dele. Tava até conversando com as meninas. Eu tive até vontade de sair fora do Congado. Porque a gente tá tendo um pouco de rejeição. Se você vai chamar atenção do pessoal não está aceitando! Já ouvi piadinha assim: “se ela me chamar atenção eu vou responder ela mal, eu vou xingar”! Não aceito que elas, não só a mim, eu e a segunda capitã. “Não aceito que elas me chamam atenção”, só aceitam Marlon. (PÁSCOA, 2015, Primeira Capitã, Entrevista 2).⁶¹

Pensando nesse contexto, cabe mencionar a visão androcêntrica que, para Bourdieu (2010) é continuamente legitimada pelas próprias práticas que ela determina. Pelo fato de suas disposições resultarem da incorporação do preconceito desfavorável contra o feminino, instituído na ordem das coisas, as mulheres não podem senão confirmar seguidamente tal preconceito. É o que pode ser confirmado pela segunda capitã do Congado ao afirmar que: “Tem mulheres que não nos aceitam né...porque também as mulheres pensando por esse lado machista. ”. Percebe-se, portanto, que as próprias mulheres aplicam essa violência simbólica que algum dia receberam de herança. Isto é, elas reproduzem o que receberam de uma tradição masculina.

⁶¹ Entrevista realizada pela autora, 2015.

Em relação aos conflitos existentes entre os dois gêneros, no estudo de Dalva Soares (2009) sobre o Congado feminino, a autora comenta que, durante dois anos, a Guarda Feminina trabalhou em conjunto com a Masculina. Fato o qual também foi constatado em Pinhões, já que, antes da criação da Irmandade, as mulheres trabalharam juntamente com os Catopês há mais de sete décadas. Os conflitos apontados por Dalva (2009) começaram a aparecer quando as mulheres resolveram formar uma diretoria independente e em Pinhões, por sua vez, os conflitos apareceram desde a fundação de uma nova Irmandade, o que, conseqüentemente, contribuiu para a criação de uma diretoria independente.

Nesse sentido, as mulheres enfrentaram problemas tanto da ordem de gênero quanto de outras ordens pelo fato de não reconhecerem no Congado elementos de africanidades, tal como o culto aos santos africanos sincretizados em santos católicos, além de algumas músicas que não se enquadram dentro dos padrões do repertório musical católico. E, apesar desses conflitos, da tensão e do poder, ainda assim as mulheres se mobilizam para que algum dia o Congado que criaram seja também uma tradição. Essa mobilidade faz das mulheres de Pinhões mulheres guerreiras que lutam pelos seus pertencimentos numa sociedade excludente.

Bourdieu (2010) afirma que as estruturas Família, Escola, Igreja e Estado são instituições que elaboram e impõem princípios que acabam por reforçar a violência simbólica. Dessa forma, toda *práxis* dessas instituições acabam construindo socialmente os corpos. Esses se tornam receptáculos dos princípios de visão e de divisão sexualizantes. Ao dizer gênero, nos referimos ao feminino e ao masculino, no qual o sujeito biológico produz e é produzido socialmente e culturalmente. Nesse contexto, para Gebara (2000b) “é esta dinâmica mais ampla que o sexo biológico que está incluído na noção de Gênero.” (GEBARA, 2000b, p. 111). Os estudos etnológicos de Pierre Bourdieu sobre a sociedade Cabila coincidem com os pressupostos das feministas no que diz respeito às análises e aos textos analíticos masculinos, de acordo com a explicação de Gebara (2000b). Esta autora acrescenta, também, que para Bourdieu é através de um imenso trabalho de socialização contínua que as diferentes identidades se estabelecem como *habitus*. É o *habitus* que contribui para a construção social do sexo, em que fixa as condutas próprias a cada um deles. E esse *habitus* revela a nossa sociedade, ou seja, o que é atribuído ao masculino e o que é atribuído ao feminino.

Quem participa dos festejos na comunidade de Pinhões pode perceber as mulheres assumindo funções de maior visibilidade dentro do Congado, dentro da Capitania, mas não pode imaginar os desafios que tiveram que enfrentar para serem reconhecidas. A Capitã Maria Rosalina explica as dificuldades encontradas ao criarem o Congado:

Hummm. Eu prá mim eu acho que nós somos guerreiras viu?! Nós demos a cara a tapa. Apesar de muita gente achar, tipo assim: “Isso não vai dá certo”. Porque teve muito isso aqui! “Isso aí não vai dá certo não”! “Isso é fogo de palha”! Entendeu? É tipo assim: ”vão ver como vai ser”! (...) Eu sinto bastante guerreira viu! (Entrevista 2).⁶²

Isso também é reforçado pela fala da segunda Capitã:

[...] logo no início quando nós começamos com o ensaio, muita gente falava assim: “isso é fogo de palha, não vai dá em nada, duvido que vai sair isso, essas mulheres vai desanimar, vai cansar, elas não vai dá conta não”. Então a gente tá provando que não é isso. A gente dá conta de exercer várias coisas, principalmente aí no Congado que saiu graças a Deus, e nós vamos continuar, enquanto Deus quiser. A gente dá conta, não tem nada que mulher é frágil não, mulher é forte, guerreira e dá conta de muitas coisas. (EVANGELISTA, 2015, Segunda Capitã, Entrevista 3).⁶³

E também da dançante e cantante Joana:

Hoje a mulher é tudo. Hoje é tudo né: cantar, dançar...é levar as bênçãos do Divino Espírito Santo pras pessoas. Eu acho assim, é tudo de bom. Antigamente a mulher não era valorizada na sociedade. E hoje o nosso Congado a maioria são mulheres e nós andamos levando o Espírito Santo, as bênçãos nas casas, pelas ruas. Cantar bonito para Nossa Senhora do Rosário. Fico linda e maravilhosa para louvar o Divino Espírito Santo. (BARBOSA, 2015, Dançante Cantante, Entrevista 5)⁶⁴

Todas essas falas convergem com a da bandeireira Simone, que se posiciona em relação à importância das mulheres no comando do Congado em suas novas funções:

O papel nosso no Congado... Nossa eu acho que é muito bom, e nós né temos muita responsabilidade sim e fortalece demais para...Nossa Senhora! Eu acho bom. Acho que nós mulheres que estamos ali desempenhamos nosso papel bem, tanto faz eu como bandeireira, como as capitãs e com as outras que tão lá puxando o nosso Congado. Então eu acho que cada uma de nós ali temos a nossa parcela de responsabilidade. É muito gratificante tá ali na frente. Eu me sinto assim: uma guerreira comandando um exército (TELES, 2015, Bandeireira, Entrevista 4)⁶⁵.

Pelos depoimentos das entrevistadas é possível ver que criar uma nova Irmandade é enfrentar dificuldades. Ao enfrentá-las, elas são consideradas guerreiras e sabem lidar com opiniões contrárias. Assim, com a participação no Congado, essas mulheres assumiram novas funções e responsabilidades para que fossem valorizadas pela sociedade. Isso é reforçado pela afirmação de Edith Stein (1999) ao assumir que funções que eram atribuídas aos homens, não quer dizer que as mulheres “perderam a graça”, pois não há profissão que não possa ser exercida por uma mulher:

⁶² Entrevista realizada pela autora, 2015.

⁶³ Entrevista realizada pela autora, 2015.

⁶⁴ Entrevista realizada pela autora, 2015.

⁶⁵ Entrevista realizada pela autora, 2015.

Pode se afirmar que mesmo profissões que segundo seus requisitos objetivos não combinam com o modo de ser feminino, devendo ser consideradas mais especificamente como masculinas, em casos concretos da existência humana, podem vir a ser exercidas de uma maneira genuinamente feminina (STEIN, 1999, p.62).

Essas mulheres assumiram novos postos e elas não contam somente a história do Congado de Pinhões, são também fundamentais para a existência histórica dele dentro da comunidade. Nesse sentido, considerando gênero como categoria de análise, é possível dizer que “a formulação do conceito de gênero aparece numa tentativa de superar os problemas relacionados à utilização de algumas categorias centrais nos estudos sobre mulheres.” (SOARES, 2009, p. 38). Além disso a autora acredita que dois conceitos precisam ser revistos: gênero e mulher, já que,

Atualmente, é comum opor os “estudos da mulher” aos “estudos de gênero”, gerando muitas vezes, confusão entre “gênero” e “mulher”. Embora se tenha desenvolvido no seio dos “estudos sobre a mulher” e compartilhando vários pressupostos, a formulação do conceito de gênero aparece numa tentativa de superar os problemas relacionados à utilização de algumas categorias centrais nos estudos sobre as mulheres. (SOARES, 2009, p. 38).

Ela explica que, embora o gênero já fosse utilizado, foi a partir da conceituação de Gayle Rubin que este termo começou a se difundir. Rubin, segundo a autora, destaca a necessidade de se estudar diferentes sociedades para determinar os mecanismos pelos quais a sexualidade é produzida. Para Piscitelli (2004), ao também mencionar Rubin, a cultura se sobrepõe à diferença sexual, pois

[...] a ideia de que homens e mulheres diferem mais entre si do que em relação a qualquer outra coisa deve vir de algum outro lugar que não [seja] a natureza...longe de ser a expressão de diferenças naturais, a identidade de gênero é a supressão de similaridades naturais (RUBIN apud PISCITELLI, 2004, p.48).

Em relação a isso, para Soares (2009) o conceito de gênero tem se difundido na teoria social, abraçado com entusiasmo entre os acadêmicos que dialogam com as discussões feministas, o que pode ser considerado avanço significativo quando comparado com as possibilidades analíticas oferecidas pela categoria mulher. E a essa ideia, acrescenta-se a percepção de Gebara (2000b) de que o conceito de gênero se tornou, em particular nas ciências humanas, não apenas um instrumento de análise, mas um instrumento de autoconstrução feminina e de tentativa das relações sociais mais fundadas na justiça e na igualdade, a partir do respeito pela diferença.

Nesse sentido, essa pesquisa, para avaliar a realidade estudada, busca diálogo com a teoria feminista proposta por Ivone Gebara. Afinal, saber respeitar as diferenças é saber ouvir as mulheres de Pinhões e, a partir disso, construir na prática essas relações. Dançar e cantar no

Congado era a vontade que algumas mulheres de Pinhões tinham e que a tradição dos Catopês as impediam de participar. Sobre essa situação, a bandeireira Simone comenta que:

Nó, tinha vontade de participar do congado. Eu nossa, não guento. Eu vejo o congado dos Catopês, o pé mexe sempre né! Eles tem a tradição deles de ser os homens. Eu também não sentiria bem tá no meio deles. Igual...teve uma vez que surgiu a vontade de ter as mulheres no meio deles, por mim eu não acharia bom né! Agora, graças a Deus a gente tem a nossa... né! (TELES, 2015, Bandeireira, Entrevista 4)⁶⁶

Também, é interessante a fala da segunda Capitã:

Não. No Congado dos Catopês não. Tinha vontade de participar do Congado, mas assim porque a gente viu...presenciou o Congado dos homens,né! Achava lindo, maravilhoso. Eu achava que...não sei...desde que a gente conhece é só masculino né! Mas eu não achava que ficaria bem mulheres juntos, sabe! Eu sempre pedia ao Guerino para fazer um das mulheres não junto com os homens, entendeu!? Por causa da tradição, que era uma tradição né...deles de ser só homens. Que criasse um de mulheres. (EVANGELISTA, 2015, Segunda Capitã, Entrevista 3)⁶⁷

Portanto, para a bandeireira Simone e a segunda Capitã, não caberia ficar no meio deles, mas construir uma forma melhor de se relacionar com eles, respeitando, assim, as diferenças. E isso converge com a ideia de que a questão da construção social do gênero não é primeiramente uma questão abstrata, mas é algo que pode ser observado na prática de nossas relações (GEBARA, 2000b, p.106).

Em relação ao sentimento de participar do Congado, a dançante e cantante Joana afirma que:

Tinha vontade de participar do Congado desde pequena. Porque eu achava bonito vê eles dançando [os Catopês]. [Tinha algo que impedia]...Tinha ... desde pequena o mestre falava que não podia entrar mulheres. Eu acho que é tradição porque antigamente a mulher ficava fora de muita coisa... aí eles seguem a tradição. (BARBOSA, 2015, Dançante Cantante,Entrevista 5).⁶⁸

Sobre isso, a primeira Capitã Maria Rosalina também revela que:

Tinha muita, muita! Ah! Achava bonito, eu vi os outros congados com mulheres e então achei interessante. O impedimento aqui é que o Congado Catopê, a tradição deles não aceitam mulheres. (...) Ah! Eu acho que são os antigos né, eles continuam com a mesma opinião das pessoas antigas, que não aceitavam que mulher participasse do Congado junto com eles. (PÁSCOA, 2015, Primeira Capitã, Entrevista 2)⁶⁹

Vê-se que a vontade de sair para dançar e cantar o Congado faz parte da construção social dessas mulheres e este fato também contribuiu para que as crianças assimilassem e

⁶⁶ Entrevista realizada pela autora, 2015.

⁶⁷ Entrevista realizada pela autora, 2015.

⁶⁸ Entrevista realizada pela autora, 2015.

⁶⁹ Entrevista realizada pela autora, 2015.

reproduzisse aquilo que também de alguma forma receberam. A dançante e cantante mirim diz que:

Eu acho que eu tinha medo dos meninos me zuá. E eu acho é porque as mulheres não podiam dançar no Congado dos homens. Eu acho que é porque lá na época dos escravos só os homens dançavam. (GOMES, 2015, Dançante, Cantante e Instrumentista Mirim, Entrevista 7)

Portanto, existia uma vontade e também um impedimento, não pelos Catopês em si, mas pelo poder simbólico que possuem. Poder, este, revestido de uma tradição basicamente masculina. Esse fato impedia que essas as mulheres tivessem poder para movimentar-se de um lugar que a estrutura social as colocou e alçar novos lugares onde a questão do pertencimento estivesse presente. Criar uma nova Irmandade talvez fosse a melhor forma de autoconstrução feminina por buscarem relacionar-se com os Catopês por meio da justiça e da igualdade. Em relação a isso, Gebara (2000b) menciona que:

Graças à tomada de consciência desta construção sócio cultural (GÊNERO), aquelas que se mantinham em silêncio fazem ouvir sua voz, aquelas que eram marginalizadas, que estavam excluídas do processo social e político mais amplo, tentam encontrar seu lugar e compreender melhor sua situação. (GEBARA, 2000b, p.106).

Essa tomada de consciência é importante para tentar mudar alguma coisa e isso só acontece quando atitudes são tomadas. Ouvir a voz daquelas que se mantinham em silêncio, voz das marginalizadas, das excluídas, conforme explica Gebara (2000b), nos leva a crer que é a sociedade que fala pela boca daqueles que a afirmam em nossa presença, é ela que ouvimos ao ouvir a voz de todos. Tendo uma força que a de um só não poderia ter. Conforme concepção de Durkheim (1996).

Assim, mobilizar-se foi uma atitude das mulheres de Pinhões ao buscarem, através de suas danças e cantos, o espírito de justiça e igualdade. Essa mobilidade aconteceu quando as mulheres de Pinhões e também o Capitão Regente da Guarda decidiram se organizar. Situação essa convergente com a ideia de Gebara (2000a) de que sem organização, não parece haver mudanças duradouras e realmente significativas. Isso pode ser visto no seguinte comentário da dançante e cantante Joana:

[...] porque ele [Capitão regente] viu a festa de Nossa Senhora do Rosário. Viu os Catopês, achou interessante e perguntou: “porque não tem mulheres”? eu falei com ele: uai, que Pinhões disse que não pode entrar mulheres. Ele disse assim: “Ô Joana vamos montar uma Guarda de mulheres”? Aí eu falei: Vamos. “Você topa”? topo. Aí começamos a convidar. As primeiras pessoas, a serem convidadas foram:

Aparecida, Cida e Rosalina, as que estavam dentro da Igreja no dia. (BARBOSA, 2015, Dançante Cantante, Entrevista 5)⁷⁰

Assim, as atitudes dessas mulheres reafirmam novos valores e elas, ao criarem um novo Congado, abriram-se para o mundo, não com os Catopês, mas com toda a estrutura social e religiosa da qual fazem parte. Mover-se, portanto, é procurar sair de uma situação desfavorável. Sobre isso, Gebara (2000a) afirma que há uma espécie de nascimento de novos comportamentos culturais em que a subjetividade e a valorização das mulheres começam a acontecer e, em seus estudos com as mulheres nordestinas, também explicita que:

Elas fazem parte da “cultura” na qual vivemos, respiramos e nos movemos. Ao narrarem suas histórias, já o fazem como se houvesse um “antes”, um “agora” e o “agora” é bem diferente, sobretudo na compreensão de sua identidade e dos valores culturais em que foram educadas. O “agora” é marcado por valores e concepções diferentes, sem dúvida valores não sistematizados e teorizados, mas vivenciados. As mulheres não se definem mais unicamente a partir de suas relações com os homens, mas das conquistas de suas vidas, dos passos que conseguiram dar para chegar ao lugar em que estão. (GEBARA, 2000a, p.46).

Nesse sentido, a experiência de Gebara com as mulheres nordestinas é um convite a se pensar como se deu a experiência das mulheres de Pinhões com relação à abertura de um novo reinado. As mulheres, ao abrirem um novo reinado, souberam valorizar as suas próprias vidas e conseguiram, assim como fizeram as mulheres nordestinas, contar a mobilidade de suas vidas como um valor, como um gesto de não conformismo com uma situação de opressão. “É bom afirmar que, embora essas mulheres não estejam conscientes de que leem sua vida a partir do “ethos” patriarcal em transformação, elas o fazem”. (GEBARA, 2000a, p.46). E, ao fazerem isso, contribuem de certa forma para a construção de soluções para conflitos que existem na instância do Congado. Sobre essa situação, Lave e Wenger (2003), também explicam que:

Devido à natureza contraditória da prática social coletiva em que os processos de aprendizagem fazem parte dessas contradições na prática, a reprodução social implica uma nova construção de resoluções para os conflitos subjacentes. Nesse sentido, é importante notar que os ciclos de reprodução são também produtivos. Eles deixam um traço histórico de artefatos físicos, linguísticos e simbólicos, e de estruturas sociais, das quais constituem e se reconstituem na prática, no tempo. (LAVE; WENGER, 2003, p.32, tradução nossa).⁷¹

⁷⁰ Entrevista realizada pela autora, 2015.

⁷¹ Debido a la naturaleza contradictoria de la practica social coletiva y porque los procesos de aprendizaje son parte del desarrollo de estas contradicciones en la practica, la reproducción social implica la renovada construcción de resoluciones a los conflictos subyacentes. En este sentido, es importante notar que los ciclos de reproducción son también productivos. Ellos dejan una huella histórica de artefactos físicos, linguísticos y simbólicos y de estructuras sociales, las cuales constituyen y reconstituyen la práctica en el tiempo.

Esses autores também mencionam que a prática social coletiva possui uma natureza contraditória. Os processos de aprendizagem são parte do desenvolvimento destas contradições, mas as contradições também são construtivas à medida que resolvem certos conflitos. Portanto, todos os elementos físicos, linguísticos e simbólicos se constituem e reconstituem na prática e no tempo. Dessa forma, o Congado de Pinhões pode ser visto como uma religião que, na prática, se constitui e reconstitui no tempo.

No que diz respeito à mobilidade da senzala feminina, a partir da pesquisa de Gebara (2000a) temos um convite às seguintes reflexões: Será que as mulheres do Congado de Pinhões vivem ainda em senzala e ainda precisariam lutar para libertar-se dela? Será que elas romperam com a tradição dos Catopês? Diante desses questionamentos, parte-se do conceito de que a senzala evoca a casa ou o lugar dos escravos por oposição à casa grande, lugar dos proprietários brancos, dos senhores e senhoras, dos que eram servidos. (GEBARA, 2000a, p.17). A autora buscou o termo “senzala” na obra de Gilberto Freyre, intitulada *Casa Grande e Senzala* e o utiliza metaforicamente, conforme pode ser verificado a seguir:

A senzala aqui, embora seja um termo inspirado pela escravidão africana no Brasil, é uma metáfora para expressar a prisão móvel que muitas mulheres carregam. É a prisão imposta pela cultura da pobreza e da dependência. É a prisão da condição humana acentuada pelos mecanismos de uma sociedade construída sobre injustiça e a exclusão. É finalmente a prisão doméstica com relativa mobilidade porque se pode andar, mas, mesmo andando, os passos estão amarrados, os caminhos estão fechados em meio à imensidão de possibilidades sem acesso permitido. Essa mobilidade “fechada” sem um real passo na direção dos bens que a sociedade moderna produz. (GEBARA, 2000a, p.17)

Para a autora, portanto, a “senzala” vem como algo que rotula as mulheres e elas “[...] carregam a senzala colada ao próprio corpo, pregada à pele, vivendo nas próprias entranhas. Senzala herdada, senzala reproduzida, senzala deixada como herança.” (GEBARA, 2000a, p.19).

No que tange à “dominação masculina”, Bourdieu (2010) evidencia que ela já vem inscrita nos corpos. Assim, ao se relacionar as afirmações dos autores supracitados, nota-se que, apesar de falarem sobre termos distintos, o corpo está composto por significados. Nesse sentido, senzala e dominação masculina são termos impressos na constituição dos indivíduos. Pode-se dizer, então, que as mulheres de Pinhões receberam a “senzala” de herança. A tradição traz em si o próprio marco da dominação simbólica, construída sobre a injustiça e exclusão. No caso das mulheres, segundo Joana, elas receberam um fardo mais pesado, porque muitas são descendentes de escravos:

Cultura dos negros é essa! Os coitados vieram dos navios. Eles que povoaram Pinhões aqui! Nós temos que seguir em frente e não deixar a nossa história! Se eu falar assim: Eu não sou da senzala, estou deixando a história para trás. Isso é o linguajar da senzala! A latinha gente que os Moçambique traz amarrada no tornozelo...a latinha representa as correntes dos escravos!!! A gente tem que aprender a lidar com as nossas origens! Nossa cul-tu-ra!! (BARBOSA, 2015, Dançante Cantante, Entrevista 5)⁷².

Ainda para a congadeira Joana, é preciso aprender a lidar com as origens. Pelo depoimento da entrevistada percebe-se o valor dado à história e aos aspectos que unem a/o congadeira/o aos seus ancestrais. Logo, ao reconhecer sua origem e entender o Congado como expressão religiosa ligada a identidade negra. E mais, cabe às mulheres de Pinhões se reconhecerem de origem negra, uma vez que as considerações que se relacionam estão pautadas no reconhecer-se mulher e negra. Existem correntes que precisam ser arrebatadas, existe senzala e também existe mobilidade. E é por isso que “a palavra senzala vem acompanhada de outra: mobilidade” (GEBARA, 2000a, p.18). Sendo assim, o que seria essa mobilidade?

Mobilizar é uma palavra que nos convida à reflexão, haja vista que uma mudança se torna possível quando cada ser humano se reconhece como um ser participante, de atitude e consequentemente de ações. E suas ações acabam interferindo de alguma maneira no cotidiano. A mudança começa não somente a partir da conscientização de um indivíduo, mas também da consciência coletiva. Não basta dizer vamos mudar, deve-se fazer com que a mudança aconteça. E quanto a isso, Gebara (2000b) novamente nos fornece auxílio ao afirmar que:

Para mudar as próprias condições de produção das relações de dominação é necessário todo um processo coletivo de educação. São necessários acordos, um mínimo de consenso, análises comuns para intervir no habitual. É preciso, como diz Bourdieu, mudar a ordem simbólica, e consequentemente mudar as relações na prática, no cotidiano da cultura. (GEBARA, 2000b, p. 112).

Portanto, em Bourdieu (2010) e Gebara (2000b) as mudanças são possíveis. E essa possibilidade de mudar proposta pelos referidos autores foi encontrada no do relato de Joana:

[...] conhecemos o seminarista, que também queria criar um congado e aí dissemos: vamos juntar as pessoas e criar um congado de mulheres aqui em Pinhões? Assim criamos. Assim apresentamos na festa do Divino e por aí vai, né! (BARBOSA, 2015, Dançante Cantante, Entrevista 5).⁷³

⁷² Entrevista realizada pela autora, 2015.

⁷³ Entrevista realizada pela autora, 2015.

Percebe-se que, na fala da entrevistada, as mulheres da comunidade, em consenso com o capitão regente da guarda, conseguiram mobilizar-se na prática. Em relação a essa situação, cabe mencionar a ideia de Lave e Wenger (2003):

Uma comunidade de prática é uma série de relações entre as pessoas, suas atividades no mundo através do tempo e em relação com outras comunidades de prática tangenciais e sobrepostas. Uma comunidade de prática é uma condição intrínseca para a existência do conhecimento, porque minimamente proporciona um suporte interpretativo necessário para dar sentido a sua herança. Isto é, a participação em uma prática cultural, em que existe qualquer conhecimento, é um princípio epistemológico da aprendizagem. (LAVE; WENGER, 2003, p.74, tradução nossa).⁷⁴

Por suas inúmeras relações, a comunidade das mulheres de Pinhões pode ser considerada uma comunidade de prática. Nesse contexto, o Congado de Pinhões, considerado uma prática cultural e religiosa, permite um aprendizado. E como diz a congadeira Joana: “a gente tem que tá aberta a aprender, né!? Não é vergonha mudar de ideia, vergonha é a gente não ter ideia prá mudar.” (BARBOSA, 2015, Dançante Cantante, Entrevista 5).⁷⁵

Se no “estatuto imaginário” dos Catopês as mulheres não possuíam permissão para serem cantantes e dançantes, hoje elas não só dançam e cantam, mas festejam a vida. Na festa do Divino elas estão sempre presentes, influenciando os Catopês a reerguerem o Congado dos homens. Sobre essa situação tem-se o seguinte comentário da bandeireira Simone Teles:

Eu acho que nós demos aquele empurrão para eles, num certo ponto, porque eles acham assim...as vezes quando saímos para ensaiar eles dizem assim: “nós devemos fazer igual elas, elas estão sempre ensaiando”. Nós demos incentivo para eles sim, os Catopês. Mas infelizmente eles falam: homens...homens...apesar de que nós mulheres trabalhamos igual a eles...mas eles acham assim ..para ensaiar. Mas acho que nós demos um empurrão neles sim. Eu acho que foi bom para a comunidade e para os Catopês. Acho que cada um na sua, para nós misturar acho que não dá certo. (TELES< 2015, Bandeireira, Entrevista 4).⁷⁶

É evidente que o Congado feminino de Pinhões está mudando a realidade do local e as mulheres não romperam com os Catopês e nem com a estrutura patriarcal lista da qual fazem parte. Não se tornaram dançantes dos Catopês, mas mostraram que uma mudança é possível desde que se creia nela e a faça acontecer. Da vontade de dançar e cantar o seu Congado, lutaram para que isso acontecesse, apresentando novos caminhos por meio da fundação de um

⁷⁴ Una comunidad de práctica es una serie de relaciones entre las personas, la actividad y el mundo a través del tiempo y en relación con otras comunidades de práctica, tangenciales y superpuestas. Una comunidad de práctica es una condición intrínseca para la existencia del conocimiento, porque minimamente proporciona un soporte interpretativo necesario para dar sentido a su herencia. Esto es, la participación en una práctica cultural, en la cual cualquier conocimiento existe, es un principio epistemológico del aprendizaje.

⁷⁵ Entrevista realizada pela autora, 2015.

⁷⁶ Entrevista realizada pela autora, 2015.

reinado. Desse modo, a mudança acontece na prática. É preciso conhecer para mudar e o lugar do conhecimento está nas relações sociais possíveis dentro de uma comunidade, de uma sociedade, do mundo. Aprender é refletir a todo instante sobre a prática. Praticar é experimentar aquilo que foi aprendido e observar se aquela prática contribuiu de alguma forma para a sua aprendizagem. Nesse quadro, Lave e Wenger (2003) definem que

O lugar do conhecimento está dentro de uma comunidade de prática, as dúvidas sobre a aprendizagem devem ser direcionadas para os ciclos de desenvolvimento dentro da comunidade, uma recomendação que criou uma ferramenta de diagnóstico para distinguir entre as comunidades de prática. (LAVE; WENGER, 2003, p.76, tradução nossa).⁷⁷

Diante do exposto, o seguinte questionamento se mostrou relevante: Se o lugar do conhecimento está dentro de uma comunidade de prática, o que se pode entender sobre ela? Uma possível resposta é a de que ela pode ser definida como uma série de relações sociais que se dão entre as pessoas de uma comunidade.

4.3 O Congo do Divino: por uma questão de fé

Transformar é possível, desde que se tenha também atitude. E as mulheres de Pinhões tiveram. Nesse sentido, o estudo analítico de gênero trouxe algumas reflexões. “Uma delas diz respeito ao fato de a categoria de Gênero também nos convidar a sair de certo simplismo da ciência teológica para colocar-nos de modo crítico na construção de uma teoria mais inclusiva da fé cristã.” (GEBARA, 2000b, p. 104).

Além disso, depois de avaliar a questão da exclusão de mulheres no Congado, cabe a reflexão sobre a teoria inclusiva da fé cristã. Esta teoria foi definida por Gebara (2000b) como teologal. Por sua vez, na definição de João Libânio (2004), deu-se como teologal trinitária. Um fato é que as mulheres de Pinhões relatam que possuem devoção em Nossa Senhora do Rosário e que a fé lhes abre novos horizontes. Assim, considera-se que a fé move as mulheres do Congado de Pinhões.

É importante mencionar que a expressão “a fé move os congadeiros” foi proposta por Alves (2008) ao afirmar que estes possuem devoção em Nossa Senhora do Rosário, considerados filhos do rosário. Dessa forma, Nossa Senhora do Rosário transforma-se no mito da fé. E, assim, as/os congadeiras/os professam a sua fé pela devoção que possuem em Nossa

⁷⁷ El lugar del conocimiento está dentro de una comunidad de práctica, las preguntas sobre el aprendizaje deben ser dirigidos hacia los ciclos de desarrollo dentro de la comunidad, una recomendación que crea una herramienta de diagnóstico para distinguir entre las comunidades de práctica.

Senhora do Rosário. Em relação a esse sentimento, a segunda Capitã do Congo do Divino relata:

Nossa Senhora do Rosário, a gente tem devoção, a gente não pode falar que tem fé, a gente tem é devoção em Nossa Senhora do Rosário. Mas a gente vê essa fé vindo de Maria, porque foi ela que acolheu, num foi?! Jesus no Espírito Santo...A gente fala que a gente não tem fé nela, mas ela é um exemplo de fé para gente, né?! (EVANGELISTA, Segunda Capitã, Entrevista 3)⁷⁸

E para a primeira Capitã Maria Rosalina:

Nossa Senhora do Rosário é minha mãezinha né! Nossa mãezinha e eu tenho a honra em louvar ela. A gente não adora santo, mas a gente sabe respeitá né!? Então eu respeito ela muito como minha mãezinha. E o Divino Espírito Santo acima de tudo né!? Pai, Filho e Divino Espírito Santo. Então acho...as três pessoas da Santíssima Trindade. Nossa Senhora do Rosário...Nossa Senhora do Rosário é uma só né! É uma só, mãe de Jesus, com vários títulos. E prá nós aqui, a gente louva a Nossa Senhora do Rosário mas que se torna a mesma pessoa. O louvor é aos dois. A nossa Guarda é do Divino Espírito Santo de Nossa Senhora do Rosário. (PÁSCOA, 2015, Primeira Capitã, Entrevista 2)⁷⁹.

Em seu relato, a Capitã Maria Rosalina, ao dizer Pai, Filho e Espírito Santo, refere-se à Trindade, e isso se torna um convite à reflexão ao relacionarmos tal fato com os apontamentos de Libânio (2004), já que “[...] o núcleo da fé cristã, em termos de ensinamento, consubstanciou-se desde seu início em formulações solenes: os credos. ” (LIBÂNIO, 2004, p. 42). A afirmação desse autor mostra sua compreensão em torno da fé cristã como teológica trinitária, uma vez que compreende Deus como pai de Jesus e como doador do Espírito Santo. Portanto, a Capitã Maria Rosalina, em seu depoimento, está se referindo à fé teológica trinitária, que se professa por meio de crença.

Libânio (2004) afirma, ainda, que crer se encontra no universo da experiência religiosa individual e subjetiva. A expressão “Eu creio” também passa pela vivência confessional e “nós cremos” pela vivência comunitária na Igreja, como pode ser visto no trecho a seguir:

“Nós cremos” como uma comunidade cuja origem é a Trindade. Sendo uma Igreja que nasce da Trindade, a expressão de sua fé se realiza na forma de comunhão. Essa comunhão participa da própria comunhão divina da Trindade. É essa realidade que se vive na e pela fé, quando ela é vivida comunitariamente. A dimensão Trinitária caracteriza o “Nós cremos”. Crer é comungar com a Trindade e com os irmãos na fé. Crer é criar comunhão e participar na vida da comunidade. (LIBÂNIO, 2004, p. 295)

⁷⁸ Entrevista realizada pela autora, 2015.

⁷⁹ Entrevista realizada pela autora, 2015.

Ao dizer “a nossa guarda”, a capitã refere-se à participação de todos os integrantes da mesma comunidade. Diante disso, “A palavra comunidade soa como música em nossos ouvidos. O que essa palavra evoca é tudo aquilo de que sentimos falta e de que precisamos para viver seguros e confiantes.” (BAUMAN, 2003, p.9). Ainda, a comunidade comunga com a trindade e os irmãos na fé ao louvar Nossa Senhora, considerada mediadora entre o ser humano e Deus. Isso pode ser considerado um ato de oração, no qual expressam sua fé acreditando na sua dimensão trinitária. Nossa Senhora Mãe de Jesus recebe outros nomes, como Nossa Senhora do Rosário. Dessa forma, vivem esse mito anualmente ao festejar a santa do rosário. O que move a festa são os Filhos do Rosário por meio de sua fé e em relação a esse ato Vaz citado por Alves (2008), afirma que:

Recorrer ao imaginário para se exprimir pelo mito é acreditar num mundo que transcende o físico que se vê, é pensar nele, desejar tê-lo como paradigma ideal do real não realizável. Os pensamentos míticos, como a fé, são construtores de altos ideais. A fé não pode deixar de ser razoável e de ter sentido crítico e capacidade de discernimento para evitar degradar-se em superstição ou em ideologia, não se opõe à razão, é outro “gênero” de razão. (VAZ apud ALVES, 2008, p.162).

Nesse quadro, quando as/os congadeiras/os acreditam em um mundo além da sua existência física, projetam nele um novo modelo por via dos pensamentos. A fé tem seu sentido crítico e não pode se transformar meramente em superstição ou ideologia. Quanto a isso, Whitmont (1991) diz que:

O viver de acordo com o mito, teve fim com o distanciamento entre o humano e o divino. O dogmatismo substitui a produção consciente de mitos. Por um processo semelhante, a imaginação simbólica é castrada, limitando-se o sagrado a conceitos não-sensoriais, que não podiam ser vistos e sentidos, apenas ensinados. Portanto, é preciso que acreditem neles. A fé não é mais pistis (“confiança na experiência pessoal”), é sim uma aceitação cega e divorciada das experiências pessoais subjetivas. (WHITMONT, 1991, p.119).

O distanciamento entre o humano e o divino substitui a formulação de mitos e limita o sagrado a conceitos não-sensoriais. Sendo assim, vê-se que o posicionamento de Alves (2008) está de acordo com o de Whitmont (1991) ao dizer que a experiência do sagrado vai além do não sensorial. Nesse sentido, as/os congadeiras/os confirmam as afirmações acima ao viverem o mito somado ao sensorial descrevendo a sua vida de fé, como pode ser visto no relato da dançante e cantante Joana:

Ah! Minha fé é muito grande. Eu vou a missa todos domingos. Eu acredito em Jesus, prá mim não tem outro igual. A minha fé ... ela me dá suporte pra enfrentar

as dificuldades: falta de dinheiro, doença, morte, perda, tudo o que me mantém de pé é a fé. Não adianta eu falar assim: eu tenho fé se aparecer uma dificuldade na minha vida, eu falo assim: ah! Eu não vou fazer porque aconteceu isso comigo. Então a fé, ela me mantém em pé. Eu sei que toda dificuldade todo mundo tem; a gente nasce, cresce e morre. Então é pela fé que a gente enfrenta as dificuldades, obstáculos, perdas né, dívidas, e...conflito, briga em família que todo mundo tem. A fé me mantém em pé. (BARBOSA, 2015, Dançante Cantante, Entrevista 5)⁸⁰.

Assim como no da primeira Capitã Maria Rosalina:

A minha vida de fé...eu falo até com Deus que eu vivo pisando na bola. Tenho muita fé, mas ainda é pouca diante de tanta maravilha que Deus faz para mim e na minha vida. Então eu acho que a minha vida de fé tá meia pouquinho sabe! Tou precisando de ter um pouquinho mais de fé. Peço sempre a Deus: aumentai a minha fé. Por que eu tenho...mas tá pouca. Diante das coisas que Deus me faz, a minha fé ainda está pouca! Que cada vez que eu penso alguma coisa contra, tipo assim: Não vou fazer mais isso! Deus me mostra ao contrário. Deus tá sempre me mostrando...me provando: “não...não é assim, você tá errada sabe”? Então eu acho que a minha fé tá precisando um pouco mais viu! (Entrevista 2)⁸¹.

Assim sendo, para Joana, a fé a ajuda a enfrentar os problemas do cotidiano e, para Maria Rosalina, Deus é a presença constante em sua vida. Ambas acreditam em Deus e em Jesus. A crença é um passo para viver a fé. É interessante mencionar que “crer”, conforme Libânio (2004) vem do latim *credere*, constituído de “cor + dare – dar o coração a alguém. ” (LIBÂNIO, 2004, p. 10). E o termo “coração”, nas antropologias tradicionais, traduz a totalidade da pessoa no gesto afetivo de entrega. Aí estaria, portanto, o cerne da fé.

No que tange aos conceitos que são atribuídos a palavra fé, Libânio (2004) evidencia que:

Fé é um ato pelo qual nos entregamos numa atitude de confiança, a uma realidade ou a alguém. Três elementos constituem esse ato básico. Um sujeito que se relaciona com um objeto. Um objeto (realidade ou pessoa) com que o sujeito se relaciona. E o mais importante: a relação se faz numa atitude de entrega, de confiança, de colocar, de certo modo, no outro o fundamento desse ato, sem negar a própria subjetividade. (LIBÂNIO, 2004, p.10).

Cabe ressaltar que o autor apresenta em sua obra, intitulada *Fé*, cinco contextos para a reflexão sobre esse conceito. Ele aborda a fé humana, a fé religiosa, a fé teológica, a fé cristã e fé eclesial. Nesse sentido, pode-se dizer que as mulheres de Pinhões se enquadram nesse contexto de fé. A fé humana antropológica para o autor é “[...] uma experiência que se faz entre as pessoas e se prolonga para coisas, mistérios e religiões e crer é a condição de existir num convívio humano. ” (LIBÂNIO, 2004, p.12). Diante dessas reflexões, questiona-se:

⁸⁰ Entrevista realizada pela autora, 2015.

⁸¹ Entrevista realizada pela autora, 2015.

Como estão, portanto, configuradas as modalidades da fé? E Libânio (2004) assim as distingue:

O mistério, o sagrado, nos atemoriza e seduz. A ele entregamo-nos, num gesto de acolhida e de resposta. Trata-se da *fé religiosa*. E se esse mistério é Deus, que se nos revela, tocamos a *fé teologal* própria das religiões monoteístas: judaísmo, cristianismo e islamismo. O cristianismo assume a fé teologal e explica-lhe o conteúdo, afirmando que o Deus único é tripessoal e que sabemos disso por causa da revelação de Jesus Cristo. Acolher tal revelação de Jesus é característica da *fé cristã*. Os cristãos entendem que a fé vive em comunidade. Trata-se da *fé eclesial*. (LIBÂNIO, 2004, p. 11).

Baseando-se nas modalidades de fé apresentadas pelo autor, observa-se que elas também fundamentam o Congado de Pinhões. Para pertencer ao Congo, um dos requisitos é ser católico, apesar de que no Congado para Alves (2008) “[...] é impossível não perceber o seu caráter sincrético”. (ALVES, 2008, p.164). E ao analisarmos a religiosidade do povo brasileiro, percebemos que o caráter de mobilidade se aproxima mais da realidade do que o sincretismo. Isso ocorre por não haver uma fusão e, sim, por haver mobilidade de elementos de uma religião para outra. Quanto a isso, o Capitão Regente Marlon Lima atribui um sentido religioso no Congado:

Tudo no Congado tem sentido religioso. O Congado é religioso. Não é folclore, ele não é dança cultural, ele é uma dança religiosa porque o que a gente dança e o que a gente faz nas ruas, o que agente faz nas missas, nas Igrejas é a representação da aparição de Nossa Senhora do Rosário que apareceu para os negros, no rio e eles foram com seus tambores, com seus cantos e ela veio acompanhando eles. Então o que a gente reproduz é isso: é totalmente uma manifestação religiosa, nós vamos à igreja, nós temos nossos compromissos, nossos anjos de devoção, participamos da missa, o reinado e para ele ser completo precisa ter a missa. Então nós somos completamente ligados à fé católica e a religiosidade. Então o Congado é todo religioso. (Entrevista 6)⁸²

Percebe-se, desse modo, que a fé cristã envolve as crenças na Santíssima Trindade e busca-se, através de seus santos mediadores ou intercessores, um melhor caminho para se viver o cotidiano. Nesse sentido, o Congado vive a devoção em Nossa Senhora do Rosário e “os congadeiros confirmam que, de tanto implorar a Deus, o Pai, eles foram ouvidos e Nossa Senhora foi enviada para protegê-los.” (ALVES, 2008, p.100). As mulheres do Congo do Divino se encontram entre a fé e o poder e se mobilizaram com atitude, força e coragem. Elas conseguiram abrir um Novo Reinado, alicerçado, segundo elas por Nossa Senhora do Rosário, e envolto nos mistérios da Santíssima Trindade. Em relação a tal fato, Libânio propõe (2004)

⁸² Entrevista realizada pela autora, 2015.

que é “pela fé teologal, em que supõe que Deus se autocomunica pessoalmente a uma humanidade aberta para tal acolhida. ” E se estão abertos para tal acolhida, creem que são chamados pela fé a seguir o curso da vida. Isso pode ser confirmado no comentário da bandeireira Simone Teles:

Sou agraciada com as coisas que acontecem comigo dentro da Igreja. Eu tenho muito chamamento das coisas. Amo cantar para Nossa Senhora...e, na festa do rosário como eu falei já fui rainha, graças a Deus e a do Divino também. Igual eu falo: a fé me busca, apesar de eu ser um pouco desleixada, mas me busca, me rodeia. Já fui porta bandeira da festa do Divino a muitos anos atrás , no entanto hoje eu sou uma bandeireira do Congo do Divino Espírito Santo. As coisas busca a gente, a gente às vezes é que não presta atenção. (TELES, 2015, Bandeira, Entrevista 4).⁸³

Conforme diz a bandeireira, as pessoas são impulsionadas pela fé e em uma atitude de reciprocidade, são guiadas por ela. Dessa maneira, unidas, criaram um novo espaço social. Com atitude e mobilizadas, resignificaram suas práticas religiosas ao não aceitarem a exclusão e se abrir ao outro. E, assim, foram criadas novas perspectivas dentro do Congado e novas formas de pensar o outro no campo de alteridade.

⁸³ Entrevista realizada pela autora, 2015.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao definir o Congo do Divino Espírito Santo de Nossa Senhora do Rosário de Pinhões, Minas Gerais como objeto de pesquisa, e ao fazer-me de integrante do Congado, percebi o quão importante é para uma pesquisadora inserir-se em seu campo de estudo. Assim, participar com as mulheres de Pinhões no processo de criação de um novo Reinado possibilitou a reflexão acerca das possibilidades únicas que a vida nos oferece para o nosso constante aprendizado na prática.

Em relação aos objetivos propostos, após atingi-los e refletir sobre as questões que mobilizaram este trabalho, espera-se que possa ser um estímulo para pesquisadoras/es em outros campos do conhecimento, a partir de diferentes pontos de vistas e metodologias. Ressalta-se que essa pesquisa não tem a pretensão de oferecer respostas a todas as perguntas que surgem, mas tem a humilde tarefa de deixar questões que estimulem novas reflexões.

Além disso, esse estudo apresentou algumas considerações sobre as mulheres que fundaram a Guarda de Congo do Divino Espírito Santo. Discutiram-se conceitos e teorias aplicáveis à realidade estudada. Também procurou-se responder à pergunta que mobilizou esta pesquisa: Por quais razões as mulheres de Pinhões abriram um novo Reinado? Para tanto, apresentaram-se as seguintes razões:

- a) As mulheres de Pinhões tinham o interesse de participar do Congado não somente como princesas, rainhas e cozinheiras, mas cantar, tocar e dançar o seu Congado. Queriam dançar e cantar e não mais seguir os “mandamentos” de uma estrutura de poder patriarcal na instância do Congado. Não “romperam” com os Catopês, mas souberam questionar, mobilizar e dizer não à exclusão das mulheres diante de afirmações pautadas em questões de tradição patriarcalista. Sendo assim, assumiram postos de maior visibilidade dentro do Congado, que outrora eram ocupados por homens.
- b) As mulheres de Pinhões buscaram reconstruir suas subjetividades, mesmo havendo uma força hierarquicamente estrutural agindo sobre elas. Queriam dançar e cantar a fé reatualizando o catolicismo. Foi uma melhor forma de viver o cotidiano, viver a própria vida festejando-a. A festa pode fazê-las brotar esperança envolta no mistério da fé. Buscaram através da devoção que possuem em Nossa Senhora do Rosário, a

melhor forma para viver melhor a vida, sempre pedindo ao Divino Espírito Santo que iluminasse as suas vidas.

- c) As mulheres de Pinhões são guerreiras e devotas. Guerreiras porque souberam lutar por uma causa e devotas por crerem em sua fé Cristã voltada na figura de Nossa Senhora do Rosário. Quiseram apenas o direito de igualdade diante da sociedade e assim praticaram e praticam sua cultura, sua religiosidade e seu pertencimento. Fizeram do Congado feminino uma fonte de inspiração, para que o Congado masculino bebesse dessa fonte e fortalecesse. Fortaleceram a religiosidade tradicional católica e demonstraram que unidas podem mudar a sociedade.

Com relação à segunda hipótese, em que o relato das congadeiras mostrou-se diferente da suposição esperada, cabe mencionar que:

- d) A querência das mulheres de se libertarem dos espaços institucionalizados (Igreja e lar, por exemplo) em que vivem mostra que nem todas as entrevistadas sentem-se incomodadas com essa situação. Pelo contrário, algumas gostam e sentem-se bem em ficar na Igreja e no seio familiar. Ou seja: Elas não querem “libertar-se” desses espaços, querem associar-se a eles, cuidando do lar e buscando autoestima em suas vidas por meio da dança e do canto no Congado. Sentem-se bem cuidando da família e participando das tarefas de suas Igrejas.

Dentre tantas outras razões, chegou-se ao resultado de que a razão primordial das mulheres terem criado o Congo do Divino foi porque não podiam participar na categoria de Capitãs, dançantes e cantantes no Congado tradicional dos Catopês. Pode-se “concluir” – apesar de que um resultado proporciona novas aberturas para novos resultados – que as mulheres de Pinhões tiveram atitude, foram guerreiras, mobilizaram e lutaram por seus direitos.

Assim, “romper” o silêncio ajudou a fortalecer ainda mais a tradição cultural e religiosa da própria comunidade. A ação dessas mulheres muito contribuiu para uma retomada de consciência convidando as pessoas a valorizarem a sua cultura e as suas crenças religiosas. Elas não romperam com a tradição dos Catopês e nem com o patriarcalismo de que são vítimas. Mas abriram um novo leque para que as gerações vindouras possam tê-las como um bom exemplo, o de que mudanças são possíveis.

Nesse sentido, as mulheres de Pinhões conseguiram dizer-nos, através de suas ações, que mudanças são possíveis.

Visto pelo campo do possível, não há como negar que a criação do Congo do Divino fez remanescer a festa do Divino Espírito Santo da Comunidade. De acordo com os depoimentos das entrevistadas, a festa existia e durou muito tempo. No entanto, devido às mudanças de ordem religiosa, alguns representantes da Igreja Católica não incentivavam a festa. Por outro lado, com novas mudanças, novos religiosos assumiram a responsabilidade pela comunidade e voltaram a reerguer a festa do Divino. Indiscutivelmente, a nova Irmandade do Congo do Divino é a responsável pelo sucesso da festa.

O valor que as mulheres de Pinhões dão ao Congado e à festa nos faz refletir acerca do fato de que a natureza humana precisa dessa vivência cultural, do sagrado e do profano. A ambiguidade faz parte da complexidade humana. Abrir um Reinado é abrir-se ao campo do possível. É construir o imaginário e vivê-lo intensamente. Devotas do Divino de Nossa Senhora do Rosário são crianças, jovens e adultos. Cantam, tocam e dançam a vida: se constituem, vivem e persistem.

Pode-se dizer, assim, que a presença de adultos no Congo do Divino é maior, comparando-se com o número de crianças e adolescentes (Quadro1, p. 18). É possível, então, repensar o Congado como prática educativa, principalmente porque, apesar da Lei federal 10.639/03, que torna obrigatório o ensino sobre História e cultura Afro-Brasileira nas escolas de níveis fundamental e médio, oficiais e particulares, ainda existe pouco incentivo para se conhecer o Congado. No caso de Pinhões ainda existe uma polêmica: apesar de viverem o Congado, na própria Comunidade, ainda assim há o desinteresse de incentivá-lo – mesmo que os congadeiros o incentivem – devido a questões de “diferenças” religiosas, principalmente dentro das escolas.

Além disso, o Congado traz em si um universo riquíssimo de grande potencialidade cultural e histórica. Atingir esse objetivo, mesmo com o apoio da Lei federal é algo difícil, mas, se a comunidade de Pinhões persistir em seus propósitos, haverá uma boa chance das crianças e jovens conhecerem o Congado, independentemente se serão iniciados nele ou não.

Hoje, as crianças estão sendo incentivadas para participarem do Congado e algumas já estão sendo iniciadas. Sempre existiu uma preocupação entre as congadeiras e os congadeiros sobre a questão de um dia o Congado acabar, não mais existir. A segunda Capitã, Aparecida Evangelista, do Congo do Divino, apresenta-nos essa preocupação:

A gente sempre quis e continua querendo que esse Congado não acabe, que cada dia entre mais gente. A gente incentiva...Eu tive duas meninas, se fosse menino, seria mais dois Catopês. Aí tem meu marido, incentivo meus sobrinhos, primos de tá participando né e sempre assim o Congado cresce mais, porque sempre entra mais

gente, crianças e jovens para não acabar, incentivo muito. (EVANGELISTA, 2015, Segunda Capitã, Entrevista 3).⁸⁴

Para a entrevistada, a esperança é que o Congado não acabe. Mas “enquanto houver uma criança com a alma de um congadeiro o Congado não deixará de existir”. (Guerino, Mestre da Guarda dos Catopês, 2015). O que acontece hoje é que, principalmente depois da criação do Congado das mulheres, muitas crianças estão sendo incentivadas a participarem do Congado. A partir dessa situação, uma lacuna se abre por esta pesquisa, representada pelo seguinte questionamento: educar as crianças pela prática religiosa e cultural do Congado pode ser possível?

Quando essa pesquisa propôs estudar o Congado do Divino Espírito Santo de Nossa Senhora do Rosário, aqui definido como religião em sua dinâmica festiva, ritualística e cultural, não era possível mensurar o resultado no qual iríamos chegar. E, apesar disso, analisar toda essa prática religiosa presente no Congado foi um convite à reflexão e ao nosso jeito de também estar e viver no mundo.

Nesse sentido, essa pesquisa procurou “romper” a barreira entre o campo de pesquisa e a academia, acreditando que esse diálogo tornar-se-ia possível. Essa busca implicou refletir a tendência patriarcal de uma comunidade e considerar novas tendências a partir da sua reflexão.

Assim, é possível afirmar que as mulheres de Pinhões criaram a Guarda do Congo do Divino Espírito Santo de Nossa Senhora do Rosário, abrindo seu Reinado na festa do Divino Espírito Santo. E a partir de suas estreias em 08 de junho de 2014, hoje seguem os rituais de abertura e fechamento de um Reinado que se dá anualmente. E desde 2014 elas têm feito isso. Como disse o pároco da Comunidade “essa Guarda é uma criança que acaba de nascer”. Sim, são como quase todas as crianças, que um dia crescem e se fortalecem. Elas passaram por dificuldades, preconceitos e por pequenas tensões e pequenos conflitos. Hoje, pelas ruas de Pinhões ouvimos vozes que ecoam dizendo com alegria: “SALVE MARIA”, e, utilizando a frase da autora Dalva Soares (2009), pode-se dizer: “*SALVE MARIA (S)*”: *Salve as mulheres de Pinhões*.

Assim, ao finalizar esse estudo, cumpriu-se mais um ritual de passagem, como diria Van Gennep. Por fim, como nos rituais do Congado, onde há um momento de abertura e fechamento do Reinado, por hora “fecho” essa pesquisa e espero que ela possa trazer

⁸⁴ Entrevista realizada pela autora, 2015.

contribuições para buscas futuras. E, como toda festa do Congado, “nem bem termina uma, já se prepara para outra...”

*Vou fechar meu Reinado agora
Vou fechar meu Reinado agora
Com Deus e Nossa Senhora
Vou fechar meu Reinado Agora*

(Canto Tradicional de fechamento do Reinado)

REFERÊNCIAS

- ALVES, Vânia de Fátima Noronha. **Os festejos do reinado de Nossa Senhora do Rosário de Belo Horizonte/MG**: práticas simbólicas e educativas. 2008. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <file:///C:/Users/LELE/Downloads/Vania_de_Fatima_Noronha_Alves.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2009.
- ALVES, Vânia de Fátima Noronha. A festa como mobilidade social. In: CONGRESO NACIONAL DE RECREACIÓN, 10. 2008, Bogotá. **Anais...** Bogotá: Fundación Latino Americana de Tiempo Libre y Recreación, 2008. Disponível em: < <http://www.redcreacion.org/documentos/congreso10/VNoronha.html> >. Acesso em: 01 jun. 2009.
- ALVES, Vânia de Fátima Noronha. Teorizando a festa. In: SEMINÁRIO O LAZER EM DEBATE, 10, 2009, Belo Horizonte. **Coletânea...** Belo Horizonte: UFMG/DEF/CELAR, 2009. p.22-26.
- ARAÚJO, Guido de Oliveira. Garimpando a mulher do povo: a mulher no século XVIII em Minas Gerais. **Revista Comissão Mineira do Folclore**, Belo Horizonte, n. 27, ed. esp., p.18-22, 2014.
- BARBOSA, Joana D'Arc da Conceição. **Entrevista: Joana D'Arc da Conceição Barbosa**, 2015. Entrevista concedida a Sandra Helena Barroso. Santa Luzia, 2015 (inédito).
- BARROSO, Sandra Helena. **A festa de Nossa Senhora do Rosário de Pinhões/MG**. 2009. 68f. Monografia (Especialização) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.
- BARROSO, Sandra Helena. **Encontro com as mulheres do Congo do Divino Espírito Santo de Pinhões/MG**. Santa Luzia, 2015. 1 DVD (60 min.).
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BERGER, Peter. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulus, 1985.
- BERKENBROCK, Volney. O candomblé. In: BERKENBROCH, Volney. **A experiência dos Orixás: um estudo sobre a experiência religiosa no Candomblé**: Petrópolis: Vozes, 1998. p. 176-220.
- BOURDIEU, Pierre. Sobre o poder simbólico. In: BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p. 1-16.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BRASIL. Lei nº10.639 de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 10 jan. 2003.

CALLOIS, Roger. **O homem e o sagrado**. Lisboa: Edições 70,1988.

CARVALHO, Maria G. G. **Entrevista**: Maria G. G. Carvalho, 2015. Entrevista concedida a Sandra Helena Barroso. Santa Luzia, 2015 (inédito).

CARVALHO, Maria G. G. **História do congado de Pinhões**. Santa Luzia: Edição da autora, 1997.

DAMATTA, Roberto. Apresentação. In: VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem**.4.ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 9-20.

DAMATTA. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.

DAMATTA. **O que faz o brasil, Brasil?**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DEMO, Pedro. **Pesquisa participante**: saber pensar e intervir juntos. Brasília: Liber Livro, 2008.

DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DUVIGNAUD, Jean. **Festas e civilizações**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

EVANGELISTA, Aparecida dos Santos C. **Entrevista**: Aparecida dos Santos C. Evangelista, 2015. Entrevista concedida a Sandra Helena Barroso. Santa Luzia, 2015 (inédito).

GEBARA, Ivone. **Poder e não poder das mulheres**. São Paulo: Edições Paulinas, 1991. P.5-43.

GEBARA, Ivone. **A mobilidade da senzala feminina**: mulheres nordestinas, vida melhor e feminismo. São Paulo: Paulinas, 2000a.

GEBARA, Ivone. **Rompendo o silêncio**: uma fenomenologia feminista do mal. Petrópolis: Vozes, 2000b.

GOELLNER, Silvana V. Gênero. In: GOMES, Christianne (org). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 97-100.

GÓIS, Aurino José. As religiões de matrizes africanas: o candomblé, seu espaço e sistema religioso. **Horizonte**, Belo Horizonte, v.11, n. 29, p.321-352, jan./mar.2013.

GOMES, Núbia P. de M. e. PEREIRA, Edmilson de A. **Negras raízes mineiras**: os Arturos. Juiz de Fora: Ministério da Cultura/EDUFJF, 1988.

GOMES, Maria Luiza. **Entrevista:** Maria Luiza Gomes, 2015. Entrevista concedida a Sandra Helena Barroso. Santa Luzia, 2015 (inédito).

GONÇALVES, José Reginaldo Santos; CONTINS, Márcia. Entre o Divino e os homens: a arte nas festas do Divino Espírito Santo. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, Ano 14, n. 29, p. 67-94, jan./jun. 2008.

GONÇALVES, Vanda dos Santos. **A bem-aventurada Macaúbas**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2014.

GONZÁLES REY, F. Diferentes aproximaciones a la investigación cualitativa: sus fundamentos epistemológicos. In: GONZÁLES REY, F. **La investigación cualitativa e psicología: rumbos y desafíos**. São Paulo: EDUC, 1999. p.184.

GONZÁLES REY, F. **Sujeito e subjetividade**: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Thomson, 2003.

GUIMARÃES, Airton. **Minas é uma festa**. Belo Horizonte: Rona Editora, 2011.

INSTITUTO DE ARTE E CULTURA YORUBÁ. **O instituto. 2013. Disponível em:** <<http://institutoyoruba.nigeriabrazil.org/o-instituto/>>. Acesso em: 10 set. 2015.

LAVE Jean; WENGER, Etienne. **Aprendizaje situado**: participación periférica legítima. México: Universidad Nacional Autónoma de México, c2003. p. 1-103.

LIBÂNIO, João. **Eu creio, nós cremos**: tratado de fé. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

LIBÂNIO, João. **Fé**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

LIBÂNIO, João. **A religião no início do milênio**. São Paulo: Loyola, 2011.

LIMA, Aparecida de Jesus. **Entrevista:** Aparecida de Jesus Lima, 2015. Entrevista concedida a Sandra Helena Barroso. Santa Luzia, 2015 (inédito).

LIMA, Marlon. **Entrevista:** Marlon Lima, 2015. Entrevista concedida a Sandra Helena Barroso. Santa Luzia, 2015 (inédito).

LUCAS, Glaura. **Os sons do rosário**: o congado mineiro dos Arturos e Jatobá. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

LUIZ, Antônio Filardi. **Dicionário de expressões latinas**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MELLO, Cleyr Vaz de. **Mosteiro de Nossa Senhora da Conceição de Macaúbas**: cronologia: 1708/1994. Santa Luzia: Mosteiro de Nossa Senhora da Conceição de Macaúbas, 2014.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

NOLASCO, Nolasco. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995. p.13-97.

OLIVEIRA, Rosângela Paulino de. Candombe e o culto aos antepassados. In: CONGRESSO LUSO AFRO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 11, 2011, Salvador. **Diversidade e (Des) igualdades**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2011.

PASCOA, Maria Rosalina da. **Entrevista:** Maria Rosalina da Pascoa, 2015. Entrevista concedida a Sandra Helena Barroso. Santa Luzia, 2015 (inédito).

PEREIRA, Edmilson de Almeida. Congado: rosário de muitas fés. In: PEREIRA, Edmilson. **Os tambores estão frios**: herança cultural e sincretismo religioso no ritual de Candombe. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2005. p.446-474.

PEREZ, Léa Freitas. Antropologia das efervescências coletivas. In: PASSOS, Mauro (Org.). **A festa na vida**: significado e imagens. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p.15-58.

PEREZ, Léa Freitas. Do lazer à festa: em questão o solo epistêmico da modernidade ocidental. **LICERE**, Belo Horizonte, v.12, n. 2, jun. 2009. p. 1-15.

PEREZ, Léa Freitas; MARTINS, Marcos da Costa; GOMES, Rafael Barros (Org.). **Variações sobre o reinado**: um rosário de experiências em louvor a Maria. Porto Alegre: Medianiz, 2014.

RODOLPHO, Adriane Luisa. Rituais, ritos de passagem e de iniciação: uma revisão bibliográfica antropológica. **Estudos Teológicos**, v.44, n.2, p. 138-146, 2004.

SCHERZBERG, Lucia. **Pecado e graça na teologia feminista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p.86-88.

SCHULTZ, Adilson. Estrutura teológica do imaginário religioso brasileiro. In: BOBSIN, Oneide et al. (Org.). **Uma religião chamada Brasil**: estudos sobre religião e contexto brasileiro. São Leopoldo: Oikos, 2012. p. 29-62.

SCHULTZ, Adilson. **Mito rito, símbolo**: categorias fundamentais das Ciências da Religião. Anotações para aula. 02 de setembro de 2014.

SILVA, Rubens da. Em nome da Mãe. In: PEREZ, Léa Freitas; Martins, Marcos da Costa; GOMES, Rafael Barros. (Org.) **Variações sobre o reinado**: um rosário de experiências em louvor a Maria. Porto Alegre: Medianiz, 2014.

SOARES, Dalva Maria. LOPES, Maria de Fátima. De capitão a capitã: a inserção das mulheres em espaços tradicionalmente masculinos no congado mineiro. **Fazendo Gênero 8 – corpo, violência e poder**. Florianópolis, 25 a 28 de agosto de 2008.

SOARES, Dalva Maria. **Salve Maria (s)**: mulheres na tradição do congado em Belo Horizonte, MG. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2009.

SOARES, Dalva Maria; LOPES, Maria de Fátima. Gênero e poder na festa de Nossa Senhora do Rosário, em Belo Horizonte. XI CONGRESSO LUSO AFRO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS. **Diversidades e (Des) Igualdades**. Salvador, Universidade Federal da Bahia, 07 a 10 de agosto de 2011.

STEIN, Edith. **A mulher**: sua missão segundo a natureza e a graça. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

TELES, Simone Maria. **Entrevista:** Simone Maria Teles, 2015. Entrevista concedida a Sandra Helena Barroso. Santa Luzia, 2015 (inédito).

VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem.** Petrópolis, Vozes, 2013.

VILARINO, Marcelo de A. D'África ao Brasil: elementos hi[e]stóricos do congado belo horizontal. In: PEREZ, Léa Freitas; MARTINS, Marcos da Costa; GOMES, Rafael Barros (Org.). **Variações sobre o reinado:** um rosário de experiências em louvor a Maria. Porto Alegre: Medianiz, 2014. p.83-100.

ZALUAR, Alba. **Os homens de Deus:** um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

WHITMONT, Edward. **O retorno da Deusa.** São Paulo: Summus, 1991.

APÊNDICE A - Roteiro das Entrevistas

(Pessoas adultas)

Entrevistas semi-estruturadas

Sobre a guarda:

1. Qual o nome da guarda e o porquê do nome?
2. Quantos componentes?
3. Qual o motivo que a (o) levou a fundar a guarda?
4. Você teve influências de outras pessoas, quando pensou em criar essa guarda?

Sobre a função da congadeira: Guarda do Rosário e Guarda do Divino

5. Qual era a sua função na festa do Rosário? E hoje, qual é sua função no Congado do Divino? Mudou alguma coisa para você? O que?
6. Você tinha vontade de ser cantante e dançante no Congado dos Catopês? Tinha alguma coisa que impedia você de participar?
7. Você acha que com a criação do Congado feminino, teve interferência no Congado dos Catopês? Mudou alguma coisa?
8. Por que os Catopês não aceitam mulheres no Congado? Qual a sua opinião?

Sobre a vida cotidiana da congadeira :

9. Com a sua participação no Congado, você acha que mudou alguma coisa em sua vida diária? O que?
10. Em sua opinião qual o valor cultural que o Congado feminino tem para a comunidade?
11. Você considera que o Congado tenha algum significado religioso?
12. O que sente quando está dançando e cantando?

Sobre a importância da festa na vida da congadeira:

13. Como você vive a festa do Divino? Fale sobre ela, sobre o batismo, a estreia.
14. A festa é importante para você? E para a comunidade? Por quê?
15. Qual é o papel de Nossa Senhora do Rosário e do Divino Espírito Santo em sua vida?
16. Qual é a relação dos Catopês com o Congado feminino?

Sobre a questão religiosa do Congado

17. Como é a mulher que participa do Congado? Que mulher é essa?

18. Como você descreve sua vida de fé?
19. Qual é a relação do Congado com o candomblé e com o catolicismo?
20. Qual o significado da criação do Congado feminino para a tradição do Congado de Pinhões?

Roteiro das Entrevistas (criança/adolescente)

Entrevistas semiestruturadas

Sobre a guarda:

1. Você sabe por que o nome da guarda é Congo do Divino?
2. Você sabe quantas pessoas tem na guarda?
3. Você sabe por que motivo foi criado o Congo do Divino?
4. Você já participou do Congado na festa do Rosário? Como você participou?
5. Como você participa no Congado do Divino? Mudou alguma coisa em sua vida?
6. Você tem vontade de cantar e dançar no Congado dos Catopês? Por qual motivo? Tem alguma coisa que impeça você de participar?
7. O que significa para você cantar e dançar no Congado?
8. Você sabe por que os catopês não aceitam meninas no Congado? Tem algum motivo? Qual?
9. Você gosta de ficar em casa? E do Congado você gosta?
10. Quando você participa do Congado, muda alguma coisa em sua casa, em sua escola?
11. Como foi a estreia da guarda na festa do Divino? E sobre o batismo da guarda? Fale sobre ela.
12. Você acha que os meninos do Congado dos Catopês gostam do Congado das meninas? Você acha que é bom para Pinhões?

APÊNDICE B - Redação

COMUNIDADE DE PINHÕES/Integrantes do Congado do Divino TEMA: SER MULHER

1. Primeira

ser mulher, É não deixar que homens nenhum nos humilhe e ache que somos incapazes. temos que mostra que podemos caminhar de cabeça erguida conquistando nossos próprios objetivos e nos defender de qualquer tipos de preconceitos, violência sexuais e agressões. Gostamos de ser valorizadas, sentir-nos belas, amadas e respeitadas. porque temos a dignidade de ser mulher, não frágil, mas fortes e determinadas. Ser mulher mais ainda é fazer parte da comunidade de pinhões, mulheres guerreiras, batalhadoras, e que não tem medo de nenhum tipo de trabalho. Eu gosto de ser mulher pois o autor da vida nasceu de uma mulher que se chama Maria Santissima.

Entrevistada: Marilene de L. B. Carvalho - Maio de 2015.

2. Segunda

‘Ser mulher È ser meiga, doce, mãe, professora, médica, enfermeira etc. As vezes ouvimos dizer que somos o sexo frágil, mas só nós sabemos o quanto isso é falso pois fortaleza é o que não nos falta, para lutar neste mundo em que vivemos ajudando na criação e estudo dos filhos trabalhando fora principalmente, para nós que moramos tão longe do trabalho saindo cedo por isso é que não somos mesmo frágeis.

Entrevistada: Maria de Lourdes (Luca.) - Maio de 2015

3. Terceira

O que é ser mulher, é ser guerreira, valente, vaidosa. È saber que na simplicidade do singelo que dos lábios da mulher menina aparecem, define a grande mulher que sou. Mulher é aquela no abraço amigo que sempre está a dar, conduz o amor que só a mulher sabe dar.

Quando ao congado entrei, de mim saiu a força do congo que dá qual pertença, mim faz brilhar com a luz que o divino ressoa e ilumina o caminhono qual passo, levando a fé a força a esperança, que ecoa nos cantos que canto e encanto a todos. Sou mulher, sou menina, sou do congo do Divino, Viva o congado, viva a linda mulher que sou.

Entrevistada: Simone Maria Teles. Julho de 2015.

APÊNDICE C – Transcrição da entrevista de número 2

Nome da entrevistada: Maria Rosalina da Páscoa

Local: Pinhões/ Santa Luzia/Minas Gerais

Casa da Entrevistada

Data da entrevista: 04/09/2015

Sobre a função da congadeira: Guarda do Rosário e Guarda do Divino

e) Qual era a sua função no Congado do Rosário?

Nenhuma, só acompanhante, simpatizante.

f) E hoje, qual é sua função no Congado do Divino?

Hoje minha função é capitã do Congado, capitã regente.

g) Mudou alguma coisa para você? O que?

Mudou né, porque minha vida é bem movimentada agora. Saio muito. É mais difícil me achar em casa.

h) Você tinha vontade de participar do congado dos Catopês?

Muita! Muita! Ah! Achava bonito, eu vi outros congados com mulheres e então achei interessante.

i) Tinha alguma coisa que impedia você de participar?

Impedimento aqui é que o Congado catopé, a tradição deles, eles não aceitam.

j) Você acha que criando o congado feminino, teve interferência no congado dos catopês? Acho que não. A gente sabe respeitar. Quando a gente participa junto, nós sabemos respeitá-los.

k) Mudou alguma coisa?

Ah! Mudou, porque a festa do Divino né, ficou mais bonita com o Congado.

(O Congado feminino foi incentivo ou não para os Catopês?)

Eu acho que sim. Eu acho que depois que criou o congado feminino os catopês ficaram mais ... arregalaram mais os olhos... eles estavam bem devagar. Era um povo praticamente sem compromisso. Isso aí os mestres me falou: “Marca ensaio, eles não vão! Nosso congado está indo também para esse caminho. Às vezes aparece só no dia que tem uma grande festa. Se marca um ensaio, o pessoal não vai. Fala assim: “Vamos sair. Todo mundo vai. Marca uma reunião se não puder aparecer dá uma satisfação aos capitães da guarda. Com a criação do congado feminino, eles começaram a querer caminhar certinho. Ficaram mais alertados.

l) Por que os catopês não aceitam mulheres no congado? Qual sua opinião?

Ah! Eu acho que são os antigos né, eles continuam com a mesma opinião das pessoas antigas, que não aceitavam que mulher participasse do Congado junto com eles.

m) Com a sua participação no Congado, você acha que mudou alguma coisa em sua vida diária? O que?

Acho que mudou bastante viu! Como te falei no princípio né, a gente sai muito, é a coisa que eu gosto. A gente tá sempre saindo, sempre conhecendo novos lugares, então mudou bastante.

n) Na sua opinião qual o valor cultural que o congado feminino tem para a comunidade?

Cultural?...Ah! eu não sei, eu...meu modo de pensar, acho que foi uma novidade aqui pra lugar. Que é uma comunidade pequena, nunca teve. Nunca aceitava outros congados, sem ser o catopé. O catopé não aceitava outros congados junto com eles. Então aqui eu acho que pra lugar que é um lugar pequenininho. Então foi uma novidade grande, o povo gostou, achou bonito e tá sendo bem aceito.

o) Você considera que o Congado tenha algum significado religioso?

Prá mim tem...Apesar que muita gente acha...que nós somos citados como se fôssemos umbandistas né! (risos). O pessoal fala, infelizmente, o pessoal fala aí que a gente tá fazendo macumba, é... eu não acho, eu num sinto isso!

(O que é fazer macumba?)

Uai, eu não sei. Eu acho que macumba no meu modo de pensar é fazer coisa ruim pros outro, não é o que a gente tá fazendo. Que a gente está, nós estamos louvando Nossa Senhora, louvando o Divino Espírito Santo...então num considero macumba de jeito nenhum! Prá mim é uma religião, é um louvor a Maria! As pessoas...pessoas do próprio lugar falam, algumas né, não vamos generalizar. Algumas pessoas do lugar falam que... aquelas pessoas que não simpatizaram ainda né...porque de repente às vezes tinha vontade de tá lá, mas não tem corage! Que tem o tal problema quando foi criado o congado de muita gente achar que era vergonhoso. Certas pessoas até falou: nossa... a gente vai passa vergonha! Os outros vai ri de nós! Não sei! Cabeça do ser humano é difícil!

p) O que sente quando está dançando e cantando?

Nossa ... até difícil de te explicar. O que sinto? Sinto tudo: emoção, sinto alegria, sinto prazer em tá cantando, louvando

q) Como você vive a festa do Divino?

A festa do Divino prá mim sempre foi uma festa linda, mas com a criação da guarda, achei que ela ficou mais bonita ainda.

r) Fale sobre ela, sobre o batismo, a estreia.

E o batismo... foi assim: uma coisa assim que eu...difícil até de te explicar. Porque na hora dei até uma travada. Eu não entendia, o porquê... por que ainda tou caminhando... Sou bem novinha ainda nesse assunto de congado que não dá para entender o que é! Algumas coisas que a gente sente durante a hora que você está cantando! Às vezes a gente se sente, às vezes tremer, né?! Igual a gente que é capitã, alí na hora que você tá lá cantando, a gente tem muita emoção! Que na hora lá a gente começa a tremer né!? Dependendo do que cê tá cantando, você treme. Quê... num sei... eu acho que eu levo o congado muito a sério, num tou alí só para aparecer. Num quero só aparecer pro povo, num quero dançar bonito prá chamar atenção do outro. Eu quando estou participando da festa do Divino, eu tou com meu coração, com minha alma, com muito amor. Então eu acho que a festa ficou mais bonita com a participação da guarda.

A estreia foi maravilhosa. A estreia durante a semana inteira eu fiquei super depressiva, ansiosa, tive que procurar até médico de tanta ansiedade. De medo, tudo. Tava com medo de num dá conta, de num saber conduzir; apesar de saber que não era só eu que estava ali. Mas eu tava me sentindo que eu tinha responsabilidade. Então durante a semana fiquei ansiosíssima, chamei até o capitão Marlon, né, conversei com ele muito, falei: Ah! Tou muito ansiosa, tou com medo, com medo de num dá certo? Ah! Mais foi muito bom! Graças a Deus, na hora lá da consagração eu dei uma travada. Mas graças a Deus eu consegui! Que na hora fugiu, o que eu tinha que responder na hora deu uma fugida. Mas rapidamente voltou. Na hora ele olhou pra mim e falou comigo: “fala”(capitão da guarda), eu lembrei o que eu tinha que falar.

s) A festa é importante para você? E para a comunidade? Por quê?

Muito. Muito, muito, muito. Já era importante né. Mas acho que a festa do Divino é importante. É o Divino Espírito Santo. Igual aqui na comunidade a gente tem a festa de Nossa Senhora do Rosário, mas tínhamos também o do Divino. Aí teve uma época que chegou um padre e acabou com a festa do Divino. Tinha antes há muitos anos atrás. Assim: Era uma festa grande como a de Nossa Senhora do Rosário. Mas, aí chegou...vai mudando os padres, eles vão acabando. E falaram que não podia ter duas festas grandes na mesma comunidade. Como aqui a padroeira é Nossa Senhora do Rosário, então cada comunidade tem que ter somente uma festa grande. E já tínhamos a de Nossa Senhora do Rosário. Aí esse padre saiu, voltou outro e tornaram a levantar a festa. As duas festas na comunidade acho muito bom, movimento. É um meio de levar muita gente às vezes que não vai a igreja diariamente. Esse dia de festa é o dia que eles saem. Que eles vão as festas, principalmente essas pessoas mais velhas que não vão a missa todo final de semana, então acho que na festa todo mundo sai de casa. Então é bom rever as pessoas que há muito tempo não via, Pessoas que já morou e não moram mais e aí fica sabendo da festa e vem pra festa. Então acho que é muito bom ter duas festas.

t) Qual é o papel de Nossa Senhora do Rosário e do Divino na sua vida?

Nossa Senhora do Rosário é minha mãezinha né! Nossa mãezinha e tenho muita honra em louvar ela. A gente não adora santo, mas a gente sabe respeitá, né!? Então, respeito ela muito como minha mãezinha. E o Divino Espírito Santo acima de tudo né!? Pai, Filho e Divino Espírito Santo. Então acho...as três pessoas da Santíssima Trindade.

Nossa Senhora do Rosário...Nossa Senhora do Rosário é uma só né?! É uma só, mãe de Jesus, com vários títulos. E prá nós aqui, a gente louva a Nossa Senhora do Rosário, mas que se

torna a mesma pessoa. O louvor é aos dois. A nossa Guarda é do Divino Espírito Santo de Nossa Senhora do Rosário.

u) Qual é a relação dos Catopês com o Congado feminino?

Praticamente quase nada. Acho que ainda tem um pouquinho de resistência. Tem um pouquinho de resistência assim, para unir os dois. Resistência por parte do Catopê. Acho que eles tem um pouquinho assim de... acho que a gente vai chegar ainda de participar junto mais em apresentações. Mas por enquanto eu acho que eles ainda tão meio com o pé atrás. Num sei... não posso falar todos... Mas igual o Guerino mesmo. O Sidney é mais light né!? O Guerino é mais rigoroso. Num sei a cabeça dele. Porque igual eu te falei: na festa a gente... o Marlon me pediu, talvez foi um vacilo nosso também de não ter colocado eles no programa da festa prá eles participarem com a gente na festa do Divino. Aí o que que acontece? Então fica assim: Ah?! Vocês não vão participar? “ Ah!!! Nós não fomos convidados”. Aí, eu fui atrás... Marlon não convidou o Congado dos Catopês. No princípio eles falaram que não queria mistura com a gente. Na semana da festa eu fui na casa do Sidney aí conversei com ele. Falei assim: Vim aqui em nome do Marlon convidá-los para vocês participarem com a gente domingo.

v) Como é a mulher que participa do Congado? Que mulher é essa?

Huummm. Eu prá mim eu acho que nós somos guerreiras viu? (risos). Nós demos a cara a tapa. Apesar de muita gente achar, tipo assim: “Isso não vai dá certo”. Porque teve muito isso aqui! “Isso aí não vai dá certo não!” “Isso é fogo de palha!” Entendeu? É tipo assim: “vão ver como vai ser!” Uma pessoa falou: “o pessoal vai ri da gente!” Não sei se era dos trajes, num entendi o que que é que ia ri da gente né?! Ai...mas eu acho, eu me considero viu, de tá aí! Eu num tenho muito gingado né?! (risos). E tenho que ficar dançando ali no meio carregando uma espada. Eu acho que a gente é bastante guerreira! Eu me sinto. Me sinto bastante guerreira viu!

(O que sente a capitã ao carregar a espada?)

Sinto orgulhosa né! Bastante orgulhosa viu! Acho que muita gente tá coçando a canela, aí! Infelizmente tem disso né!

(Como se dá o processo para se tornar uma capitã? Te agradou?).

Fui eleita e nem queria aceitar. Me jogaram. Caí de para queda. Aí, eu gosto né, enquanto tou cantando, tá bom! Por enquanto! (risos). O que eu sei é só cantar.

(Qual é a responsabilidade da capitã?)

É isso que eu vou até procurar saber! Que eu ainda não sei totalmente. Que tem acontecido algumas coisinhas no meio da nossa Guarda... Então vou ter até que conversar com ele pra mim saber qual é a nossa função mesmo! Porque tem algumas pessoas infelizmente no Congado, que eu acho, num tá aceitando muito bem a gente, Eles acham, tipo assim, tem que dever respeito só a ele, ao Marlon. Então isso eu vou até sentar com ele para conversar, vou saber dele. Tava até conversando com as meninas. Eu já tive até vontade de sair fora do Congado. Porque a gente tá tendo um pouco de rejeição. Se você vai chamar atenção o pessoal não tá aceitando! Já ouvi piadinha assim: “se ela me chamar atenção eu vou responder ela mal, eu vou xingar! Não aceito que elas, não só a mim, eu e a Cida. “ Não aceito que elas me chamam atenção”, só aceitam Marlon. Vou até conversar com a Cida, prá gente sentar com ele, perguntar para ele: Qual que é a nossa função? É só pra ficar cantando? Beleza! Ou nós temos alguma autoridade com a Guarda? Nós podemos chegar perto de alguém que não tá legal e chamar atenção e elas nos respeitarem? Porque tá tendo esse problema! Tá tendo tipo assim: debate, tipo assim: Falar assim: “Sê num vai não!” Ela tão tomando decisão para sair. Sabe?! Então tá tendo esse probleminha aí! Que a gente tem que sabê ,ué!! Se a nossa função é só ficar lá, só para cantar, ótimo! Ele fica com a responsabilidade então de chamar atenção... chamar atenção né!!! Porque tem gente que quer fazer o que quer fazer!!!!

Ou a gente conserta isso aí onde está e se deixá onde está indo, vai ter problema. Tá levando para outro lado! Não sair só para os outros ver que as roupas estão bonita e está dançando bem! Acho que está faltando fé!

w) Como você descreve a sua vida de fé?

A minha vida de fé... eu falo até com Deus, que eu vivo pisando na bola. Tenho muita fé, mas ainda é pouca diante de tanta maravilha que Deus faz para mim e na minha vida. Então eu acho que a minha vida de fé tá meia pouquinha sabe! Tou precisando de ter um pouquinho a mais de fé. Peço sempre a Deus: aumentai a minha fé. Porque eu tenho... mas tá pouca. Diante das coisas que Deus me faz, a minha fé ainda tá pouca! Que cada vez que eu penso alguma coisa contra, tipo assim: Não vou fazer mais isso! Deus me mostra ao contrário. Deus tá sempre me mostrando..., me provando: “ não...não é ainda assim, você tá errada sabe?” Então eu acho que a minha fé tá precisando um pouco mais viu!

A minha vida de fé é essa né. Graças a Deus! Estou sempre presente na igreja. Tudo que eles precisam de mim, que está a meu alcance que eu possa ajudar, eu tou sempre lá. Se precisa de mim pruma leitura, tou sempre pronta. Se precisa de mim prum comentário, eu tou sempre pronta. Trabalho ajudando dízimo. Eu acho que minha parte da fé eu tento fazer da melhor maneira possível. Não deixo de ir na minha igreja porque tem um acontecimento. Primeiro vou na minha igreja, depois eu vou pras minhas coisas. Fica em segundo plano minhas outras coisas!

x) Qual é a relação do Congado com o Candomblé e com o Catolicismo?

Acho que tem com os dois: com o candomblé e com o catolicismo. Porque cada um enxerga de um jeito né?! Porque tem igual o Marlon explicou: que tem realmente os Congado que é mais tipo candomblé, né!? Num é nosso caso! Igual a Joana mesmo estava citando aquele dia: “Aqueles que usam aqueles cordões coloridos não são os mesmos”. Eles são mais do candomblé. E o nosso não. O catolicismo é do Rosário!

Acho que cada um tem sua crença né?! Eu não discrimino religião nenhuma. Acho que todo mundo tem direito a ter sua crença, todo mundo tem seu livre arbítrio prá viver. Vive do jeito que quer e acha que tem que ser né!? Então, cada um tem viver do jeito que acha que tá certo. Cada um pensa que tá certo. A minha é mais certa que a sua!? Não tem várias religiões? A pessoa chega perto de você e fala: “Ah! Porque a minha é assim...” Cada um quer por a deles melhor do que a dos outros.

O nosso Congado eu acho que é mais catolicismo. Apesar de como eu te falei, muita gente acha que é macumba. (risos). Num tem nada a ver né gente, num tem nada a ver com macumba. Principalmente quando a gente faz aquele círculo, a gente faz aquela abertura nas encruzilhadas e a gente não faz? A meia lua nas encruzilhadas. Isso aí para eles é o fim! Muita gente enxerga aquilo alí como se nós estivéssemos fazendo macumba. “Alí eles fazendo macumba”! Principalmente o povo que fica na rua.

y) Qual é o significado da criação do Congado feminino para a tradição do Congado de Pinhões?

Eu acho que o pessoal nunca imaginou que ia ter um Congado feminino aqui. Nunca! Acho que ninguém nunca imaginou. Tanto que quando falou que ia criar esse Congado, ninguém pôs fé né! Pouca gente que pôs fé que ia ter o Congado.

Então com a tradição aqui acho que não tem muito haver viu! Porque nunca teve, que foi criado agora. Inclusive esse negócio da gente ter terminado a festa na segunda feira... Porque muita gente, assim, muita gente não, algumas pessoas comentou comigo que não fazia sentido terminar a festa na segunda feira! Porque ele foi criado agora, ele não fazia parte da tradição daqui. E os daqui não! Os Catopês, a tradição era a vida inteira de terminar na segunda feira.

Só uma pessoa comentou:” não entendi o porque de terminar a festa na segunda feira porque esse Congado não é tradição. Esse Congado acabou de nascer.” Achou estranho o Congado seguindo a mesma tradição dos Catopês. Aí...vamos ver o ano que vem como vai ser. Se vai continuar terminando na segunda , porque teve uma repercussão muito grande. Na segunda parecia que teve mais gente. Eu não imaginava que ia descer tanta gente para nos acompanhar. Eu achei que a repercussão foi ótima. A igreja ficou lotada as oito horas da noite. Veio um Congado que nos prestigiou: O Congado Estrela do Oriente, lá do Bairro Tupi. Foi maravilhoso. “Vamos ver...Já comentou comigo que até onde vai este Congado!

Muita gente não está participando com fé. Só tá querendo aparecer. E isso não é bom! Não é bom.. Acho que tem que ser uma coisa feita com alegria. A dança do congo é uma dança alegre, é festiva, mas tem que ter limite! Tá meio sem limite! Se deixar do jeito que está indo, vai ter problema! O povo tá levando pro outro lado.

Outras questões que surgiram durante a entrevista:

Obs: Quem consagrou a Guarda?

Foi a Guarda de Nossa Senhora da Conceição de Itaguá de Brumadinho.

Por que especificamente essa Guarda?

Eu acredito que pelo fato de serem os pais do capitão Marlon...são dessa Guarda né?! E ele também é de lá também, ele também faz parte dessa Guarda, que é a Guarda de Moçambique. Então acho que...foi aí que ele teve essa vontade de chama-los para serem os nossos padrinhos... a madrinha da Guarda.

Houve alguma influência do coordenador da Guarda para criar o Congado ou vocês decidiram criar a Guarda por vocês mesmas?

Bom. A gente... algumas pessoas aqui tinha muita vontade de participar como eu. E ele chegou aqui na comunidade, por um acaso o padre comentou que ele tinha vontade de criar uma Guarda, que ele tentou fazer lá em Brumadinho. Ele não conseguiu fundar essa Guarda lá. Teve alguns obstáculos lá que ele não conseguiu fundar a Guarda. E ele chegou aqui, ficou sabendo das mulheres aqui que tinham vontade de participar. Aí juntou o útil ao agradável. “Aí, quem quer participar?”. Aí o pessoal foi dando o nome. Foi a maior felicidade prá ele né?! Prá felicidade dele! A mãe dele comentou pra mim que era o sonho dele de fundar a Guarda. Mas como ele não teve essa chance lá em Brumadinho, chegou aqui, a gente abraçou a causa. Ele jogou a rede e pegou os peixinhos!

APÊNDICE D – Transcrição da entrevista de número 5

Nome da entrevistada: Joana D'Arc da Conceição Barbosa

Local: Pinhões/ Santa Luzia/Minas Gerais

Casa da entrevistada

Data da entrevista: 03/09/2015

- a) Qual era a sua função na festa do Rosário?

Eu era ministra de eucaristia e ajudava a arrumar o palco pra festa do Rosário.

- b) E hoje, qual é sua função no Congado do Divino?

Eu danço , canto e respondo à capitã

- c) Mudou alguma coisa para você? O que?

Mudou muito, na participação da festa, a responsabilidade aumentou, na minha vida pessoal também mudou muita coisa. Sinto mais importante.

- d) Você tinha vontade de ser cantante e dançante no Congado dos Catopês?

Tinha porque eu acho bonito e emocionante.

- e) Tinha alguma coisa que impedia você de participar?

Tinha, a tradição. Disse que não podia entrar mulher. Eles falava que mulher não podia participar do Congado.

- f) Você acha que com a criação do Congado feminino, teve interferência no Congado dos Catopês? Mudou alguma coisa?

Interferiu para melhorar, porque eu acho que agora eles estão procurando organizar mais, fazer mais ensaios, os jovens tão aprendendo a cantar, a responder o mestre... para ficar bonito.

- g) Por que os Catopês não aceitam mulheres no Congado? Qual a sua opinião?

Porque é tradição.

- h) Com a sua participação no Congado, você acha que mudou alguma coisa em sua vida diária? O que?

Mudou muita coisa, os valores, a responsabilidade aumentou, dá mais valor as pequenas coisas, não discriminar, muita coisa mudou em minha vida.

- i) Em sua opinião qual o valor cultural que o Congado feminino tem para a comunidade?

Muita coisa, muita coisa boa, muita emoção, eu choro, meu corpo arrupeia, eu fico muito feliz, muita maravilhada, andando pelas ruas, pessoas aplaudem, falam que tá bonito.

- j) Você considera que o Congado tenha algum significado religioso?

Sim. Nós temos muito incentivo de todos os padres que eu conheço, incentiva a gente com o Congado.

- k) O que sente quando está dançando e cantando?

Sinto muito emocionada, muito feliz, linda... maravilhosa!

- l) Como você vive a festa do Divino? Fale sobre ela, sobre o batismo, a estreia.

Nossa foi muita...os preparativos...muitos ensaios todo final de semana, quarta feira ensaiava.

A festa, a data da festa...dia 08 de junho, data muito difícil para mim. Porque de manhã eu ainda estava dormindo, quando o telefone tocou falando que minha sogra tinha falecido. Aí eu pensei, eu vou para casa dela ou... se eu for para casa dela eu vou perder a consagração da Guarda. Ai eu perguntei Maurinho, falei assim o que eu faço. Ele falou assim: "não sei". Eu falei assim, o que eu pude fazer prá ela em vida eu já fiz, então eu vou para a consagração da Guarda, eu vou prá Igreja. É lá que vou pegar força hoje para enfrentar o dia. Tomei meu banho, peguei minha roupa coloquei numa sacola e fui para a Igreja. Quando eu cheguei lá, Marlon encontrou comigo e falou comigo assim: Ô Joana sê não quiser ficar, sê pode ir. Eu falei assim: ô Marlon eu não vou, lá não nada que eu possa para fazer. Eu vou ficar na consagração. Fiquei, me arrumei, troquei de roupa, arrumei, aí começou a consagração, foi muito bonito, eu chorei o tempo todo, mas o Divino Espírito Santo me deu força. Eu dançei cantei o dia todo com muita fé sentindo realmente a presença do Espírito Santo. Quando a festa terminou, eu tomei meu banho de novo e fui para o velório. Chegou lá eu fiquei com muita força, muito forte e tudo foi obra do Divino Espírito Santo. Eu devo isso tudo a ele. Ele que governa as nossas vidas, governa todo mundo. Na hora que a gente pensa que a gente não vai dá conta é a hora que a gente tá mais forte. Obra do Divino Espírito Santo.

m) A festa é importante para você?

A festa é muito importante, é o dia de pentecostes, é o dia que Jesus soprou o espírito sobre os apóstolos. Então representa muita coisa pra gente. Foi muito bonito a festa. A corte ficou maravilhosa.

n) E para a comunidade?

Todos os anos a festa é muito bonita na nossa comunidade, toda vida teve a corte com o Imperador e Imperatriz. Antes tinha banda de música, e agora nós temos a Guarda de Congo do Divino Espírito Santo e Nossa Senhora do Rosário.

o) Por quê?

Porque é o Divino Espírito Santo, ele é tudo na vida de todo mundo.

p) Qual é o papel de Nossa Senhora do Rosário e do Divino Espírito Santo em sua vida?

Tenho certeza absoluta que eles governa nossas vidas em todos os momentos.

q) Qual é a relação dos Catopês com o Congado feminino? Mudou alguma coisa?

Mudou...mudou, é... agora é uma família só...familiarizou. Ninguém tá com disputa, igual carnaval, pra um ficar mais bonito que o outro não. Nós vamos cantar bonito pra Nossa Senhora do Rosário. Todo mundo tem um incentivo só, um objetivo só...de fazer bonito pra Nossa Senhora do Rosário. Então a gente quer mudar de farda, né, fica estudando as cores das fardas, a gente nunca quer fazer o azul, pra não competir com eles, pra não atrapalhar eles. Porque eles é o branco e o azul, então a gente ficou com o vermelho e o branco pra não atrapalhar, mas...cada dia que passa tá mais bonito os dois. Aceitaram bem, há principio, eu fiquei sabendo por alto que Guerino não tinha aceitado por causa de tradição. Falou assim que Pinhões tinha que ter... criar o Catopê. Mas aí nós falamos: O Catopê disse que não aceita mulher, então nós não vamos criar o Catopê, vamos criar o Congo.

r) Como é a mulher que participa do Congado? Que mulher é essa?

Levar as bênçãos do Divino Espírito Santo. Eu acho assim que..Ah! .é tudo de bom, porque antigamente a mulher não era valorizada na sociedade e hoje no nosso Congado a maioria são mulheres, e nós andamos levando o divino espírito Santo nas casas, nas ruas.

s) Como você descreve sua vida de fé?

Há! minha fé é muito grande, eu vou à missa todos domingos, eu acredito em Jesus. Pra mim não tem outro igual. A minha fé , ela me dá suporte pra enfrentar as dificuldades, a falta de dinheiro, doença, morte, perda, tudo... O que me mantém em pé é a fé. Não adianta eu falar assim: Eu tenho fé, se aparecer uma dificuldade na minha vida, eu falo assim: Ah! eu não vou

fazer porque aconteceu isso comigo. Então a fé ela me mantém em pé e eu sei que toda dificuldade todo mundo tem, nós vamos nascer, a gente nasce, cresce e morre. Então é pela fé que a gente enfrenta tudo, todas as dificuldades, obstáculos, perdas, dívida, confrito, brigas na família que todo mundo tem. A fé me mantém em pé.

t) Qual é a relação do Congado com o candomblé e com o catolicismo?

Eu acho ...eu acho porque é tradição dos negros. Eu acho que é a raiz dos negros, nós somos descendentes dos escravos, então tudo foi criado por eles. O candomblé veio dos negros, o Congado também, então tudo tem ligação.

u) Qual o significado da criação do Congado feminino para a tradição do Congado de Pinhões?

Ele serviu de exemplo. Nós crescemos vendo os Catopês, e a gente não podiam dançar, e todas as mulheres de Pinhões queriam dançar e as que tiveram coragem estão na Guarda de Congo.

Fortaleceu Pinhões. [...] Mas na realidade mesmo, é bem na católica mesmo, catolicismo mesmo, bem na fé, que o Capitão, a gente sempre pede pela fé, nós vamos pela fé. Melhorou muita coisa.

[Está sendo aceito pela comunidade?]

Tá tendo assim... é ...por algumas pessoas sim, por outras não. Aquelas pessoas que tem a mente pequena e não quer abrir. Eu sou leiga também no assunto, mas a gente tem que tá sempre aberta aprender, né. Não é vergonha mudar de ideia, vergonha é não ter ideia para mudar. Então a gente tem que aprender e aceitar as coisas do lugar. E tem muita gente que...já me falaram domingo também igual eu te contei que Congado é macumba pura, que Congado é muito feio. Eu falei, não tem importância sê macumba que eu tô lá dentro da macumba também. Então eu acho muito bonito e deixo de lado as opiniões.

[O que você entende pela palavra macumba?]

Eu não entendo, para falar a verdade com você, eu não entendo. E as pessoas que falam também da macumba, também não entendem. Eu acho que isso tudo é um preconceito. Eu...a minha família, papai é benzedor, papai ele é espírita, ele acredita. Se eu chegar na casa dele agora e falar assim, ô pai, eu tou com a cabeça doendo. Ele fala: assim: quer que eu te benzo? eu falo assim: ah! não vai resolver ,eu tomo Doril, eu tomo Anador. Então eu acho assim, que tudo é quando a gente acredita naquilo e eu não acredito ni macumba...não acredito. Eu não acredito...Eu falei com Raquel, uma amiga minha do Congado que bate caixa: Se macumba existisse ou o mundo era tudo uma maravilha ou então era tudo ruim. Porque a gente ia resolver os problemas na macumba, ou então ia por todo mundo ruim na macumba. Então isso aí é um lado ainda que num sei digeri, entendeu?! . Eu ainda tou leiga nesse assunto, porque eu

não conheço centro espírita, eu nunca fui, eu nunca vi um despacho, muita gente fala que viu que não tem coragem de mexer. Nunca vi. Não sei como funciona, apesar de minha família toda entender, eu não, desde pequena a minha família ia, eu nunca fui. Então esse lado eu tenho que procurar mais estudar, prá eu entender e saber direitinho o que é uma macumba!

APÊNDICE E – Fotografias coloridas





Consagração da Guarda



Imperador e Imperatriz do Divino



Cortejo do Divino Espírito Santo

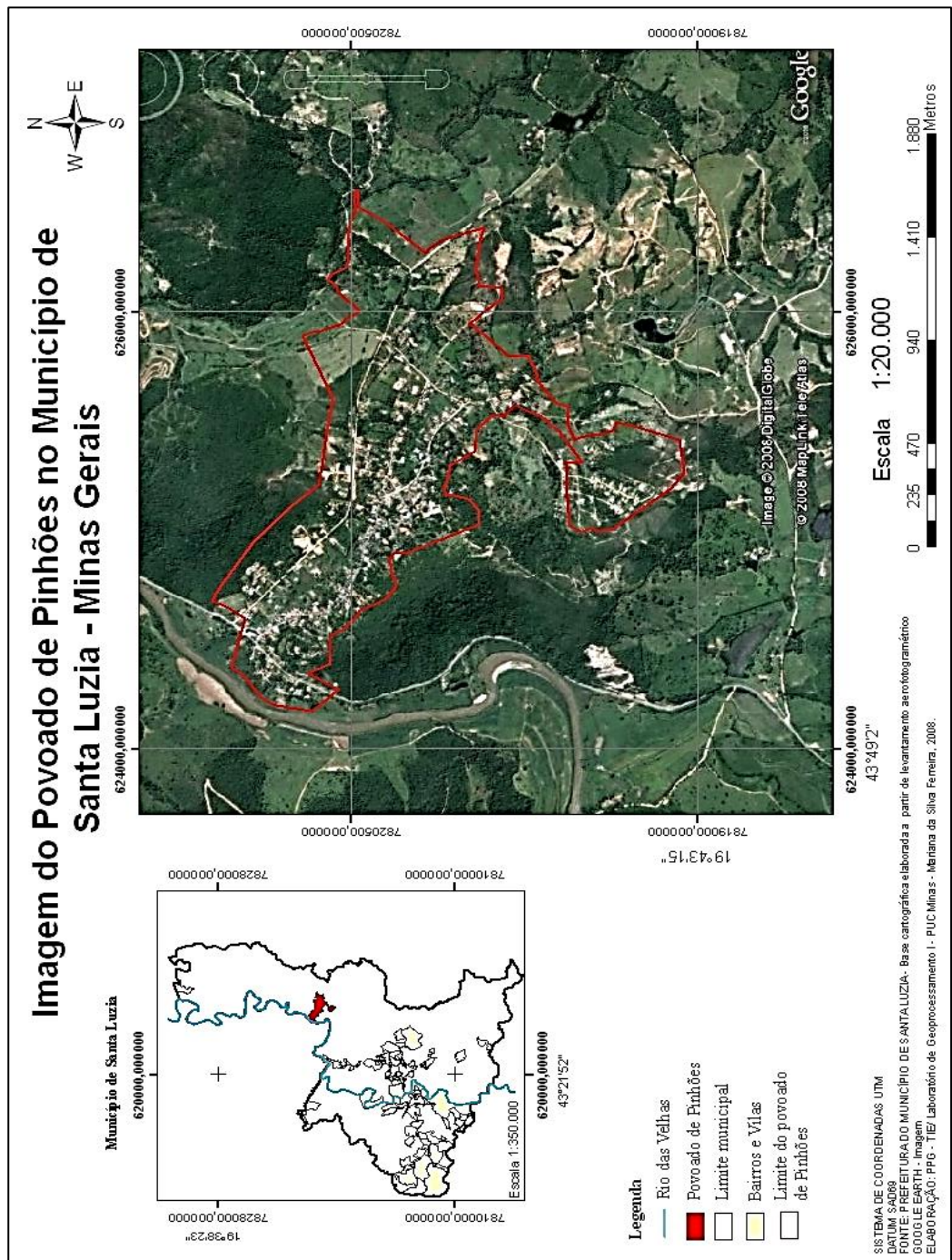


Agradecimento a mesa

Momentos da Missa Campal



APÊNDICE F – Imagem do povoado de Pinhões no município de Santa Luzia/MG



Fonte: BARROSO, 2009.

APÊNDICE G – Pintura em tela, congado de mulheres de Pinhões, 2016



Fonte: ROSA, 2016.

ANEXO A – Termo de Assentimento



PUC Minas

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS P
Pró-Reitoria de Pesquisa e de Pós-graduação
Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

MODELO

TERMO DE ASSENTIMENTO

N.º Registro CEP: CAAE: 467.187.15.2.0000.5137

Título do Projeto: Entre a Fé e o Poder: Mulheres de Pinhões/MG abrem seu Reinado

Meu nome é **Sandra Helena Barroso** e o meu trabalho é pesquisar **sobre o Congado do Divino Espírito Santo de Pinhões**. Queremos saber porque você entrou para o congado, a fim de ouvir o que você tem a dizer sobre ele.

Eu vou informar você e convidá-la a participar desta pesquisa. Você pode escolher se quer participar ou não. Já pedimos a autorização dos seus pais ou responsáveis e eles sabem que também estamos pedindo seu acordo. Eles já concordaram com a sua participação nesta pesquisa, mas se você **não** desejar fazer parte da pesquisa, não é obrigado a participar. É você quem decide. Se decidir não participar da pesquisa, nada mudará em relação a sua participação no congado. Até mesmo se disser “sim” agora, você poderá mudar de ideia depois, sem nenhum problema.

Neste documento ou durante a sua participação na pesquisa pode haver algumas palavras ou dúvidas que você não entenda, ou coisas que você quer que eu explique mais detalhadamente; por favor, nos avise, pois podemos parar para explicar a qualquer momento.

Você foi escolhida para participar desta pesquisa porque é importante ouvir você, afinal você dança e canta no congado. Se você decidir fazer parte da pesquisa, deverá fazer os seguintes procedimentos:

1) comparecer no dia da entrevista. 2) prestar atenção no que for perguntado 3) responder as perguntas.

Todos os procedimentos que iremos fazer são seguros, no entanto, se sentir algum incômodo com o uso do gravador, é só dizer que faremos o que for melhor para você. Porém, precisamos saber se qualquer coisa diferente acontecer a você em relação aos procedimentos da pesquisa, e você deve se sentir à vontade para nos chamar a qualquer momento e falar sobre suas preocupações ou dúvidas. **Se você não quiser responder qualquer uma das perguntas não terá problema nenhum.**

Esta pesquisa poderá ajudar a compreender sobre a importância do congado que existe em Pinhões.

Av. Dom José Gaspar, 500 - Fone: 3319-4517 - Fax: 3319-4517

CEP 30535.610 - Belo Horizonte - Minas Gerais - Brasil e-

mail: cep.proppg@pucminas.br



PUC Minas

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Pró-Reitoria de Pesquisa e de Pós-graduação
Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

Você não precisará gastar nada para participar da pesquisa. Se você vive longe do local onde serão realizados os procedimentos, daremos para seus pais dinheiro suficiente para pagar o transporte.

Não falaremos para outras pessoas que você está participando desta pesquisa e também não daremos nenhuma informação sobre você para qualquer pessoa que não trabalhe nesta pesquisa. Qualquer informação sobre você terá um número ao invés do seu nome, impedindo a sua identificação.

Depois que a pesquisa acabar, iremos informar para você e para seus pais, os resultados sobre o que descobrimos e aprendemos com a pesquisa. Todo material coletado durante a pesquisa ficará sob a guarda e responsabilidade do pesquisador responsável pelo período de 5 (cinco) anos e, após esse período, será destruído. Se você tiver qualquer problema causado pela sua participação na pesquisa, nós cuidaremos de você. Os seus pais já foram informados sobre isso. Em caso de problemas, devemos fazer tudo o que está previsto na lei para que você não seja prejudicado de nenhuma maneira.

Você receberá uma via deste documento com o telefone e o endereço de contato das pessoas responsáveis pela pesquisa, para tirar suas dúvidas agora e a qualquer momento. Pesquisadores responsáveis: Sandra Helena Barroso, Rua Gama Neto, 521, Barreiro do Amaral, Santa Luzia – Minas Gerais, tel: (31) 36417734 e (31) 99314111.

Se você quiser falar sobre alguma coisa que está te incomodando na pesquisa com alguém diferente daquela pessoa que está realizando a pesquisa com você, e que também manterá segredo sobre você, ligue para o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, e fale com o coordenador, que é a professora Cristiana Leite Carvalho, pelo telefone 3319-4517 ou email cep.proppg@pucminas.br. Este documento será assinado por você em 02 (duas) vias e uma ficará com você para que guarde os telefones de contato.

Belo Horizonte, _____

Eu entendi que a pesquisa é sobre **o Congado do Divino Espírito Santo** e concordo em participar da pesquisa, sabendo que a qualquer momento posso mudar de ideia, que tudo continuará bem.

Nome da criança/adolescente (em letra de forma)

Eu, **Sandra Helena Barroso**, comprometo-me a cumprir todas as exigências e responsabilidades a mim conferidas neste termo e agradeço pela sua colaboração e sua confiança.

Assinatura do pesquisador

Data

Av. Dom José Gaspar, 500 - Fone: 3319-4517 - Fax: 3319-4517
 CEP 30535.610 - Belo Horizonte - Minas Gerais - Brasil e-
 mail: cep.proppg@pucminas.br

ANEXO B – Termo de consentimento livre e esclarecido**PUC Minas****PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Pró-reitoria de Pesquisa e de Pós-graduação
Comitê de Ética em Pesquisa - CEP****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

N.º Registro CEP: CAAE 467.187.15.2.0000.5137

Título do Projeto: Entre a Fé e o Poder: Mulheres de Pinhões/MG abrem seu Reinado

Prezado Sr(a),

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa que estudará por quais razões as mulheres de Pinhões resolveram criar o Congado do Divino Espírito Santo de Nossa Senhora do Rosário de Pinhões/MG.

Você foi selecionado (a) porque é muito importante a sua participação na pesquisa. A sua participação nesse estudo consiste em dizer e descrever a sua experiência no Congado: a coleta de dados será feita em sua casa ou em locais que você julgar necessário. Será feita entrevistas abordando o tema do Congado feminino. Se em algum momento sentir desconforto, você terá toda liberdade de responder ou não as perguntas que lhe serão dirigidas.

Sua participação é muito importante e voluntária e, conseqüentemente, não haverá pagamento por participar desse estudo. Em contrapartida, você também não terá nenhum gasto.

As informações obtidas nesse estudo serão confidenciais, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação em todas as fases da pesquisa, e quando da apresentação dos resultados em publicação científica ou educativa, uma vez que os resultados serão sempre apresentados como retrato de um grupo e não de uma pessoa. Você poderá se recusar a participar ou a responder algumas das questões a qualquer momento, não havendo nenhum prejuízo pessoal se esta for a sua decisão.

Todo material coletado durante a pesquisa ficará sob a guarda e responsabilidade do pesquisador responsável pelo período de 5 (cinco) anos e, após esse período, será destruído.

Os resultados dessa pesquisa servirão para ajudar na valorização da religiosidade e cultura da Comunidade.

Para todos os participantes, em caso de eventuais danos decorrentes da pesquisa, será observada, nos termos da lei, a responsabilidade civil. PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS Pró-Reitoria de Pesquisa e de Pós-graduação Comitê de Ética em Pesquisa - CEP Av. Dom José Gaspar, 500 - Fone: 3319-4517 - Fax: 3319-4517 CEP 30535.610 - Belo Horizonte - Minas Gerais - Brasil e-mail: cep.proppg@pucminas.br

Você receberá uma via deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador responsável, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Pesquisador responsável: Sandra Helena Barroso, Rua Gama Neto 521, Barreiro do Amaral, Santa Luzia- Minas Gerais. Tel: 031 99314111.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, coordenado pela Prof.^a Cristiana Leite Carvalho, que poderá ser contatado em caso de questões éticas, pelo telefone 3319-4517 ou email cep.proppg@pucminas.br.

O presente termo será assinado em 02 (duas) vias de igual teor.

Belo Horizonte,

Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade para participar deste estudo.

Nome do participante (em letra de forma)

Assinatura do participante ou representante legal Data

Eu, **Sandra Helena Barroso**, comprometo-me a cumprir todas as exigências e responsabilidades a mim conferidas neste termo e agradeço pela sua colaboração e sua confiança.

Assinatura do pesquisador Data



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Pró-Reitoria de Pesquisa e de Pós-graduação
Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

PUC Minas **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Pais)**

N.º Registro CEP: CAAE 467.187.15.2.0000.5137

Título do Projeto: Entre a Fé e o Poder: Mulheres de Pinhões/MG abrem seu Reinado

Prezado Sr(a),

A sua filha está sendo convidada a participar de uma pesquisa que estudará por quais razões as mulheres de Pinhões resolveram criar o Congado do Divino Espírito Santo.

Ela foi selecionada porque a sua contribuição será muito importante para a conclusão dessa pesquisa. A participação de sua filha nesse estudo consiste em conceder entrevistas e escrever uma redação sobre o Congado. As entrevistas serão feitas em sua casa ou em locais que indicar para o melhor conforto de vocês. Caso a identificação de sua filha venha a lhe trazer desconforto o nome dela poderá ser omitido.

A participação de sua filha é muito importante e voluntária e, conseqüentemente, não haverá pagamento por ela participar desse estudo. Em contrapartida, ela também não terá nenhum gasto.

As informações obtidas nesse estudo serão confidenciais, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação em todas as fases da pesquisa, e quando da apresentação dos resultados em publicação científica ou educativa, uma vez que os resultados serão sempre apresentados como retrato de um grupo e não de uma pessoa. Sua filha poderá se recusar a participar ou a responder algumas das questões a qualquer momento, não havendo nenhum prejuízo pessoal se esta for a decisão dela.

Todo material coletado durante a pesquisa ficará sob a guarda e responsabilidade do pesquisador responsável pelo período de 5 (cinco) anos e, após esse período, será destruído. Os resultados dessa pesquisa servirão para valorizar a cultura e a religiosidade da Comunidade.

Para todos os participantes, em caso de eventuais danos decorrentes da pesquisa, será observada, nos termos da lei, a responsabilidade civil.

Av. Dom José Gaspar, 500 - Fone: 3319-4517 - Fax: 3319-4517

CEP 30535.610 - Belo Horizonte - Minas Gerais -

Brasil e-mail: cep.proppg@pucminas.br



PUC Minas

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Pró-Reitoria de Pesquisa e de Pós-graduação
Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

Você receberá uma via deste termo onde consta o telefone e o endereço da pesquisadora responsável, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Pesquisadora responsável: Sandra Helena Barroso, rua Gama Neto 521, Condomínio Retiro do Recreio, Barreiro do Amaral, Santa Luzia, MG. 31 36417734 ou 31 99314111.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, coordenado pela Prof.^a Cristiana Leite Carvalho, que poderá ser contactado em caso de questões éticas, pelo telefone 3319-4517 ou email cep.proppg@pucminas.br.

O presente termo será assinado em 02 (duas) vias de igual teor.

Belo Horizonte, .

Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade para minha filha participar deste estudo.

Nome dos pais/responsáveis (em letra de forma)

Assinatura do participante ou representante legal

Data

Eu, **Sandra Helena Barroso**, comprometo-me a cumprir todas as exigências e responsabilidades a mim conferidas neste termo e agradeço pela sua colaboração e sua confiança.

Assinatura do pesquisador

Data

Av. Dom José Gaspar, 500 - Fone: 3319-4517 - Fax: 3319-4517
 CEP 30535.610 - Belo Horizonte - Minas Gerais - Brasil e-mail: